REVISTA DA SEMANA



ELIZABETH II

•

CONTINUA A PEREGRINAÇÃO

•

PORTINARI JULGADO PELO POVO

•

PARTIDO EM DOIS

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:

em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6185 KLCS.

em

1954

TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista



Elizabeth II e seus filhos Anne e Charles, no dia do 4º aniversário dêste, que será o Príncipe de Gales.

ELIZABETH II

EMBORA RAINHA E COM SÉRIOS PROBLEMAS A RESOLVER, DEDICA-SE AOS FILHOS COMO VERDADEIRA MÃE ★ SURPREENDE SUA GRANDE CAPACIDADE DE TRABALHO ★ DESDE JÁ PREPARA O SEU FILHO — PRÍNCIPE CARLOS — PARA SER UM BOM REI.

ELIZABETH tinha 10 anos apenas, quando em 1936 seu tio Eduardo decidiu abdicar e largar o trono por amor a Wally Simpson. Tornou-se, então, a herdeira presuntiva do trono inglês. Muito antes, porém, já se preparava para ser a futura rainha da Inglaterra. Eduardo, com mais de 40 anos não havia se casado e nem parecia, até então, querer fazê-lo.

Como futura rainha, teve uma educação rígida e severa, e sua vida foi muito diferente das meninas de sua idade. A irmã, Margaret, era sua única companheira de brinquedos. Fora disso, estava cercada por professôres exigentes que lhe davam complicadas lições de economia e história constitucional.

Conta sua governante que, um dia, ralhando com a boneca, teria dito:





Elizabeth e sua irmã Margaret, quando garotinhas e brincavam de boneca.



A atual Rainha Elizabeth nunca foi uma boa aluna, o que mostra pela sua fisionomia.



Sua Alteza Real, quando era Princesa, entre os narcisos no Windsor Great Park.

— Quando cresceres serás princesa e não terás companheiras para brincar.

Como as duas princesinhas se aborreciam nos jardins austeros de Buckingham! Dirigiam-se, às vêzes, aos limites do parque e lá, de uma pequena elevação, descortinavam o mundo «livre», as ruas movimentadas que circundavam o palácio. As crianças passavam, cantando e brincando com os livros nos braços, a caminho da escola. «Como a vida seria boa, — comentavam, — se não fôssemos princesas! Poderíamos ir à escola e teríamos muitas companheiras para brincar! Poderíamos comer tantas balas quantas quiséssemos!» E, à noite, brincavam de «faz de conta que somos as filhas do sorveteiro que fica em frente ao portão do palácio». Sim, o vendedor de sorvetes parecia-lhes muito mais importante, no seu uniforme branco do que os paramentados oficiais da guarda.

As duas princesinhas não tinham amigas, nem colegas, nem sentiam as emoções dos imprevistos que tornam variada a existência de uma menina comum.

Sòmente a guerra modificou um pouco a situação. Elizabeth foi engajada no Serviço Auxiliar Territorial Feminino e mandada para uma oficina mecânica em Camberley. O Rei fêz questão que a filha mais velha, futura rainha, desse exemplo de cooperação com o esfôrço de guerra britânico. Ali, por alguns meses, vestiu o macacão caqui das operárias militarizadas, e chegou a sub-tenente.

Depois... voltou para casa, e recomeçou os estudos. Nunca foi uma aluna excepcional, afirmam os professôres. Ao contrário, em matemática e música era abaixo da média.

POUCAS VIAGENS

O fato é que, até hoje, com 26 anos de idade, Elizabeth só saiu três vêzes de terras britânicas: a primeira em maio de 1948, quando foi a Paris onde passou cinco dias; a segunda, em dezembro do ano atrasado para visitar, em Atenas, a família de seu marido e a terceira para visitar a Itália — viagem essa que, conquanto de caráter oficial — foi sua segunda lua de mel com Filipe. Hospedaram-se em Roma na mansão que pertencera a uma princesa russa — Zenaide Wolkonsky — que fôra amada por Alexandre I. Era um local romântico, com parques sombreados por alamedas de pinheiros. Ruínas antigas e monumentos exóticos foram construídos ali pela melancólica princesa russa.

Mesmo nas terras de seus domínios viajou relativamente pouco: Africa, Canadá e algumas viagens a Malta, onde foi encontrar-se com Filipe quando êste lá estava de serviço. Estas últimas viagens, realizadas quando ainda herdeira do trono, não foram vistas com bons olhos pelos inglêses que a acusaram de ser mais espôsa e mulher do que futura rainha da Inglaterra.

FILIPE

A verdade é que, seu casamento com Filipe, conquanto realizado por razões de Estado, e para o qual fôra preparada desde a idade de 11 anos, se transformara num casamento por amor. Viram-se pela primeira vez num jantar, no palácio de Buckingham, em 1931. Filipe,



Durante a última guerra, Elizabeth prestou os maiores serviços no trabalho de defesa civil da Inglaterra, chegando ao pôsto de sub-tenente.



A herdeira do trono, ainda muito jovem, tinha que desdobrar-se para cumprir programas de grande responsabilidade, que a deixavam exausta.



No tempo em que era Princesa, Elizabeth em companhia de sua irmã, Margaret Rose.



Ao completar 21 anos de idade e de volta da África, onde estivera, fala a seu povo.



Democrática, dansa com o herói Rupert Nevill, num baile com fins beneficentes.

na ocasião, era apenas um príncipe grego, herdeiro de famílias polonesas, alemãs e inglêsas. Sòmente depois da guerra obteve naturalização, ainda que muito antes já servisse na Marinha Inglêsa. Corre em suas veias sangue inglês, sendo descendente, por linha feminina, da rainha Vitória. As famílias inglêsas tradicionais, mesmo assim, torceram o nariz ao saber do noivado de Elizabeth:

— «Não é possível que a princesa se case com um grego!»

Não, Filipe, não era um estrangeiro! Fôra educado desde pequeno na Inglaterra e na Escócia e escolhera por vocação uma profissão bem inglêsa: a Marinha.

Durante a guerra participara da célebre batalha de Matapon em 1941, em que os inglêses, com 3 navios, afundaram 2 navios italianos, em 5 minutos: o Razz e o Fiume.

Hoje, Elizabeth e Filipe se entendem às maravilhas. Êste procura mesmo ajudar sua espôsa e tirar-lhe dos ombros tôda parte de trabalho possível. Ocupa-se dos compromissos oficiais que seriam muito pesados para a Rainha, como: subir em aviões, descer às minas de carvão ou ir para alto mar em navios de guerra. Filipe fêz mesmo questão de ser nomeado presidente da Comissão de Coroação, a fim de poupar à espôsa as preocupações com essa cerimônia. Considera, também, de seu dever, livrar de vez em quando a Rainha da maçante roda que a cerca, para que ela tenha momentos de descanso. Uma vez convenceu-a a aceitar um convite para jantar com o artista Douglas Fairbanks Júnior, apesar das reprovações do partido conservador...

O PRINCIPE CARLOS

A educação do príncipe Carlos, e da princesinha Ana, é um dos pontos discutidos constantemente pela Rainha e seu espôso e... parece que não estão muito de acôrdo quanto a isso. Elizabeth gostaria de dar ao filho a educação que teve, para que, ao subir ao trono, sucedendo-a, esteja perfeitamente preparado para ser Rei. Filipe e Margaret, acham que o principezinho deve ter uma educação em comum com outros meninos. Filipe acha mesmo que um estágio no mar, lhe fará muito bem, quando passada a adolescência.

Um dia perguntaram ao prícipe Carlos o que desejaria ser quando crescesse... e êle resolveu a questão, respondendo sem titubear:

— Quero ser condutor de ônibus!

O menino impressiona-se sobretudo pelos soldados e seus uniformes. Quando lhe falaram sôbre as próximas festas da coroação, comentou:

— Sim... eu sei o que é... Mamãe estará com uma coroa e com uma porção de soldados em volta dela!

Dentro em pouco, o príncipe Carlos receberá o título de Príncipe de Gales, como todos os herdeiros ao trono inglês e um dia será o Rei da Inglaterra e de seus Domínios.

R A I N H A

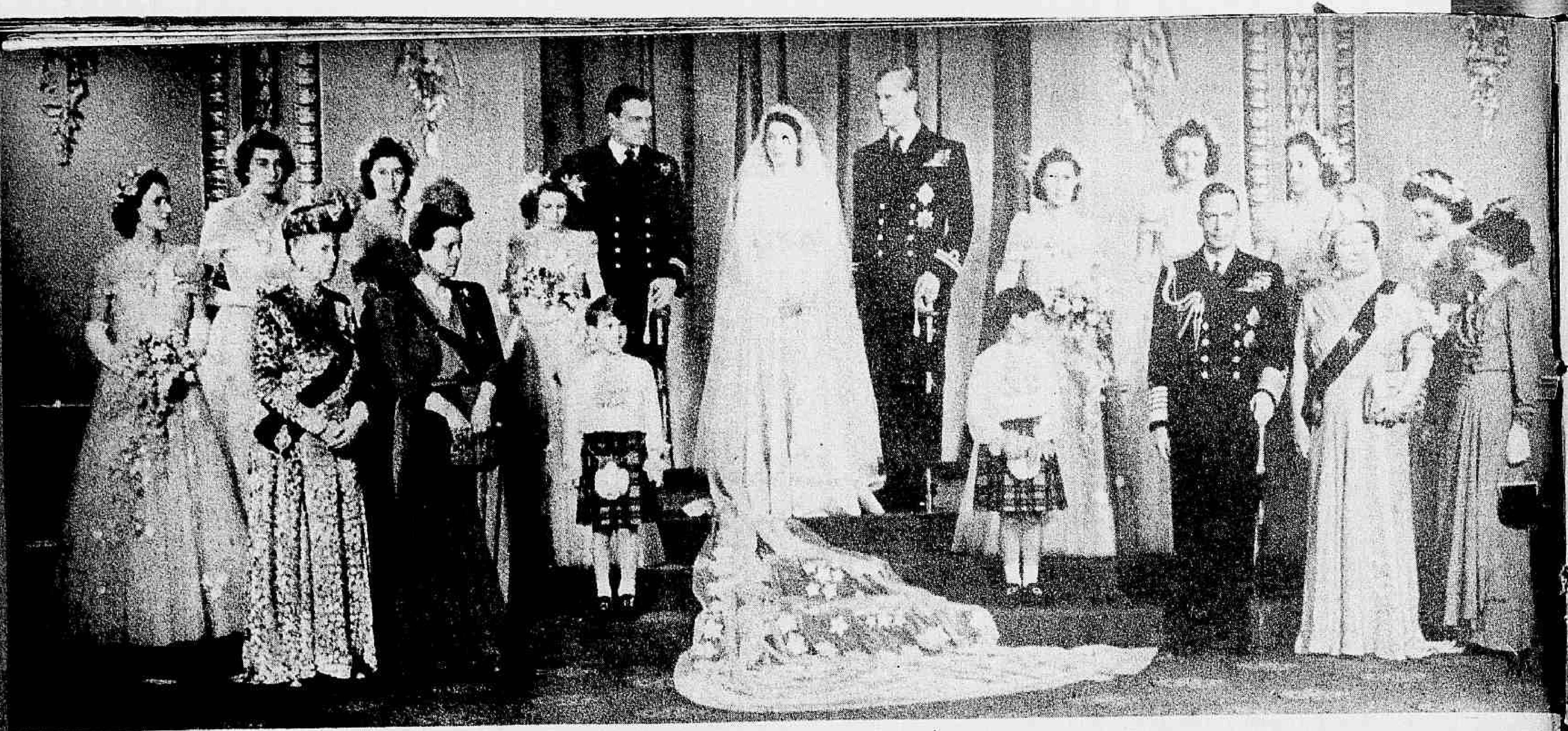
Elizabeth começou a desempenhar suas funções de rainha a partir do dia em que Jorge VI faleceu, em fe-



Nesta cerimônia há sete anos passados, recebia a princesa Elizabeth o título honorário do País de Gales, de «Bard», como legítima Windsor.



Em abril de 1950, Elizabeth visita a ilha de Malta, possessão britânica do Mediterrâneo e passa em revista a Real Artilharia, entre aclamações.



Aspecto das celebrações do casamento da então Princesa Elizabeth com o duque de Edinburgo, no Buckingham Palace, a 20 de novembro de 1947.

vereiro de 1952. Desde então sua vida passou a ser muito mais prêsa, muito mais controlada e muito mais cheia. Tem que dar conta de seu papel de rainha, de espôsa e de mãe... e não lhe sobra tempo para mais nada. Não é tarefa fácil ser rainha da Inglaterra!

Desempenha, porém, a função com perfeição. Há pouco tempo um de seus consultores escreveu:

«A Rainha é um fenômeno! Tem um cérebro que parece de aço e possui uma tal compreensão de suas funções que dá conta de todo o trabalho em metade do tempo que levava o Rei seu pai. Creio que isso é devido ao fato do Rei ter subido ao trono de maneira imprevista, quando já era um senhor de meia idade. A Rainha, ao contrário, preparou-se para tal situação na maior parte de sua vida.

UM DIA CHEIO

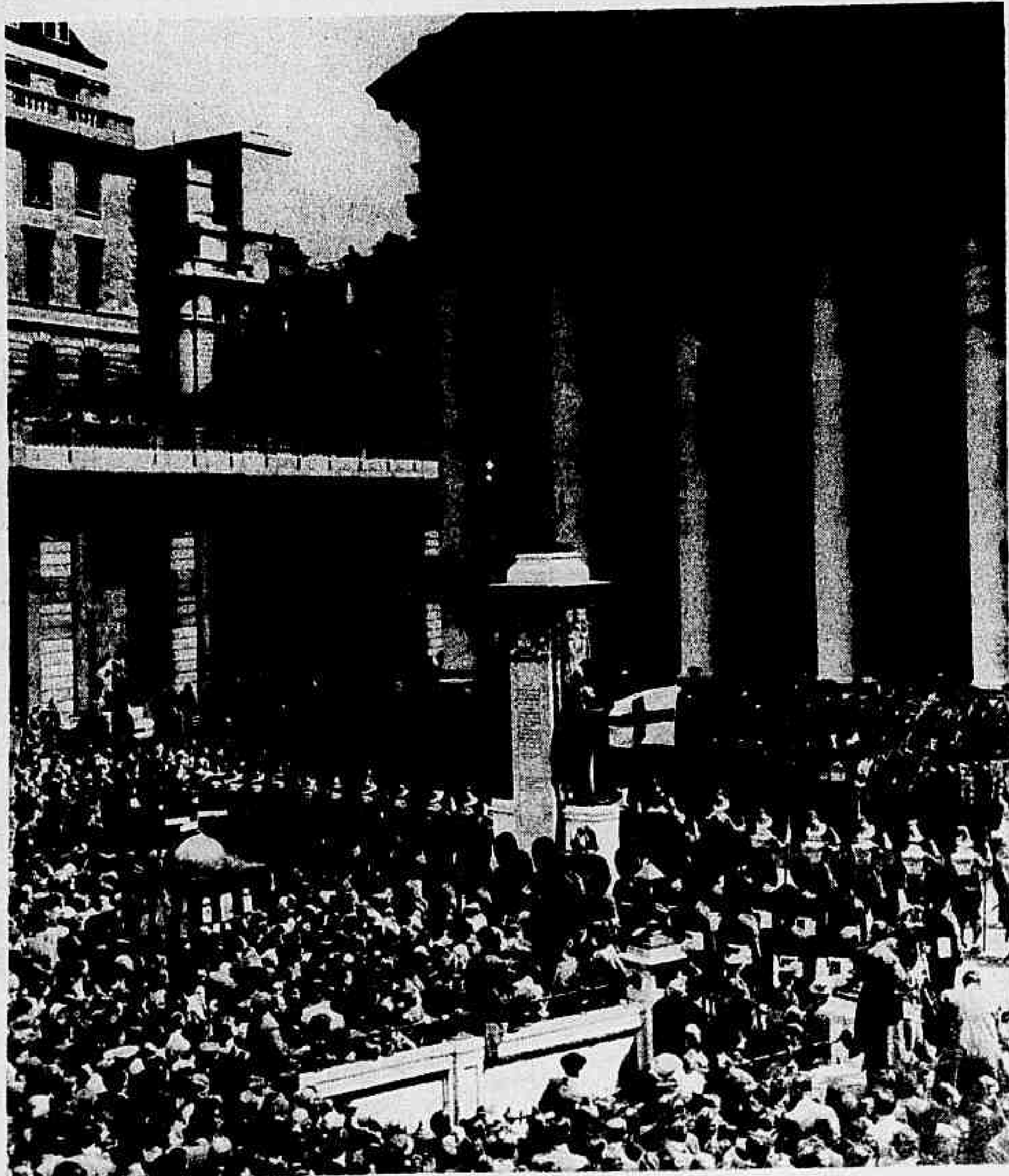
Elizabeth e Filipe começam o dia às 8 horas da manhã ouvindo o programa noticioso da BBC, como, aliás, quase todos os casais britânicos. Meia hora depois conversam sôbre o que ouviram pela emissora, enquanto tomam a refeição matinal. A seguir, enterram-se na leitura dos jornais. Elizabeth percorre, no mínimo, três jornais cada manhã, sem deixar de ler as páginas esportivas.

As 9,15 chega a «nurse» com as crianças. Durante meia hora o casal se distrai com os filhos. Ao baterem 10 horas inicia-se o dia de trabalho da Rainha: cartas e documentos para ler, papéis para assinar...

Sua primeira audiência é dada às 11,30: um embaixador estrangeiro, um prelado ou o governador geral de algumas das nações da Comunidade Britânica que vem almoçar com a Rainha. Depois do almôço realiza algumas visitas públicas: hospitais, escolas, navios, inauguração de uma exposição — sempre com um discurso improvisado, pequeno, gracioso e leve.

A Rainha volta às 5 horas, e brinca com as crianças mais uma hora.

(Cont. na pág. 40)



Solenidades levadas a efeito em quatro pontos da cidade de Londres anunciando a subida da Rainha Elizabeth II ao trono, em 1952.



S. Majestade a Rainha Elizabeth II, em vestes parlamentares, bordadas a ouro, com a coroa de diamantes e pérolas, ao lado do espôso.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 23 ★ 6-6-53

SUMÁRIO

Elizabeth II 3/ 6
Continua a peregrinação 25/31
Partido em dois o Duque de York 48/49
Portinari julgado pelo povo 50/53

●

Algumas árvores 7
O Marechal de Ouro 10
A Mulata Simplícia (conto) 11
O Labirinto do Tesouro (conto).. 12/13
Semana Literária 15
A Bem-Amada (romance) 22/23
As grandes amorosas da história (Cleópatra) 32/33

●

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 9
A personagem da semana 9
Corréio da Revista 35
Janela sôbre o mundo 36/37
De Cinema 39
Arabelle 41
Último Flash 54

●

O riso dos outros (humorismo).. 14
A luz da psicanálise 20
A Saúde do Bebê 42
Para as noivas juninas 43
Festas juninas 44/45
Week-End na Cozinha 46
O dia dos namorados 47
Sugestões para o lar 47

Capa: Rainha Elizabeth II
(Foto Barom)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J.M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

●

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia , Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 56 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6º andar, Sala 60.



Algumas árvores

AGORA que é outono e que as fôlhas caem, deixando as árvores desnudas, os magros braços erguidos sôbre os poentes dourados que se espelham na folhagem sêca, tombada pelas relvas — recordo algumas árvores, lindas árvores que ficaram, para sempre, no jardim da memória, como pessoas, com um corpo e uma alma, entre outras recordações. Amigas árvores de um dia e de sempre, humildes, mas florescendo em cada primavera, sofrendo, em todos os outonos, quando caem as fôlhas...

● Era um coqueiro bonachão e sorridente, aquêle velho coqueiro do sítio... Ficava ali, alegre e farfalhante, nas tardes de oleogravura de minha infância, descuidoso, por entre as outras árvores operosas, os infatigéveis cafezais, as laboriosas laranjeiras — que, mal se vestiam de noivas, começavam logo a fulgir seus pomos dourados — os abundantes limoeiros, as goiabeiras torturadas, tendo aos pés as ramas azafamadas das batatas e os bastões enrugados das mandiocas discretas... Aquêle coqueiro era alegre e boêmio. Sanfichista — dava apenas uns coquinhos amarelos e inúteis, às vêzes... Levava a vida ondulando as palmas, associando às aragens que passavam pelas tardes claras... Filósofo?... Poeta!

● Era uma umbaúba magra, esguia e cinza, com um pequeno penacho de amplas fôlhas prateadas, lá no alto.

Em volta — cresciam os sapés e as samambaias. Solitária e inútil — sem frutos, sem sombra, sem ninhos, no meio do deserto árido das terras exaustas, era um risco, uma ruga, na paisagem... Era uma árvore incompreendida, talvez... Devia ser amarga... Que árvore triste!

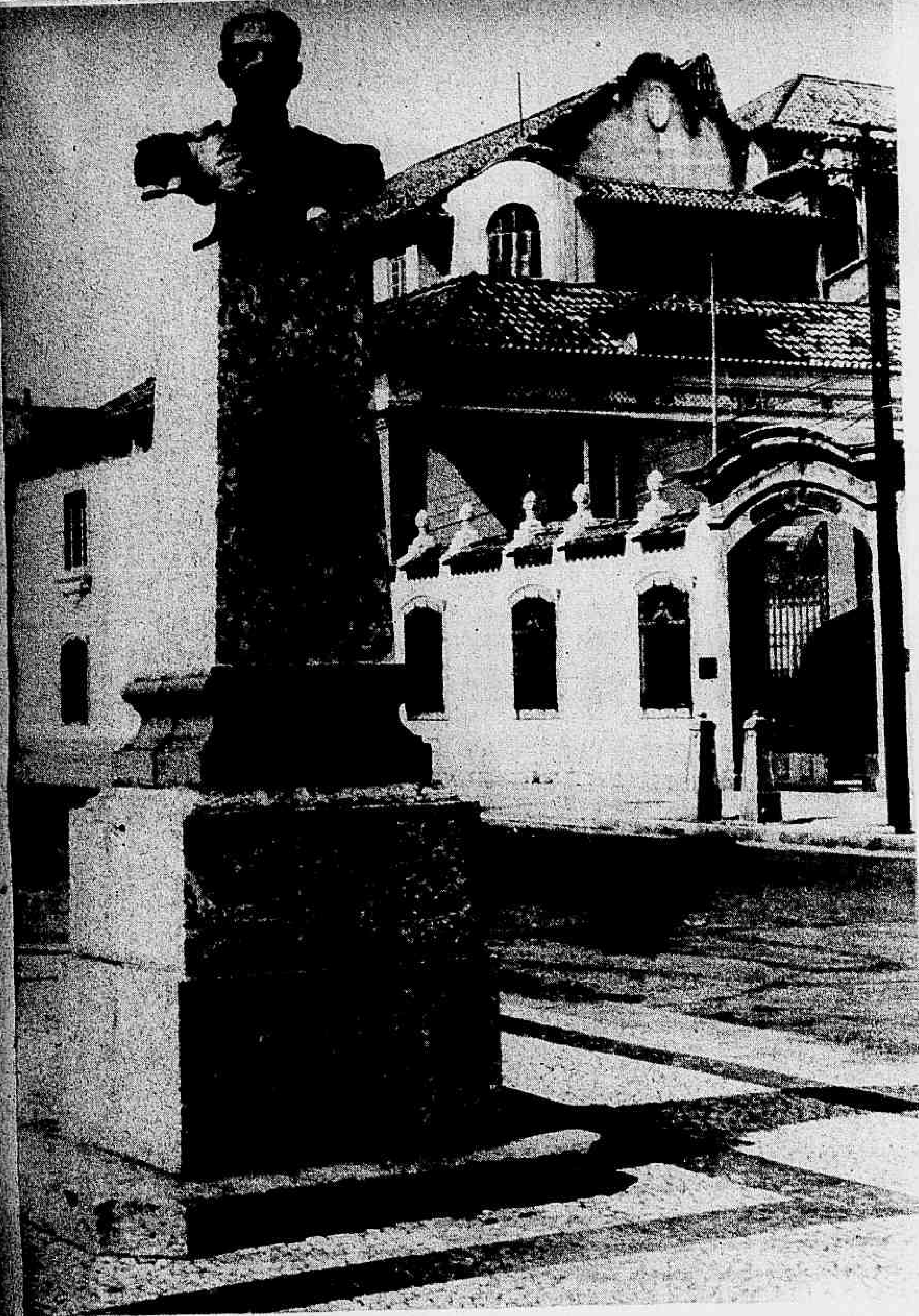
● Era bom, naquele distante outono, ouvir cair as fôlhas, longamente, com um leve ruído indefinível... No jardinzinho cerrado pelos «buildings» altos e pesadões, uma esforçada hortênsia ainda punha uma nota azul-clara nos crepúsculos... E as fôlhas, leves, levemente caíam no nosso coração, como um adeus...

● Da janela alta, víamos as frondes verdes das árvores. Era primavera, um lindo e longo setembro de céus pálidos. De longe, da ruazinha sossegada, vinham fragmentos de um piano e os pássaros tranqüilos voejavam pela ramaria — lembra-se?... Aquelas árvores tranqüilas, no quadro da janela, ensinavam doçura, na sua verde serenidade... E parecia que o silêncio extenso, denso, imenso vinha daquelas frondes quietas... O silêncio e a doçura: por isso, não esquecemos, nunca mais, aquelas árvores amigas, tão amigas, tão verdes, tão quietas... Tão íntimas que ficaram sendo — as nossas árvores...

EDMUNDO LYS

O MARECHAL DE OURO

PEDRO CALMON
(Da Academia Brasileira)



Busto de bronze do Marechal Bittencourt, e, no outro lado da rua, mostra a seta, o local exato em que tombou sem vida o então Ministro da Guerra do govêrno Prudente de Morais, Marechal C. B. Bittencourt.

JUNTO do **Portão de Minerva** do antigo arsenal de guerra, que é hoje o Museu Histórico Nacional, dois pequenos pilares de granito e, no chão, entre êles, uma inscrição em ferro, assinalam o acontecimento que mudou a sorte da República. Em 1897, a uma da tarde de 5 de Novembro, ali morreu o marechal Bittencourt.

Ministro da Guerra do govêrno de Prudente de Morais, Carlos Machado Bittencourt era integralmente um soldado. Tinha a mística do dever, o apurado senso da honra, a intransigência da disciplina num temperamento calmo, de chefe que encarna a autoridade sem a ostentar — inabalável mas discreto. Chamado para exercer aquelas altas funções num momento angustioso da vida brasileira, todo o seu empenho consistiu em reorganizar o exército contaminado de paixões funestas, restituindo-lhe a eficiência e a serenidade. Lavrava então a estúpida campanha de Canudos, que ameaçava de extermínio a elite dessas fôrças, desorientadamente lançada, pela imprevidência e pelo heroísmo — culpados afinal do mesmo êrro — numa aventura equívoca. A terceira expedição, de Moreira César, fôra aniquilada pelos fanáticos. A quarta, de Artur Oscar, corria o risco de também perecer nos «sertões» escaldantes e remotos. O ministro transferiu-se para o centro de aprovisionamentos, no interior da Bahia. Foi fiscalizar a remessa dos socorros. Dominou a situação com a sua diligência e a sua probidade. E assegurou o fim daquilo — com a vitória das armas legais. Aliava ao seu espírito de ordem a austeridade do comando, a dignidade do gesto, a pureza da intenção, a sobriedade da palavra. Representava a tradição militar — de um tempo sem ênfase verbal, sem publicidade, sem exasperações cívicas: regulamentarmente correto. Com êsse aprumo tranqüilo — naquele dia luminoso de Novembro — acompanhou o presidente ao arsenal. Iam receber as primeiras tropas que vinham de Canudos, com o general Silva Barbosa.

Ferviam inquietantes boatos e grupos hostis, em atitudes provocadoras, ameaçavam, em meio da multidão. Voltava o chefe de Estado de bordo do vapor que transportava os batalhões, quando, a dois passos do portão de Minerva, sôbre êle se lançou, garrucha em punho, um anspeçada do 10° de infantaria. Soube-se que era de Alagoas e se chamava Marcelino Bispo de Melo. Falhou o tiro. Esta circunstância permitiu que se avaliasse mais tarde a extensão do «complot» de que era instrumento o soldado. Verificou-se que a pistola de dois canos levava um de tal maneira carregado, que explodiria como uma granada, matando a vítima, o criminoso e os que lhe estivessem próximos. Apenas, mal instruído sôbre o manejo da arma, dera no gatilho errado. Prudente de Morais foi pelos circunstantes afastado, impelido para a carruagem, quase forçado a retirar-se, já então sob aclamações do povo, enquanto o marechal Bittencourt, resolutamente, se atirava ao anspeçada, para o prender. Com uma pranchada de espada o chefe da casa militar, coronel Mendes de Morais, prostrou-o por terra. O ministro clamou, que o não matassem, e tentou imobilizá-lo. Rápido e elástico, nos movimentos de fera acuada, Marcelino Bispo se desvencilhou dos punhos que o detinham, arrancou de dentro do dólmã uma faca, embebeu-a três vêzes no peito do marechal. Feriu ainda o coronel, o alferes que o subjugava, outro, que lhe tomou a faca. Carlos Machado Bittencourt poucos instantes mais teve de vida.

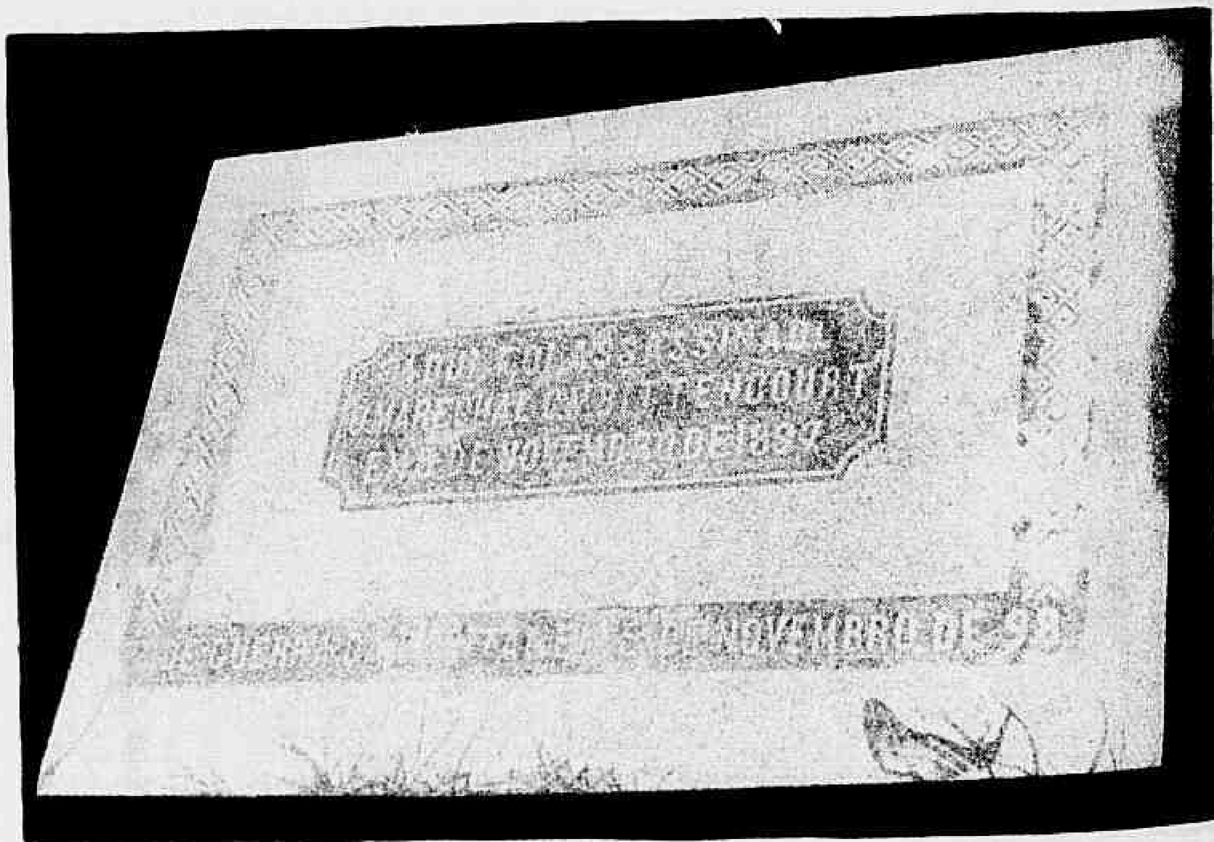
E' imaginar a consternação da cidade, quando correu a notícia do seu sacrifício. Sacudiu a nação um estremecimento de horror; e esta imolação extravasou a crise que, desde 1891, punha à prova o regime. Cricuse logo o símbolo. O «marechal de ferro» consolidara a república, que o «marechal de ouro» pacificava com o exemplo e o martírio. Os funerais dêsse homem admirável tiveram a imponência de uma expiação nacional, a majestade de um remorso público. E sucedeu, à saída do cemitério de São João Batista, um fato inaudito. O presidente impopular e soturno, até aí coberto de baldões pela imprensa «jacobina», que lhe preconizava a renúncia ou a deposição, glacial, silencioso, triste na sua máscara nazarena, na sua palidez doentia, no desgôsto mudo — recebeu a mais tempestuosa manifestação que ainda se fizera a um govêrno. Entre aplausos delirantes a turba virou o carro presidencial, que o esperava, rodeou-o, ovacionou-o, e dali partiu, gritando as suas cóleras vindicativas, a arrasar o adversário d'agora, que ontem era entusiasmo e violência — nas arruaças do largo de São Francisco e da rua do Ouvidor!

O taciturno presidente aproveitou a ocasião: e restaurou a vigorosa ordem da lei, reabilitando o poder civil.

Aquêle humilde monumento ali esquecido, junto da antiga praça de guerra, na ponta do Calabouço, marca essa época decisiva. Quando a república mudou de rumo — carregando nos braços do povo os despojos de um bravo.

Ainda hoje, no nordeste, a lira anônima comemora:

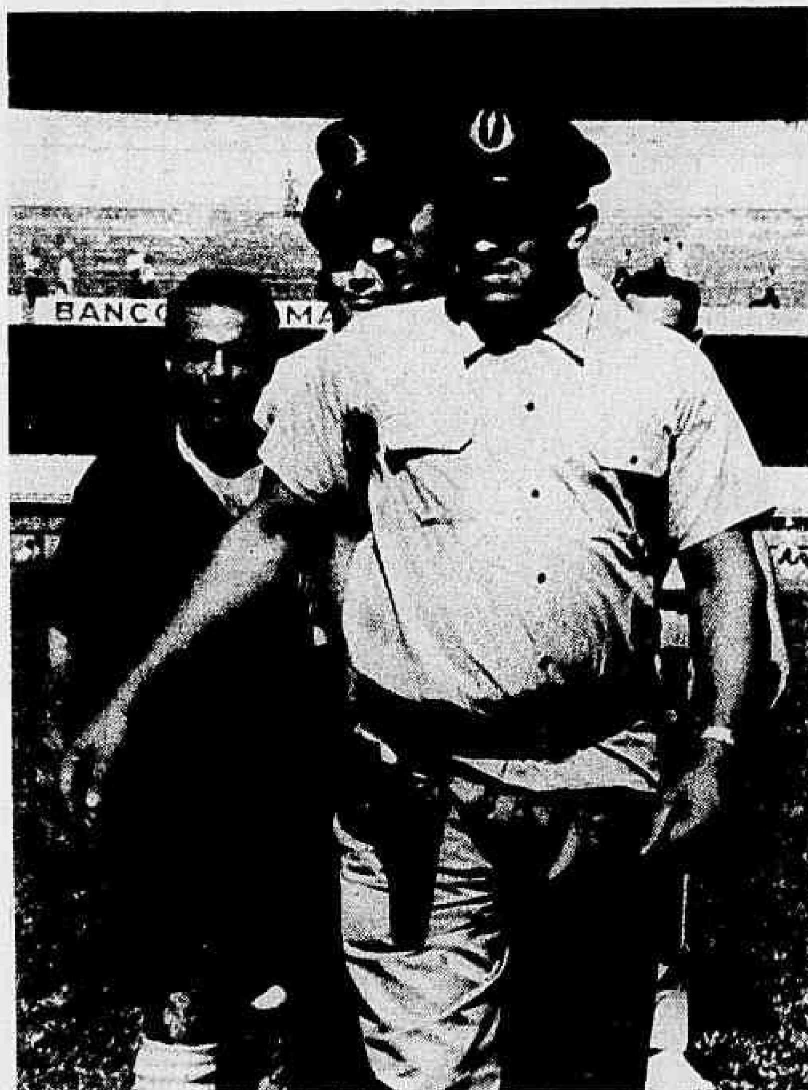
**«A cinco de novembro
Foi a data fatal
Em que se deu a morte
Do brioso marechal.
Seus filhinhos choraram
Pelo mundo inteiro;
Cobriu-se de luto
O exército brasileiro.»**



A placa ao pé das duas colunas-marco, diz o seguinte: «AQUI FOI ASSASSINADO O MARECHAL C. B. BITTENCOURT EM 5 DE NOVEMBRO DE 1897. A. DE GUERRA DA CAPITAL EM 5 DE NOVEMBRO DE 98».

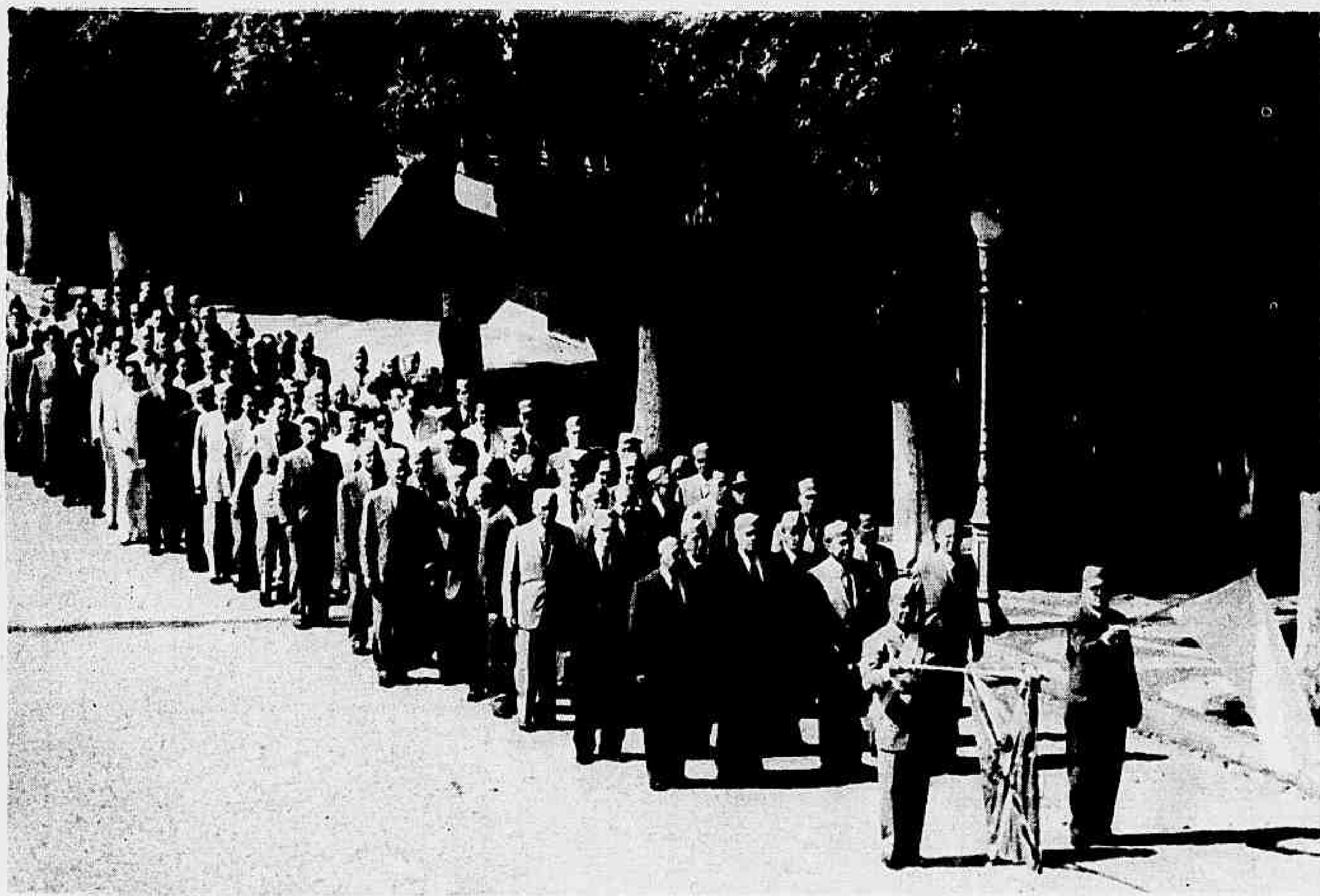


ÊLE, O SENADOR Olavo Oliveira, sexagenário, viúvo com filhos e netos; ela, Eunice de Freitas, com quinze primaveras, jovem lindíssima, cativante e meiga. Ambos descendem de importantes famílias do Ceará. O senador, que também é professor de Direito da Faculdade de Fortaleza e jornalista, não podia suportar a melancolia de uma viuvez prolongada, e se enamorou de Eunice. Ela, por sua vez, embora a diferença de idades, simpatizou com o intelectual e político. Casaram-se em Limoeiro, cidade jaguaribana. Foi o maior acontecimento social do Estado, arrastando milhares de pessoas, inclusive o governador. Sua lua-de-mel foi uma viagem à Europa, via Rio. Bem disse o filósofo: «A razão não conhece os interêsses do coração».



ÊSTE E' O JUIZ de futebol, sr. Jorge Miguel, paulista, e que atuou como árbitro no jôgo de domingo, 24 de maio, no Maracanã, entre a Portuguêsa e o Flamengo. Segundo registraram os cronistas, foi o maior «show» de todos os tempos em canchas brasileiras. Três jogadores do rubro-negro foram expulsos de campo, e, apesar disso, terminou a guerra com dois a dois. A torcida carioca fêz humorismo, escondendo as bolas que caíam na assistência, e, ao devolver uma delas, estava furada! A batalha terminou com generalizada pancadaria da P.E., que, ao garantir o juiz, recebeu garrafadas e seixos. O juiz Jorge Miguel, para escapar dos mais exaltados, teve que ir escoltado pelos gigantes da P.E., em carro-choque, senão...

A SEMANA EM REVISTA



TODOS OS ANOS, desde que foi fundada a «Associação dos Ex-Alunos do Colégio Militar», reúnem-se êsses antigos discípulos daquele estabelecimento de cultura, moral e disciplina, em um almôço de confraternização e de saudades. Na reunião dêste ano coube ao prof. Dulcídio A. Pereira a missão de pronunciar o discurso de recordações. Desincumbindo-se magistralmente, o orador evocou diversas etapas da existência da casa fundada por Tomás Coelho, emocionando os seus colegas de estudos, reavivando-lhes na memória as mais veneradas figuras dos educadores e mestres do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Em seguida, todos os ex-alunos presentes, formaram um pelotão, o «Pelotão da Saudade», e desfilaram em continência a um passado que jamais morrerá.

A PERSONAGEM DA SEMANA



TEMOS que, mais uma vez, considerar como a «Personagem da Semana», o sr. Lucas Nogueira Garcez, chefe do executivo paulista, tendo em vista as momentosas e importantes declarações que o mesmo fêz a um repórter da imprensa carioca, quando de sua última estada nesta capital. Aproveitando-se da presença do sr. Governador de S. Paulo, vindo ao Rio para proferir uma palestra numa das reuniões do «Rotary», o jornalista obteve de s. excia. declarações de caráter político da maior importância para o momento nacional. Afirmou o sr. Lucas Garcez, embora numa rápida referência que «S. Paulo não está interessado na sucessão presidencial como disputante da cadeira do Catete». Sua vinda à Capital Federal teve por objetivo pronunciar uma conferência na citada organização internacional, e o tema abordado fôra sôbre um dos mais sérios problemas: o da energia elétrica. O governador de S. Paulo expôs, com a maior proficiência e conhecimento do assunto, o grande problema que tanto angustia o Brasil e, principalmente o Estado de São Paulo, deixando a melhor impressão em todos os presentes. Mas, o ponto cardeal de sua ligeira permanência no Rio foi o lado político, culminando com as declarações a que já nos referimos. E' que todos os políticos e o povo em geral, têm a impressão de que o sr. Ademar de Barros, paulista e do mesmo partido a que pertence o sr. Lucas Garcez, é, pelo menos, um candidato à disputa da presidência da República no pleito próximo. A declaração em aprêço revela novamente o estado de crise que se vem anunciando, de algum tempo a esta parte, nas hostes do P.S.P.

O PREÇO DA "REVISTA"

Era pensamento da Editôra desta "Revista", só aumentar o preço da venda avulsa para Cr$ 5,00 depois que estivesse totalmente concluída a reforma na representação gráfica da mesma. Contudo, o desmedido encarecimento da mão de obra — por fôrça de calamitosos dissídios coletivos, estimulados e apoiados por todos os meios, para encarecer a vida — determina o aumento agora feito, inteiramente, sem qualquer intuito de lucro.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

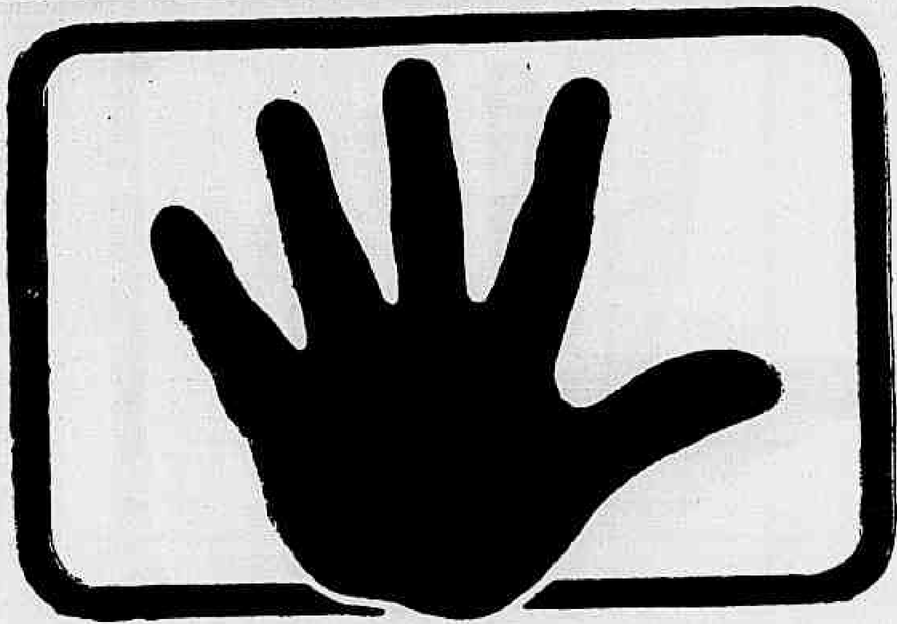
O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

a REVISTA há 50 anos

7 de junho de 1903

TYPÕES

QUEM passa agora pela rua do Ouvidor sente a falta de alguma cousa e essa cousa que falta é o typo da rua, ou mais propriamente o typão, barulhento bohemio roto, faminto de pão e sedento de alcool, que, outr'ora era encontrado aqui, alli, em todas as esquinas, fazendo discursos, agglomerando a garotada á roda dos seus disparates, de reclamos de todos os feitios e de todas as côres.

Os typos de rua caracterisam as grandes cidades tumultuosas, imprimem-lhes um aspecto de alegria, de folgança, de civilização polychroma, dão-lhes gargalhadas e fazem-lhes, principalmente, muito ornamento, em meio da eterna monotonia dos transeuntes muito serios, sujeitos preoccupados com negocios obrigados á jamegão e á estampilha e algarismos ferozes, de dentuça á mostra.

Ha alguns annos atraz não havia modos de um inglez austero, anglicano de cabellinho na venta, manter a linha durante o percurso da rua do Ouvidor, de extremo a extremo: tinha de esbarrar por força com o Principe Obá, com o Castro Urso, com o MARIA CACHUCHA, com o PAE DA CRIANÇA, com o BACHAREL, com o Seixas, com o VINTE E NOVE, e, esbarrando com qualquer um desses figurões de feição caricata, pernas zambras e fecundia bestiologica, havia de rir, de rir á bandeiras despregadas, porque essa gente sabia a grande arte de escaldar o espirito dos outros, transmittindo a sua salerosa «verve» de arlequinos a todas as almas e a todos os temperamentos.

Hoje, só se sente o vacuo que elles deixaram. Desapareceram todos, uns atraz dos outros, de «cambulhada», carregando para a eterna obscuridade em que se foram emergir toda a philosophia de seu tempo, toda a psychologia de lazzarones, que exprimiam as suas phisionomias abertas, em regosijos ao ar livre e ao sol cantante.

Por ultimo, foi-se o «Bacharel», que era a figura mais classica de toda essa pleiade de sem domicilio e sem nome.

O «Bacharel» era celebre, maxime pela sua maneira de ver e desprezar á inconsciencia das turbas.

Elle vivia das suas illusões, sabendo illudir os outros.

Era formado em varias sciencias sem systema nenhum e, no emtanto, sempre concebeu um grande systema de viver, convencendo-se de que era tudo quanto não devia nem podia ser. (Avilovrác.)

AS NOSSAS GRAVURAS

● ILHA DO GOVERNADOR — A nova ponte da Freguezia, para atracação das barcas da Companhia Cantareira, mandada construir pela Prefeitura Municipal e solemnemente inaugurada no dia 10 de maio, em meio das effusões de alegria dos moradores da pitoresca região do Districto Federal.

Uma lancha da Inspectoria de Mattas Maritimas, approximando-se da ponte da Freguezia. — Vista geral do logar denominado «Freguezia». — Benção da ponte da «Freguezia» solemnemente inaugurada no dia 10 de maio.

CRIANÇAS ENGRAÇADAS

É um dos usos, ou melhor, um dos abusos da nossa terra, isto de nos fazer ouvir graças e pilherias das crianças. O riso tem de vir para alli á pulso, e triste do que não souber achar graça nos pequenos que lhe são apresentados.

Vae um pobre mortal visitar um amigo, a quem deve obrigações, ou com quem quer manter amizade e, d'ahi a meia hora, ahi estão os pequenos na sala, a fazer diabruras de todo o feitio e a conversa adeus: ou é sobre elles ou então não se prosegue.

E' uma das taes gracinhas que vamos narrar aqui. Estavamos eu e um collega de visita á uma familia moradora nesta cidade, quando a conversa como sempre, descahiu para as crianças alli representadas por uns dous ou tres pirralhos.

— O mais engraçado delles diz a mamã, é o Chico, o menor. Aquelle, sim, tem graça a valer. O' Zezinho, vae chamar o Chico.

— Eu, não.

— Vae chamar.

— Não vou, não; elle está de camisa suja.

E' solicitada ou ordenada a intervenção da ama secca, que, afinal, traz o Chico, que apparenta tres annos, embora tenha cinco.

Choraminha e, porfim, fica sentado, mudo como um peixe, em uma cadeira, ao lado da mamãe.

— Anda, Chico, diz uma gracinha para estes senhores ouvirem. Olha que ganhas doce.

O Chico olha para nós e... bico. Depois de algum tempo, porém, de variadas promessas volta-se para nós e diz:

— Retroz preto.

Todos da familia caem na gargalhada: o Chico tinha dito uma gracinha. Sahimos encalistrados porque não tinhamos rido. (Otto Prazeres.)

● Ora, vê tu, se eu posso ter um momento de meu. Vês este monte de papeis? Tudo isto são convites!

— Com a breca! Para jantares? Para bailes?

— Não; para ir pagar as contas.

● Reflexão melancolica de um recem-casado:

— «Antes do meu casamento, minha mulher era-me «cara» e eu era o «seu thesouro». Agora ainda lhe é mais «cara» e eu sou o seu «thesoureiro».

A MULATA SIMPLÍCIA

MAL clareava o dia, lá estava ela, curvada na beira da tina, batendo roupa. Maria Simplícia tinha muito orgulho daquela propriedade, era uma chácara, uma beirada de morro tôda cercada de estacas ponteagudas, que os moleques arrancavam para roubar frutas. Sabia da vida de todo o mundo. Ninguém prestava. Era mais conhecida em Rio Prêto que o italiano Ferraro. Teve paixão pelo prêto Marcos, mas aconteceu algo que atrapalhou. Então, agora não queria mais, não seria muleta de negro velho. Preferia o Ferraro, tinha boa voz e não cuspia no chão. Neste tempo, o marido estava às portas da morte, miudinho, o corpo de menino a tremer de febre. Ela olhava para êle e pensava: — Cruzes! Como a morte chupa a gente! Um pretão atleta!... Ficou viúva e o italiano continuou a visitá-la. Então, quando ouvia ao longe o trêmor da voz do Ferraro, cantando para comer e beber, parava de lavar, espetava os olhos no chão, e ficava recordando, as brutalidades dêle, as gargalhadas. Dizia ter ela a fama de feiticeira, e, nas noites de São Bartolomeu, virava cachorro e passava rosnando nas asas da ventania. Mas o fato é que o italiano era amigo certo. Chegava inesperado, enchia a cozinha dela de um vozeirão, que lhe causava confortadora alegria. Queria tão pouco o coitado. Um café ralo e bolinhos de fubá. Nunca se queixava da vida. Mostrava retratos amarelecidos pelo tempo. O da mulher, muito gorda, parecia cega, mas era defeito de fotografia. O dêle, soldado na África, igualzinho a um valete de copas. Simplícia coçava o queixo, observando-o agora, os bigodões e cabelos vermelhos: era ver um rei de ouros. E o tempo foi passando. A aranha da vida, caprichosa, a tecer convivências, intrigas; uniu-os com macieza. Ela não via a velhice dêle, nem o Ferroro notava-lhe a côr de bronze. Não tinha dúvidas de que êle gostava de vê-la contar, horas a fio, sacudindo as cadeiras, tôda molhada, estalando com violência a roupa no batedouro. Via lá muito longe a fumacinha do cachimbo dêle, sentado à soleira da porta. Gritava com nervosa estridência, arrepiando a nostalgia da tarde:

— Una bandeei..rá
— De tré coloo.. rê
— Una bandeira pio béla!
— Io lá amo de tuta córe,
— Io lá amo de tuta córe,
— De tuuta coore de tuta coore!...

Muitas vêzes, quando regressava, ao escurecer, sacudindo a espuma dos braços, êle estava deitado ali no chão, ressonando, o cachimbo apagado, e vazia a garrafa de pinga. Começava a luta de arrastá-lo para dentro da cozinha, pesado como chumbo. Feito isto, acendia o fogo. Sabia que antes de os galos cantarem, êle estaria novamente sentado, a fazer discursos, a cara vermelha como o fogo, movimentando os braços, blasfemando em dialeto, do qual ela só comprendia e não gostava do «Porca lá miséria», aliás em substituição a outro que êle não mais repetia, olhando a santa lá na parede. Estava sempre de acôrdo com a amiga, sôbre a vida errada daquela gente tôda, com uma diferença, nunca via com os próprios olhos as cenas que pareciam verdadeiras, contadas com tantos detalhes. Simplícia apresentava sempre uma novidade forte, que o fazia parar de falar e ouvi-la, apesar do estado de embriaguês. Não conseguindo atenção, empurrava-lhe um prato de macarrão. Ferraro comia num instante, devolvia-lhe o prato vazio e acomodava-se novamente para dormir. Simplícia acendia o cachimbo e ficava pensativa olhando para êle:

— Deu-lhe na fraqueza... Durma, meu branco! Durma!

★

Mas um dia, primeiro de navio, depois de trem, finalmente duas caleches trouxeram para uma casa em Rio Prêto, todo o azar dela, a família do italiano. O Ferraro explicou a chegada, o encontro com o filho Dino, estavam ricos mas precisavam dêle, para assinar os papéis da herança inesperada. Já era outro homem, camisa engomada, sapatos de bicos finos, terno novo. Mas aquelas belezas tôdas realçavam-lhe a velhice. Suava como se Rio Prêto fôsse uma fornalha. A voz muito rouca. Simplícia dizia ser do colarinho duro. Que êle estava se enforcando no luxo. Sentindo-se embora, uma cachorra infeliz, aceitou ser lavadeira da casa dêle. Quando chegava com a trouxa na hora do jantar, ao passar pela sala, via-o, dia a dia mais gordo, devorando pratarrões de macarronada. Nem olhava mais para ela. Desaparecera para sempre da chácara. Só andava agora de caleche. Simplícia adivinhava a em que êle, ia mesmo por trás, porque rodava meio pendida para o lado, tão gordo estava Ferraro. Dois anos durou aquêle desprêzo, com tôdas as característicos, para ela, de mal definitivo. Sòmente por ter dito à patroa, que o patrão engordando assim tanto e sempre, acabaria por estourar, foi destratada. Então, não voltou mais lá. A separação definitiva fêz cair sôbre seus ombros magros, uma tristeza pesada, negra e densa como piche. Às vêzes sentia vontade, mas nunca a resolução amadurecia de ir lá pelos lados onde morava Ferraro. Os meses passaram. Outro ano findou. Ouvia, quando menos esperava, boatos sôbre brigas na casa dêle. Maus negócios. Que o italiano dava por paus e por pedras, gastando o dinheiro a beber. Aquelas notícias ficavam-lhe a roer o pau podre do coração. Parava de lavar sùbitamente, os olhos presos num ponto fixo, sem nada ver, a ouvir o que o pensamento lhe dizia. Quando não, gritava com estridência nervosa, horas a fio, «una bandera de tré colore», a bater com fúria a roupa no batedouro. E surgem outros que lhe dizem, ter a miséria de novo o caçado. Que a família o abandonara, e, vivia, como dantes, cantando pelas ruas, para comer e beber, lá pelos lados de Mira-sol. Deu-lhe uma agonia, cheia de tremores, insônias e incertezas. Vontade de vender tudo, até os

(Cont. na pág. 38)

Conto de O. GOMES DE CASTRO **Ilustração de RAMON**



O LABIRINTO do TESOURO

Por DON WATERS **Tradução de SYLVIA JAMBEIRO**



JOHN PINDAR, ao timão, mantinha a embarcação no rumo, correndo com um leve vento nordeste. Ajeitou o chapéu e seus olhos cansados fitaram os raios do sol que dançavam sôbre as águas. Timmy Albury sentado perto dêle falou desconsolado:

— «Não só perdemos o dinheiro pelo transporte, mas também temos de pagar os prejuízos da última viagem...»

John Pindar respondeu:

— «E', a tormenta nos castigou bastante. Quando o encerado, que cobria a escotilha principal, se rasgou deixando passar água, a farinha e o açúcar ficaram molhados. Malone disse que quase tudo ficou perdido. Que as latas de conserva com os rótulos manchados e também enferrujadas não têm saída...»

Timmy o interrompeu:

— «E', mas êle se esqueceu de dizer que a farinha está quase tôda boa, a não ser a parte encostada no saco, a água não entrou nem uma polegada. E as latas de conserva... mais da metade das que êle tem lá para vender já são enferrujadas e não creio que por isso êle baixe um centavo sequer no preço...»

John Pindar olhou o mastro maior antes de responder:

— «Êste é o negócio dêle, Timmy, e êle é um bom comerciante e em todos os meus contratos com êle eu nunca levo a melhor. Na maioria das vêzes saio como entrei e em outras só êle tem lucro, mas tenho que reconhecer que êle é um homem de palavra». Estendeu o olhar para o este onde viam as escarpas de uma ilha com uma fila de coqueiros no alto, parecendo uma crista. Olhou novamente para o companheiro e recomeçou a conversa:

— «Malone me fêz uma proposta. Ofereceu a venda da carga com uns vinte e cinco por cento de menos ou então eu podia concordar em pagar os prejuízos. Aquêle não sai perdendo de jeito nenhum. Além do mais, êle sabia que eu não tenho dinheiro para a transação. Se êle soubesse que ainda estou devendo as velas da embarcação e que a conta dos estaleiros ainda não foi paga... apertaria ainda mais a proposta. Ah! é muito duro ganhar a vida honestamente com uma embarcação a vela... E cá estamos novamente fazendo uma viagem por conta dêle. Se esta também fracassa...»

— «Mas ainda resta a possibilidade de têrmos um pouco de sorte. (falou Timmy esperançado) Lembra-te daquela vez que encontramos no mar vários tambores de gasolina perdidos por um navio durante um temporal. Salvamos uns duzentos, não?»

John Pindar abanou a cabeça:

— «Sim, uns duzentos... e ganhamos uns dois mil dólares. Mas isto foi há muito tempo. Daí para cá só temos encontrado tubarões e temos pescado nos arrecifes. Temos recolhido conchas e algas e transportamos côcos de Andros e sal de Inagua, cargas das ilhas Turcas e provisões para Cayo Conceição. Muito trabalho e pouco lucro.»

Moveu o timão, o barco deu uma volta para evitar uma mancha escura na água que escondia rochas cobertas de algas. Restabeleceu o rumo e dirigiu-se diretamente para uma ilha, dizendo:

— «Pois é, se viajamos tranqüilamente no verão, vem um furacão e nos arrebenta no outono. Lutamos com uma corrente no Golfo e vamos e viemos do lá para cá... e tudo para que? Só para ganhar uma mísera diária...»

Timmy observou:

— «Ora, convenhamos, John, havemos de nos sair bem. As horas mais sombrias são as que precedem à aurora.» .. ..

E os dois homens se calaram enquanto a embarcação rumava lentamente para a ilha. Depois de prolongado silêncio, John Pindar tomou novamente a palavra:

— «Nós não nos daremos por vencidos até que possamos aprumar. Quando um homem gasta as solas dos sapatos, ainda lhe restam os pés, felizmente.»

E os dois se puseram a rir, olhando os próprios pés descalços, mas não havia muita alegria em seus rostos. A ilha estava perto, o vento estava fresco, a barca movia-se lenta, e John falou:

— «Bem, a brisa quase findou, vamos baixar a âncora... provàvelmente escurecerá antes que haja vento suficiente para que possamos seguir.»

E apontando a praia a meia milha de distância:

— «Iremos a terra apanhar uns caranguejos para comer.»

Quando a barca se achava a algumas jardas da ilha, John moveu a roda do timão e a proa girou, ficando de frente para o vento. Timmy correu pela coberta claudicando um pouco por causa de uma antiga lesão. A âncora deceu ruidosamente. Recolhido o velame, minutos depois meteram-se em um bote, que traziam rebocado, e foram para terra.

Com seu arpão em punho John, se pôs a vadear pela orla rochosa. De vez em quando descia o arpão e recolhia um crustáceo, lagosta ou caranguejo. Voltou para junto de Timmy que o aguardava com um saco aberto nas mãos, e disse:

— «Já temos bastante por hoje. Volta ao barco e aferventa-os para comermos. Chamarei com um grito quando quiser que me venha buscar. Vou dar umas voltas por aí para ver se consigo encontrar ovos.»

E lá se foi pela encosta que separava a rocha da maré baixa. Deteve-se um pouco para acompanhar com os olhos Timmy que com o saco às costas se encaminhou para o bote, embarcou e se dirigiu remando para a escuna.

O vento havia parado de soprar, e uma calma absoluta se espalhava por sôbre o mar. A corrente da âncora da escuna pendia reta e imóvel. A água era tão transparente que a embarcação parecia suspensa no ar. John Pindar voltou-se e começou a subir a encosta até chegar a trinta pés acima do nível do mar. Deu uns passos e apanhou uma concha numa rachadura da rocha. Reconheceu nela uma ferramenta deixada por homens que já não mais viviam naquela ilha. A meúdo encontrava conchas semelhantes por ali. Os hucayos, seus primitivos habitantes, as usavam como ferramentas. Com estas conchas e com ajuda do fogo construíam suas rústicas embarcações. John pensou como era fácil a vida para êles: a comida era farta; com aquelas toscas ferramentas conseguiam enfrentar os problemas de construção. Mas chegara a época em que as galeotas espanholas aportaram ali cheias de aventureiros, ávidos de ouro, e os hucayos foram exterminados. John Pindar jogou fora a concha e recomeçou sua caminhada. Uma nuvem de aves marinhas passou chilreando por sua cabeça. Examinou as depressões na rocha, os pássaros começavam a voltar e reunir-se, mas ainda não a pôr. E, de penhasco em penhasco. John começou a descer para a praia. Quando chegou aí notou uma depressão maior, donde brotava um riachinho. Nunca havia visto aquilo ali, embora tivesse muitas vêzes estado ali apanhando marisco. Logo compreendeu porque. A noite anterior fôra de lua cheia e a maré estava muito baixa. Com a água



no nível normal a abertura ficava encoberta. Olhou para o interior da abertura. A caverna se estendia tanto na escuridão, que não podia ver o fim.

Sùbitamente teve uma idéia. Havia ouvido contar histórias sôbre riquezas escondidas naquelas paragens, histórias, certamente, aumentadas em cada relato. Esta fileira de ilhas ao longo do Abaco havia visto muitos homens: contrabandistas, bucaneros, piratas e corsários: inglêses, franceses e espanhóis, uns atrás dos outros tinham roubado, lutado, assassinado e saqueado, e por vêzes, perseguidos, escondiam seus barcos por ali. John Pindar apalpou os bolsos e tirou a caixa onde guardava seus fósforos para que não se molhassem. Junto da abertura da gruta havia umas fôlhas de palmeiras sêcas. Juntou uma porção delas e acendeu com um fósforo. E à trêmula luz improvisada meteu a cabeça pela abertura e olhou para dentro. A gruta se alargava formando uma área grande sôbre um charco e por cima um teto de rocha enfeitado de estalactites de onde gotejava água. John entrou pela estreita abertura. A água se tornou mais profunda, cobriu sua cintura e não tardou a atingir quase os ombros. Segurando alto sua tocha, êle prosseguiu pela passagem que de pronto virava uma curva e a claridade que antes acompanhava suas costas desapareceu. E a caverna se foi estreitando. O teto ia se tornando mais baixo até que, no ponto onde a luz alcançava parecia encontrar com a água. Ia voltar, mas desistiu.

A tocha estava quase consumida. Parecia terminar ali a gruta, mas sentiu uma corrente mais fria atingi-lo, a água vinha dali, havia portanto uma passagem. As fôlhas de palmeira se apagaram, baixou o braço que as segurava, respirou fundo e mergulhou. Suas mãos tocavam de vez em quando as paredes rochosas dos lados da gruta. Suspendeu bem o braço e não alcançou o teto. Levantou a cabeça, baixou os pés mas não achou o solo, a água era muito profunda ali. Nadou mais um pouco e experimentou outra vez e então sim, seus pés acharam solo. Avançou mais um pouco e seus pés descalços pisaram um solo pedregoso. Sacudiu-se e tirou a faca que trazia na cintura. Segurando-se pela lâmina, sacudiu-a para secá-la. Abriu a caixinha onde tinha, protegidos os fósforos, e tirando um acendeu-o, riscando-o no áspero cabo da faca. E àquela luz fraca olhou para a frente... e viu, a um palmo de seu rosto, uma caveira horripilante.

John Pindar teve um sobressalto. Encostado na rocha havia o esqueleto de um homem, verde de limo. Examinou-o ràpidamente: seria um homem baixo, de ombros largos, sem dúvida um dos nativos da região. Mais adiante havia outro esqueleto, emborcado, com uma faca enferrujada, enterrada nas costelas.

Antes que o fósforo se estinguisse, Pindar pôde ver que êste não era um selvagem. Os restos de um cinturão de couro, e os restos de farrapos indicavam que um soldado espanhol ali exalara seu último suspiro.

Haviam deixado ali muitas relíquias — pedaços de metal dourado, balas de canhão, espadas quebradas — lembranças de um tempo em que aquelas ilhas, penhascos, e verdes águas foram parte do expansivo império espanhol. Talvez há uns duzentos anos estariam ali aquêles restos mortais. A luz de outro fósforo pôde ver perto dos esqueletos uma concha de grande tamanho. Uma das estremidades havia sido cortada e a abertura tapada com um pedaço de madeira tropical que resistira de certo modo à ação do tempo. Ao segurá-la sentiu que não estava vazia. O fósforo se apagou e a escuridão o envolveu. Arrancou o pedaço da madeira e derramou o conteúdo na mão, sentiu o contato duro de várias pedrinhas. Mesmo sem ver sentiu que não eram pedras, eram macias e arredondadas, lisas ao tato. Com dificuldade acendeu outro fósforo e viu reluzir tênuamente um punhado de pérolas que brilhavam com reflexos verdes, púrpura, bronze e âmbar.

Moveu-as na palma da mão e contestou que o tempo não as tinha alterado, guardadas como estavam em seu tôsco estôjo.

O coração lhe batia apressadamente. Tinha nas mãos um tesouro. Um sorriso de satisfação lhe iluminou o rosto. Lembrou-se de Malone, da última vez êle havia jogado uma cartada forte. Mas estas pérolas se venderiam fàcilmente em Miami e sem dúvida com bonito lucro. E então teria o dinheiro que agora lhe faltava.

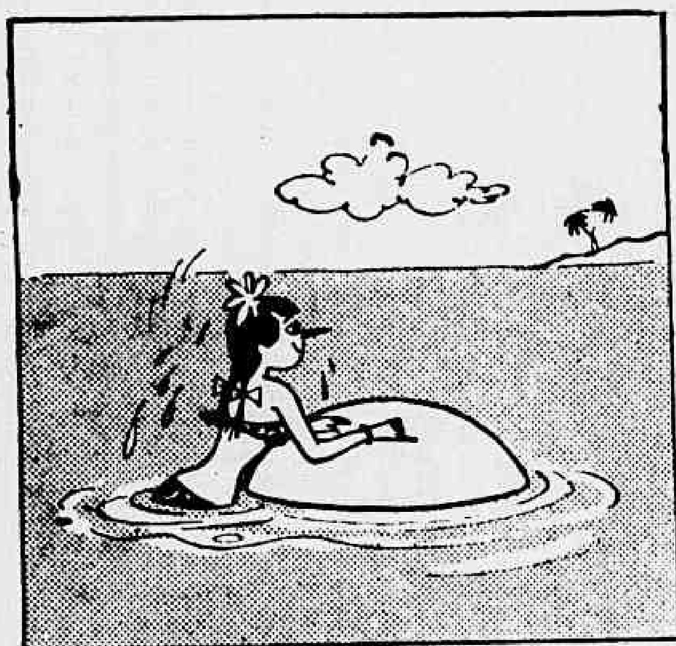
(Cont. na pág. 38)

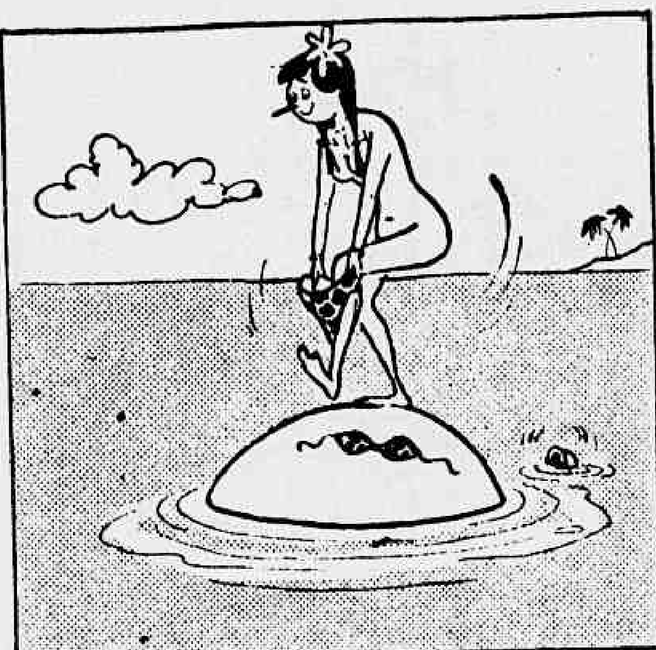
O RISO DOS OUTROS

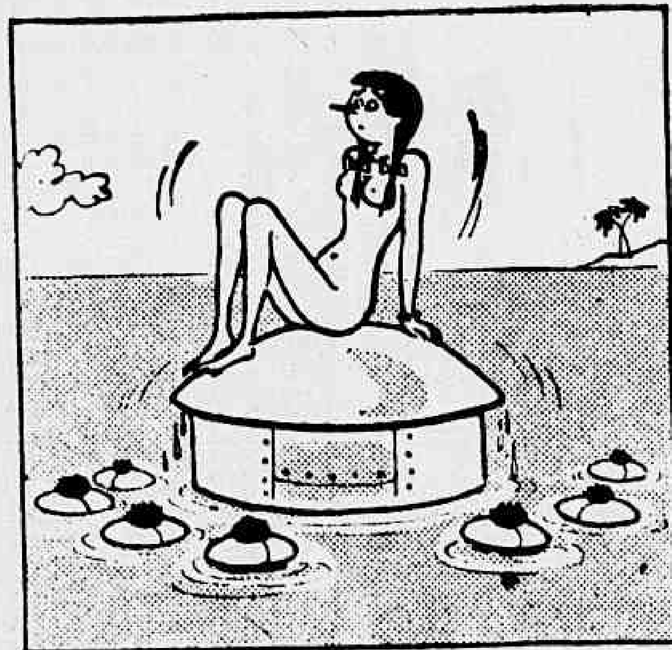


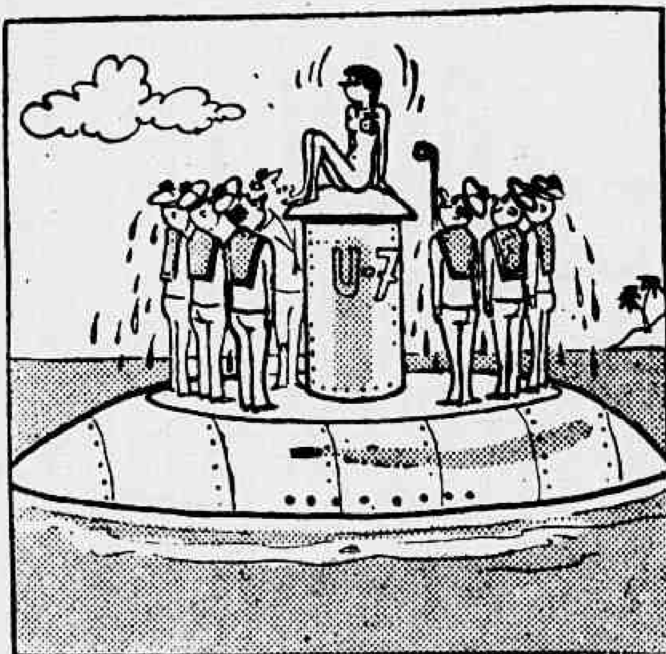


















— Sem palavras...



— Aposto que é aquêle indu rico de ontem à noite...

CONGRESSO DE HISTÓRIA

O Instituto Histórico de Petrópolis, em comemoração do seu XV aniversário de fundação, fará realizar, de 24 de setembro a 2 de dezembro, dêste ano, um Congresso de História, naquela cidade fluminense.

O temário oficial dêsse certame é o seguinte, além do estudo da fundação e da vida do I.H.P.

1 — Pré-história petropolitana: as sesmarias, antigos caminhos, primitivas fazendas, os primeiros habitantes.

2 — Geografia e corografia de Petrópolis Colônia.

3 — Crônica da Imperial Colônia de Petrópolis. Divulgação dos Relatórios Anuais dos seus Diretores. Os Colonos, seus nomes, suas origens, suas propriedades e sua descendência.

4 — História social: os primeiros proprietários por Quarteirões, ruas e praça. Os primeiros comerciantes, hotéis, colégios, etc.

5 — Pessoas que mais trabalharam para a fundação de Petrópolis. Os ofícios e relatórios de Júlio Frederico Koeler.

6 — Dom Pedro II e Petrópolis.

7 — Crônica da Imperial Fazenda de Petrópolis. Publicação dos relatórios anuais dos Superintendentes. A construção do Imperial Palácio.

8 — História das grandes vias de comunicação: Estrada União e Indústria e Estrada de Ferro Mauá.

9 — História religiosa.

10 — Nascimentos, casamentos e óbitos em Petrópolis Colônia. Dados Pedro de Alcântara, do Templo Evangélico e do Cemitério.

11 — História administrativa até à extinção da Imperial Colônia.

12 — Os primeiros estudiosos da história petropolitana.

13 — Fundação do Instituto Histórico de Petrópolis. Os fundadores. Os sócios falecidos.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● HISTÓRIA NATURAL (BOTÂNICA) — Mas quanta beleza, quanto encanto e quanta fascinação encerra o estudo da botânica! Prende o leitor mais insensível aos primores da natureza o volume que Paulo Décourt escreveu para o Curso Científico, e já em terceira edição: História Natural (Botânica), após a publicação de História Natural (Biologia Geral e Zoologia). Trabalho gráfico amplamente ilustrado, com alto gôsto, das Edições Melhoramentos.

● OLIVER TWIST — Não nos cabe, aqui, determinar qual a obra-prima de Dickens — ou, pelo menos, aquela que assim consideramos. Não se pode, entretanto, desconhecer que, transplantado para o cinema, «Oliver Twist» impressionou fundamente as platéias — do Rio e de outras capitais. Aquêle vinco de buril, que Dickens sabia pôr nas almas, para destacá-las — no bem ou no mal, das coisas humanas — está em alguns dos personagens de «Oliver Twist», que as Edições Melhoramentos acabam de tirar do prelo, em volume luxuosamente composto.

● AMOR INOCENTE — Em edição Pongetti, aparece êste romance, «Amor Inocente», de Alexina de Sá, com uma carta prefácio de Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti, pondo em relêvo as qualidades de sentimento dêste comovido livro de amor, desta história sentimental que se enriquece com o colorido nostálgico do passado, quando se dançavam «Schottisch» e o amor era um acontecimento discreto e lírico que marcava indelèvelmente os corações. Um belo romance, evocativo, bem escrito, com simplicidade de linguagem e singeleza e espontaneidade de fabulação.

● EXORTAÇÃO — A autora dêstes versos — constata a palavra autorizada de Arthur de Salles — tem, além de expressão lírica fluente e cantante, uma grande espontaneidade. Lúcia Lôbo Fadigas é uma tradicionalista do verso, mas sua poesia comunica sinceridade e emoção aos leitores. Plasmando seus sentimentos em versos trabalhados, nem por isso ela deixa em abandono a verdadeira poesia. O mundo exterior tem um grande lugar, neste livro.

● MESSE OUTONAL — Um pouco de melancolia e muita doçura, nestes poemas de Natércia Cunha Veloso, «Messe Outonal», mais um volume de versos femininos trabalhados com sensibilidade e sentimento poético.

UM AUTOR:

Mariza Pinto Coelho



MARIZA PINTO COELHO, que agora estréia com êste volume de versos, «Clamor Obscuro», não é sòmente mais uma voz poética: é uma poetisa que encanta por tantas virtudes, principalmente pelo calor humano, por sua compreensão, por sua solidariedade com o tempo em que vivemos. Artista do verso, aparecendo com o pleno domínio da técnica, Mariza Pinto Coelho reflete em seus poemas o drama de nossa época, vazando seu lirismo em páginas densas de angústia. Essa voz feminina que se eleva no cenário trágico dêstes dias, sente e sofre nos seus cantos. Seus temas são tocantes e dolorosos, comunicando-nos dolorosamente seus aspectos mais sombrios. Ela procura, nos sêres e nos acontecimentos, a revelação do mistério. E sua poesia interessa, tanto porque é interessada nos problemas do homem e do tempo, como pelo fato de trazer no seu bôjo insuspeitas notações de intensa beleza, de profundo sentimento.

«Clamor Obscuro» diz, no seu título, com exatidão, desta poesia de certeza na inanidade de tôdas as revoltas. Pessimista, talvez. Santida e comunicativa, por certo.

UM LIVRO:

"A OUTRA FACE DO TEMPO"

DIRCEU QUINTANILHA vem de publicar seu novo livro de poemas, «A Outra Face do Tempo». Nestes poemas, encontramos o mesmo lírico, evoluindo harmoniosamente, mais seguro de técnica, aprofundando-se no sentimento poético, realizando-se no seu mundo, onde sentimos que se movimenta uma sensibilidade rica e mansa. Dirceu Quintanilha pertence ao grupo reduzido dos poetas confidenciais, dêsses que evitam qualquer arroubo inflamado, cujos versos tranqüilos não nos trazem brados de revolta, apóstrofes indignadas. Sua revolta é silenciosa. Seu pessimismo é tranqüilo. Êle não quer reformar o mundo, nem as criaturas. Sua mensagem lírica procura os corações delicados, as inteligências compreensivas. Tôda a sua arte volteia em tôrno de alguns temas. No fundo, o poeta sabe que apenas existem a vida, a morte e, talvez, o amor. Para que tentar outros vôos, se afinal apenas vamos cansar as asas, procurando outros horizontes? Êle nos fala com doçura e serenidade dos velhos temas, sob formas novas, sob novos aspectos e, daí, sua originalidade. Daí a fôrça de comunicação de seus versos. Daí a emoção que nos despertam.

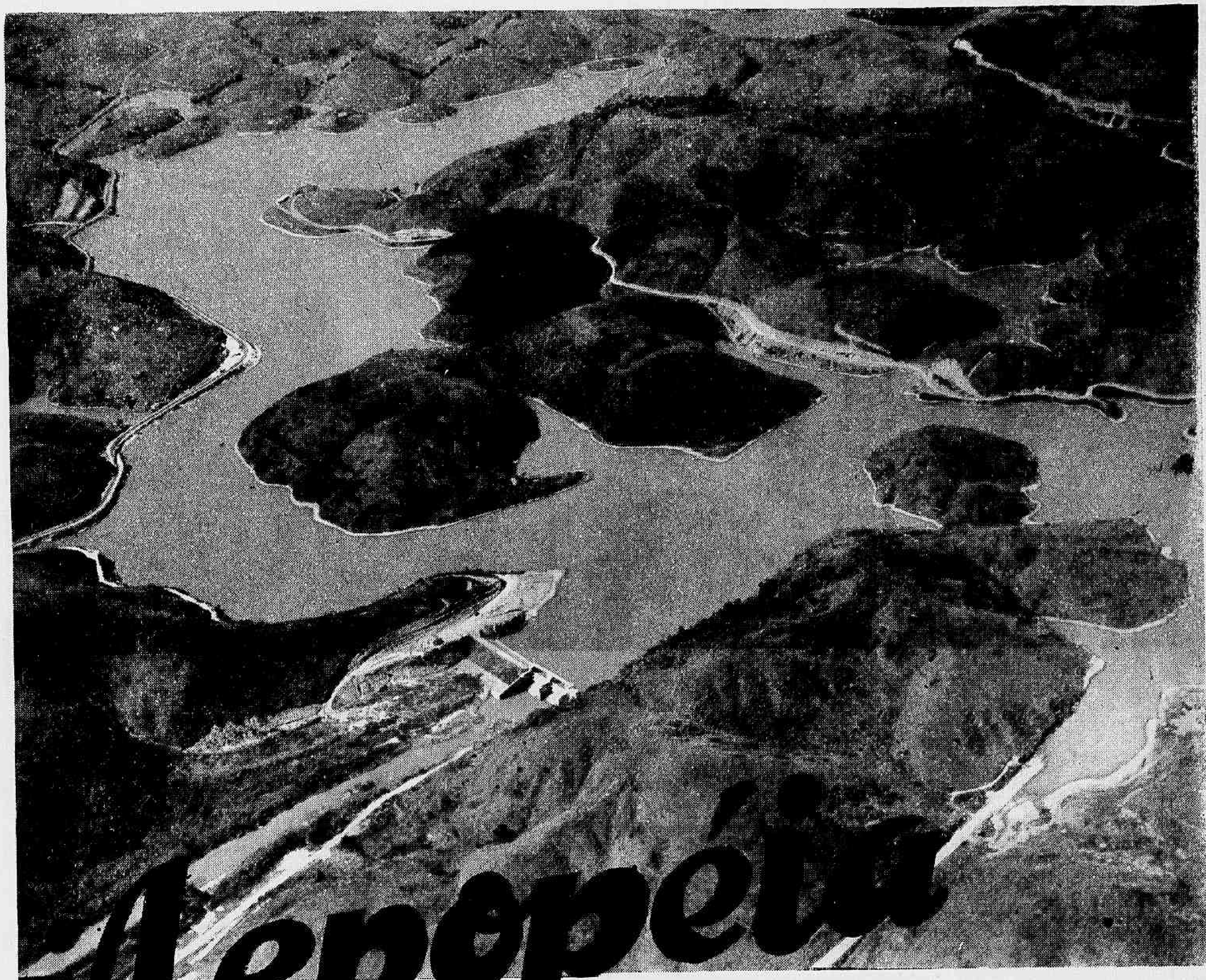
● A poesia de Dirceu Quintanilha traduz uma atitude de desconsôlo e de tédio. E' uma poesia triste, antes, deliberadamente melancólica. Uma poesia em voz baixa, contida em todos os seus movimentos, econômica de meios, sóbria e discreta. O poeta ama a sua solidão e o gesto poético é nêle apenas outra forma de solidão, aquela em que êle se vê projetado no silêncio de em tôrno e sente o desencanto das próprias ilusões distantes. Por isso, a simplicidade a que êle atinge, dando-nos uma poesia que se desbasta de todo brilho, que se contenta com as velhas palavras, novamente ditas, com afeto e ternura, que se satisfaz com êsses momentos de beleza, criando lirismo, anotando reflexões, acontecimentos, figuras, paisagens, tudo o que lhe fala, confidencialmente, na própria voz. «A Outra Face do Tempo» representa um belo acontecimento, neste outono e que se afina com as tonalidades nostálgicas do outono, com êstes céus cinzentos, com a música das fôlhas que caem.

Cantiga

Sôbre teus ombros pousou
A voz dos cântaros bíblicos,
Samaritana das fontes.
De teus cântaros rolaram
A sombra dos horizontes
E a luz tranqüila do dia.
Hoje em teus ombros inquietos
Um luar adormeceu;
E entre os teus cabelos pretos
E a voz dos cântaros bíblicos
O silêncio floresceu.

PAULO BOMFIM

A 1ª usina subterrânea que funcionará na América do Sul. A sua gigantesca caverna equivale à nave da Catedral de São Pedro, um mundo arquitetônico.



A epopéia DAS ÁGUAS, NA SERRA DO MAR!

A epopéia das águas reclama um escritor vigoroso: eis o reservatório de Santana, um dos menores. A sua barragem foi construída em 120 dias.

O HOMEM BRINCA COM A NATUREZA, CONSTRUINDO RESERVATÓRIOS DO TAMANHO DA GUANABARA E SUBTERRÂNEOS ONDE CABE UM «ARRANHA - CÉU»

O SONHO DO COMENDADOR JOAQUIM OVÍDIO ★ A SÊCA DO TIETÊ EM 1924 ★ EM BUSCA DE 2.000.000 KW. ★ A ENGENHARIA NÃO TEM PÁTRIA ★ 24 HORAS DE TRABALHO NA ROCHA VIVA ★ O EXEMPLO DE BILLINGS

Reportagem de EDMAR MORÉL

O homem, no chamado século da eletricidade, ganhou uma parcela de domínio que sobrepuja às fôrças da própria Natureza.

D. Pedro II quando instalou a primeira usina termo-elétrica, com uma potência de 52 kw., disse ao Visconde de Ouro Prêto: — A Monarquia realiza uma ardente aspiração do povo!

E quando as ruas da velha cidade escravocrata de Campos foram iluminadas com luz elétrica, a 24 de junho de 1883, houve um «frisson» entre os senhores de engenho. O comendador Joaquim Ovídio, que idealizara e construíra uma estrada de ferro, em Piraí, aproximou-se do Imperador e falou:

— Vossa Majestade, em breve, inaugurará a luz elétrica de Piraí.

Na época, aquêle município fluminense constituía um orgulho do Império. Seus cafèzais se perdiam de vista e ali formou-se uma verdadeira aristocracia rural, como os Breves, os Gonçalves de Morais, os Gomes, agraciados por D. Pedro II como barões do Piraí, Mambucaba e de Vargem Alegre.

Acontece que os nobres, com a extinção do cativeiro, conheceram a decadência. E com êles a cidade que era a coqueluche de D. Pedro II... A própria estrada de ferro, com 21 quilômetros e oito paradas, faliu. Os latifundiários que deram dinheiro e cativos para a construção da ferrovia, conheceram a bancarrota.

O seu construtor — conta uma história antiga — viajando a cavalo pela margem da linha, caiu do animal e foi colhido pelo combóio. Um outro diretor de nome José da Silva enlouqueceu e, na sua insânia corria pelas ruas de Piraí, dia e noite, imitando o trem. Levada à hasta pública, a estrada foi arrematada pela Companhia Sapucaí, sendo depois encampada pelo Govêrno Federal à Rêde Mineira de Viação.

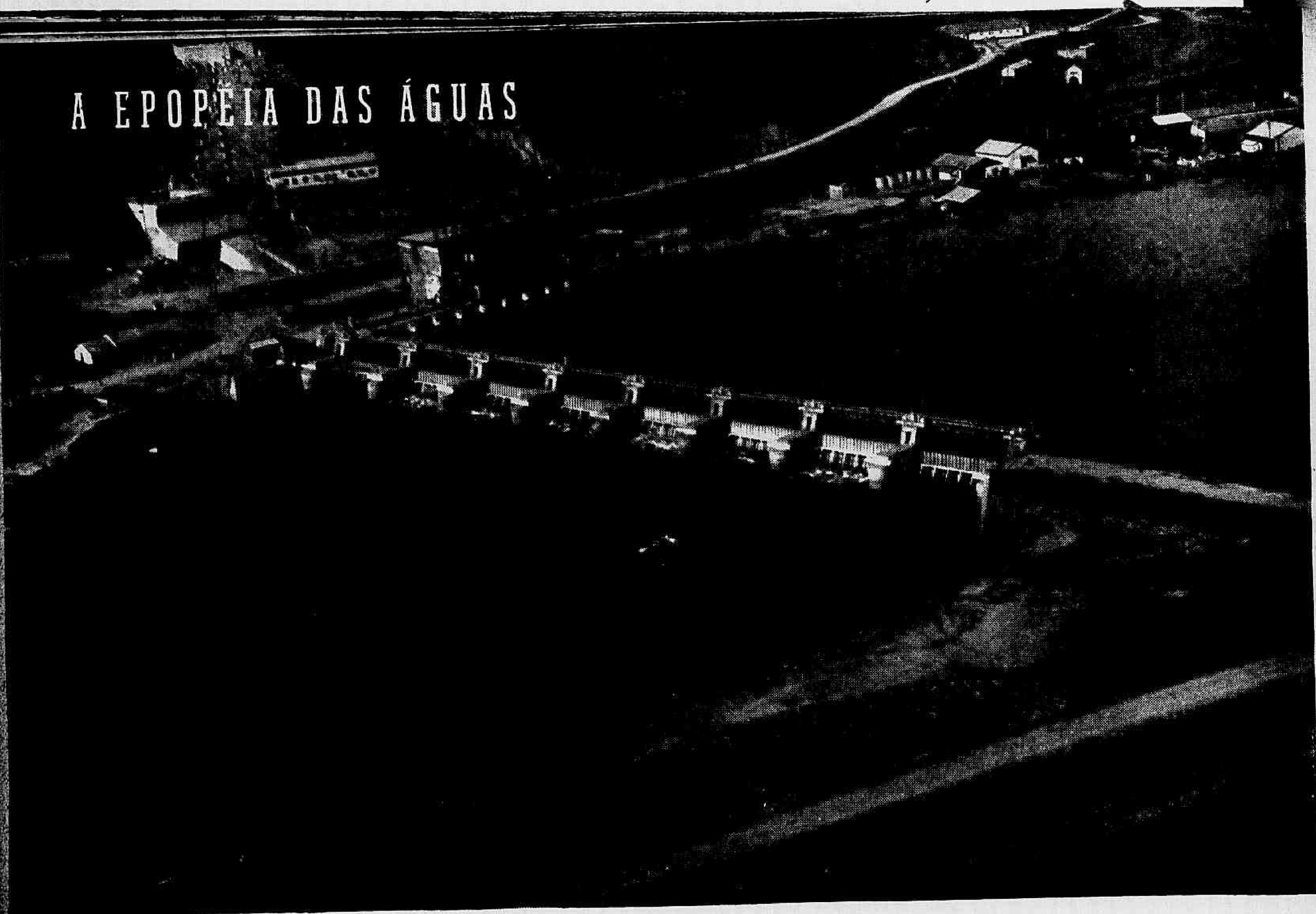
No ano da Proclamação da República, já existiam três emprêsas que exploravam a eletricidade, com a potência de 7.669 kw.

Em 1892 era instalada uma Termo-elétrica na Capital Federal para o fornecimento de energia aos bondes que, do Largo do Machado iam ao Centro, com um letreiro bem visível: «Via praia do Flamengo».

Levado pelo interêsse público, Alexander Mackenzie, com o apoio de Pereira Passos, Paulo Frontin e Francisco Bicalho, concebeu a organização de um serviço de iluminação, luz e fôrça e carris urbanos para a Metrópole, sendo construído o reservatório de Ribeirão das Lajes.

D. Pedro II não concretizou o sonho do comendador Joaquim Ovídio. Mas o então Presidente Afonso Pena, a 30 de julho de 1907, inaugurou oficialmente o suprimento de energia elétrica produzida em Ribeirão das Lajes, ligando as chaves gerais da estação receptora de Frei Caneca.

A EPOPÉIA DAS ÁGUAS



Barragem de Santa Cecília, no rio Paraíba, às proximidades da cidade de Barra do Piraí, com nove comportas e vinte metros de altura. Esta obra veio aumentar as reservas de Ribeirão das Lajes, principal fonte alimentadora da usina de Fontes, considerada uma das maiores do continente.

E o Rio, bem como os lugarejos próximos da represa, como Piraí, passaram a ser iluminados com 850 kw.!...

HA DEZ ANOS

Segundo o Ministério da Agricultura, existiam, em 1943, em nosso país, 1.603 emprêsas com 1.882 usinas; 874 termo-elétricas; 911 hidro-elétricas; 69 privativas hidro-elétricas e 28 mistas. Atendiam a uma população de 20 milhões de habitantes, distribuídos por 2.849 cidades, vilas e povoados. O potencial era de 1.298.875 kw. E o Brasil já ocupava, com a usina de Cubatão, o sétimo lugar entre as usinas hidro-elétricas mundiais de maior potência. Pela importância, as maiores eram: Dnieprostroy, na Rússia; Boulder, nos Estados Unidos; Niagara-Canadense, no Canadá; Dura, na Noruega; Saquenay, no Canadá; Niagara-Fall e Coulee, nos Estados Unidos.

O potencial do sistema brasileiro atendia plenamente às necessidades, e, em particular, o parque industrial, já em franco desenvolvimento.

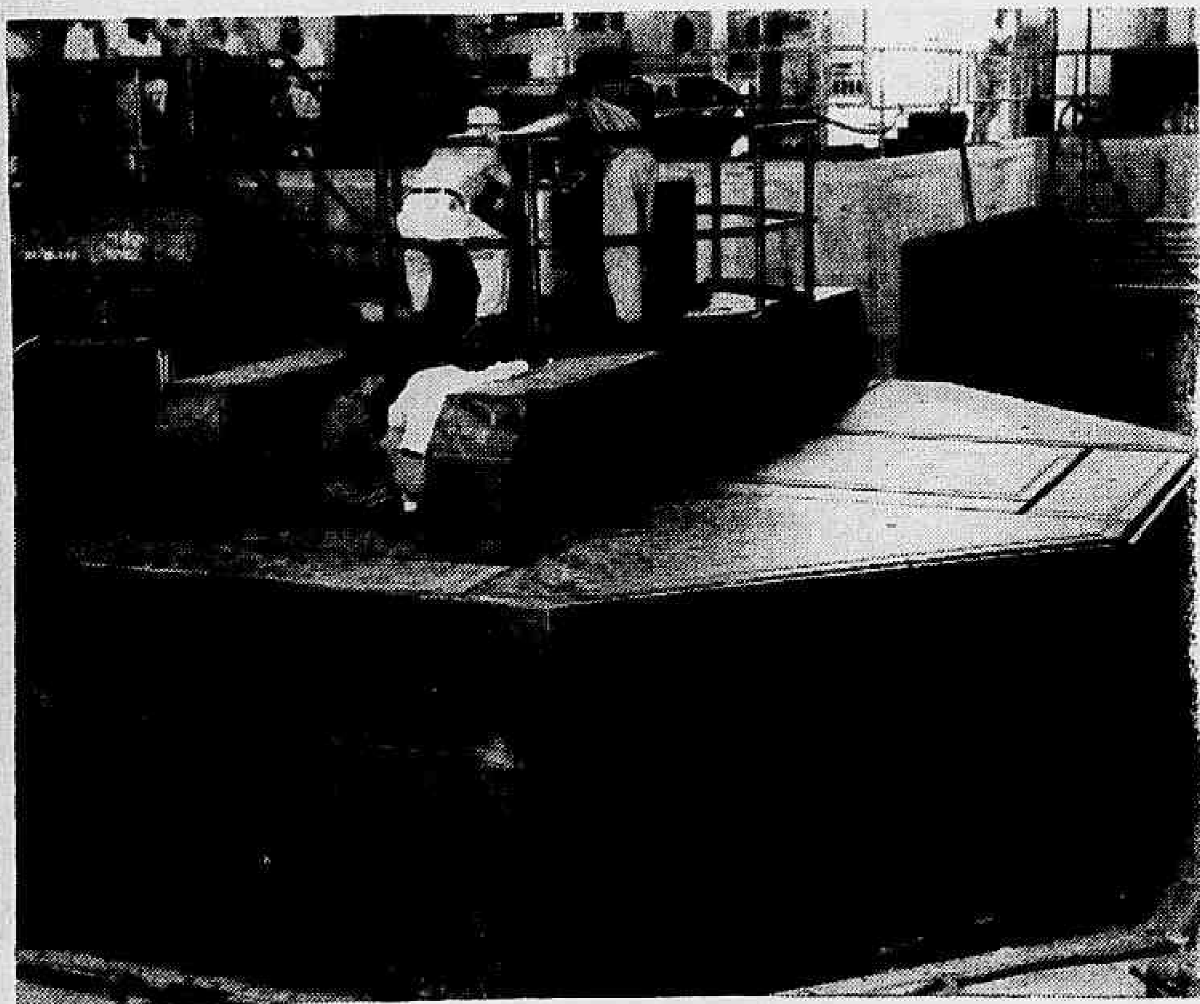
Acontece que o Rio e São Paulo cresceram em sentido horizontal e vertical, processando-se o desenvolvimento além das mais otimistas perspectivas.

Em 1953 o país dispõe de mais de 2.000 usinas geradoras e a sua capacidade é de 1.939.846 kw., incluindo os seus principais grupos: Brazilian Traction, Emprêsas Elétricas Brasileiras, Sul Mineira Elétrica, Central Elétrica Rio Claro, Emprêsas Independentes. O Brasil, todavia, continua com fome de eletricidade. O govêrno mobiliza a cachoeira de Paulo Afonso que dará, em breve, mais 180.000 kw. ao país. Minas Gerais, por sua vez, ultima o seu plano de eletrificação, o mesmo acontecendo com o Espírito Santo, Pará, Ceará, etc. Sòmente o eixo Rio-São Paulo produz mais de 958.000 kw., numa área de bem menos de 1% do Território Nacional.

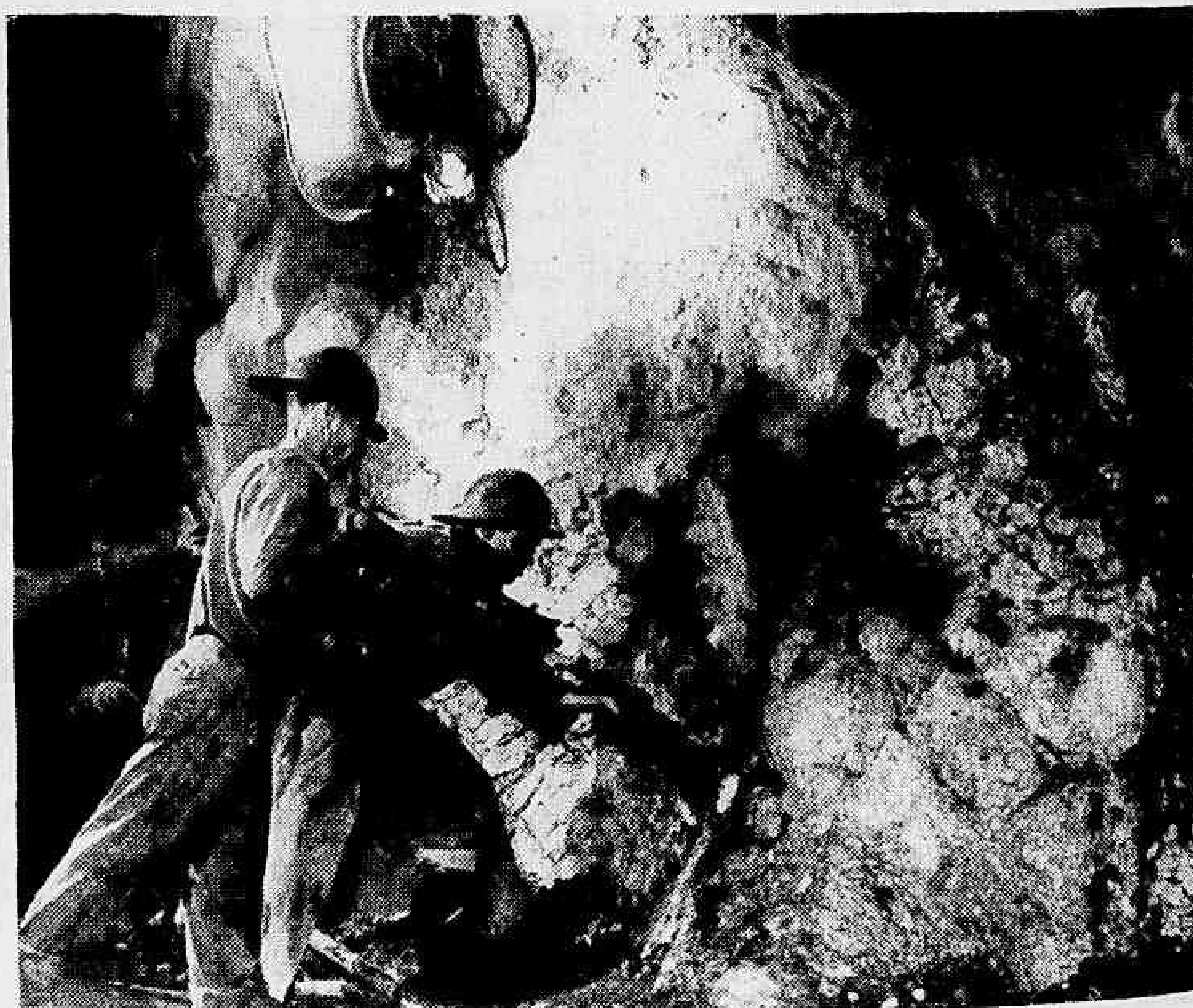
O HOMEM VENCE A NATUREZA

Alexandre Mackenzie lançou as bases de uma obra e a Billings coube a glória de dominar a Serra do Mar que, durante séculos, foi um entrave ao progresso do Brasil.

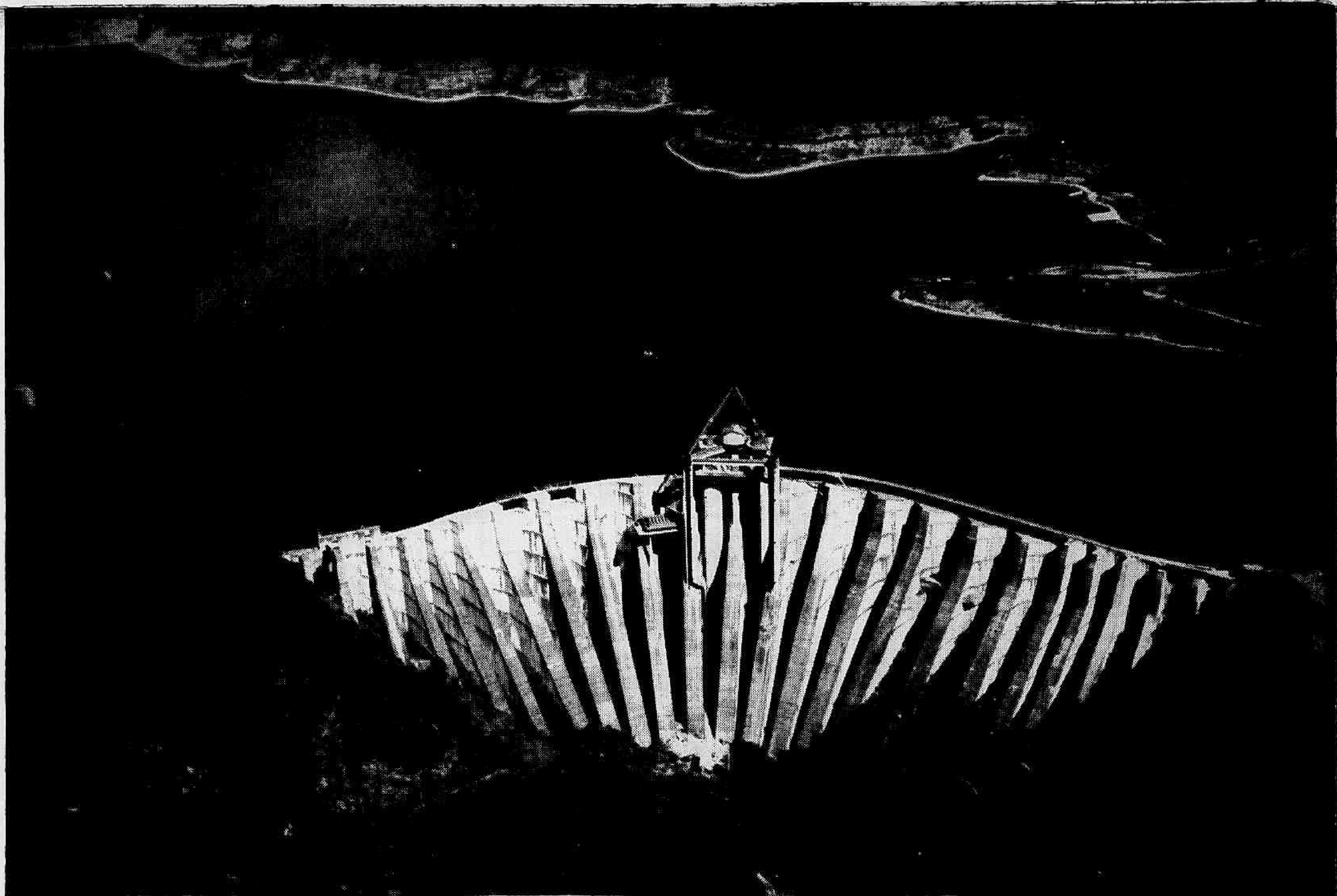
Os primeiros vestígios de civilização na Serra do Mar foram marcados pelas escolas de Anchieta e Nóbrega. Indígenas, jesuítas e colonizadores passaram pelas mesmas trilhas. Depois rasgaram a montanha com uma estrada, ligando o planalto ao mar. Mais tarde as adutoras da Light, numa altura de 720 metros, se despejaram abismo abaixo para alimentar a usina de Cubatão, a qual gasta, em cada segundo, 90.000 litros de água. A velocidade do jato dentro das turbinas — que são as maiores do mundo, do tipo Pelton — é de 405 quilômetros por hora.



Uma das bombas de recalque de Santa Cecília e que eleva a espantosa cifra de quarenta mil litros de água do rio Paraíba, por segundo.



Centenas de homens e máquinas modernas furam a Serra do Mar, em Cubatão, preparando a caverna para a usina subterrânea de Forçacava.



Ribeirão das Lajes, só no aumento de sua barragem, gastou mais cimento do que o Estádio Maracanã. Milhares de homens trabalharam dia e noite na obra, sem dúvida, um dos pontos altos da engenharia universal. Ribeirão das Lajes é a principal célula do sistema que fornece eletricidade ao carioca.

Agora o Homem procura dominar as profundezas do solo, cavando cavernas no granito para a instalação de poderosas subterrâneas, tanto em Santos, como em Fontes.

A «Forçacava», que funcionará ao lado da usina de Fontes, no Estado do Rio, terá uma capacidade total de 330.000 kw. contra 390.000 kw. da subterrânea de Cubatão. Outras obras de vulto estão sendo realizadas no interior de São Paulo por outras emprêsas, tôdas empenhadas no aumento da produção.

São Paulo não pôde ficar à mercê das sêcas, sobretudo depois que conheceu os efeitos causados pela terrível estiagem de 1924-1925, quando sentiu, pela primeira vez, o racionamento de energia elétrica.

Os técnicos acham que a instalação subterrânea é mais econômica e não está sujeita a inúmeros acidentes. A usina subterrânea de Cubatão, segundo o Conselho Nacional de Aguas e Energia Elétrica, terá, na sua primeira etapa, a capacidade de 260.000 kw.

Os tubos enterrados na rocha viva para condução das águas provenientes dos reservatórios têm 6,10 metros de diâmetro. As cavernas têm 100 metros de extensão por 25 metros de largura e 35 de altura. (Cont. na pág. 40)



Através dêstes tubos, a água é elevada trinta e cinco metros para o Vale do Ribeirão do Vigário, no interior do Estado do Rio de Janeiro.



Ali Babá não sonhou com esta caverna... É um dos túneis que transportarão as águas do reservatório de Lajes e do Vigário para a usina de Forçacava.

SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

J. N. O. pergunta-nos se não continuaremos publicando as observações que, em sua gentil opinião, são interessantes sob o ponto de vista psicológico, coincidindo algumas das quais, com fatos da vida dos leitores. Claro que continuaremos. Temos datilografadas um número regular dessas observações. Nos últimos números da Psicholy Magazin publicamos várias. Acontece, entretanto, que procuramos atender ao desejo de quantos nos escrevem, na ordem cronológica. Hoje falaremos, de modo resumido, como sempre, das «convulsões», respondendo a uma consulta de Pôrto Alegre. Convulsões são contrações involuntárias e bruscas dos músculos da vida de relação, generalizadas ou difusas, sem coordenação e de pequena duração. Elas podem ser «tônicas» ou «clônicas».

As convulsões «tônicas» são as que se caracterizam por contrações musculares permanentes, imobilizando as articulações. Nas convulsões «clônicas» há alternativas de contração e relaxamento musculares, com deslocamentos dos segmentos do corpo atingido.

Quando as duas características aparecem, interrompidas por abalos clônicos intermitentes, são elas chamadas «mistas». As convulsões podem ser ainda classificadas de parciais e gerais, segundo são circunscritas ou atacam por igual, todo o corpo.

● Na epilepsia essencial os dois tipos sucedem-se.

Há várias causas determinantes de convulsões: **a**) tóxicas: álcool, chumbo, tabaco, etc.; **b**) tumores e perturbações meníngeas; **c**) anemia cerebral, angiosclerose cerebral, etc.; **d**) edema cerebral, hipocalcemia, hipoglicemia; **e**) hiperpnéia, etc.; cardiazol, cafeína, em doses altas; **f**) vermes intestinais. Só o médico pode classificar e diagnosticar uma dessas crises e o meio de fazê-las cessar depende da causa determinante. O ataque epiléptico é a causa mais comum das convulsões. E' um ataque de fácil diagnóstico. O portador de epilepsia, máxime aquêle que não tem a aura anunciadora (zumbidos, assovios, trovões que são ouvidos pelo paciente) são portadores de cicatrizes na face, lábio, etc., pois caem quase sempre de frente. A epilepsia é uma síndrome de causas diversas: tumores cerebrais, intoxicações crônicas, angiosclerose cerebral, etc.

● Dentre outras causas de convulsões poderemos citar: a gravidez, em estado anormal, a uremia, a síndrome de Stokes-Adams (bradicardias) intoxicações e infecções. A histeria é também uma causa freqüente. Fàcilmente um médico avisado a diagnostica, pelo polimorfismo das atitudes, beirando, quase sempre o grotesco, ausência da mordedura da língua e do relaxamento dos esfíncteres e pela conservação dos reflexos oculares e de outros reflexos. Tem você, M. H. um relato sucinto. Servirá o mesmo apenas para uma noção ligeira. Os livros de neurologia trazem êste assunto muito bem esplanado. Se você é estudante e necessita estudar êste ponto deverá manuseá-los, pois encontrará, além da fisiopatologia, as formas de provocação e de cura.

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS A EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● Mme. RABICÓ — (Rio)

SONHO: — Via meu filhinho, já falecido, fardado com o uniforme do Pedro II, sentado nas costas de um banco, assistindo a uma partida esportiva. O campo, à sua frente, era maltratado e se viam manchas esparsas de grama muito verde. Ao vê-lo e reconhecê-lo, fui tomada de grande espanto. Aproximei-me dêle: estava lindo, risonho e muito corado, mas, ao chegar mais perto, vi que êle tinha o rosto e os punhos envoltos em algodão e esparadrapo e pincelados de mercúrio cromo. Eu o chamava insistentemente: — Meu filho! Meu filho! Sua fisionomia voltou à primeira expressão, bela e risonha, deixando ver os dentes fortes e bonitos, para daí a pouco, apresentar-se desfigurada...

INTERPRETAÇÃO: — Foi com o maior prazer que recebi sua carta. Você nunca se esquece desta seção, o que muito me comove. Quanto ao seu sonho, é um misto de reminiscências da curta passagem do seu filhinho por êste mundo e um encontro com êle no Astral. Está por demais provado que, enquanto dormimos, nosso espírito se ausenta do corpo e deambula pelas regiões Astrais, em busca dos entes queridos que nos precederam na grande viagem... Há uma perfeita transferência de cenas no fenômeno onírico (transformações que se operavam na fisionomia do seu filho;) ora se apresenta com sua farda de colégio, belo como era; ora se transforma naquilo que, em geral sabemos do «post-mortem» do corpo (esparadrapo, algodão, etc.) Se me refiro à morte do corpo, faço-o baseada na grande verdade emitida por São Paulo: — a morte não existe e é o último inimigo a ser conquistado. — A saudade que você tem do seu filho, a dúvida de que, ainda possa vê-lo, motivaram o seu espanto ao encontrá-lo, embora em sonho. Mas, creia-me, você ainda o verá; mas, para isso é necessário um estado preparatório, pois nem sempre existe perfeita sintonia entre os que deixam o mundo em épocas diferentes. Console-se, minha amiga, e esteja certa: a mamãe saudosa e o filhinho querido ainda se encontrarão.

● CURIACEO — (Rio)

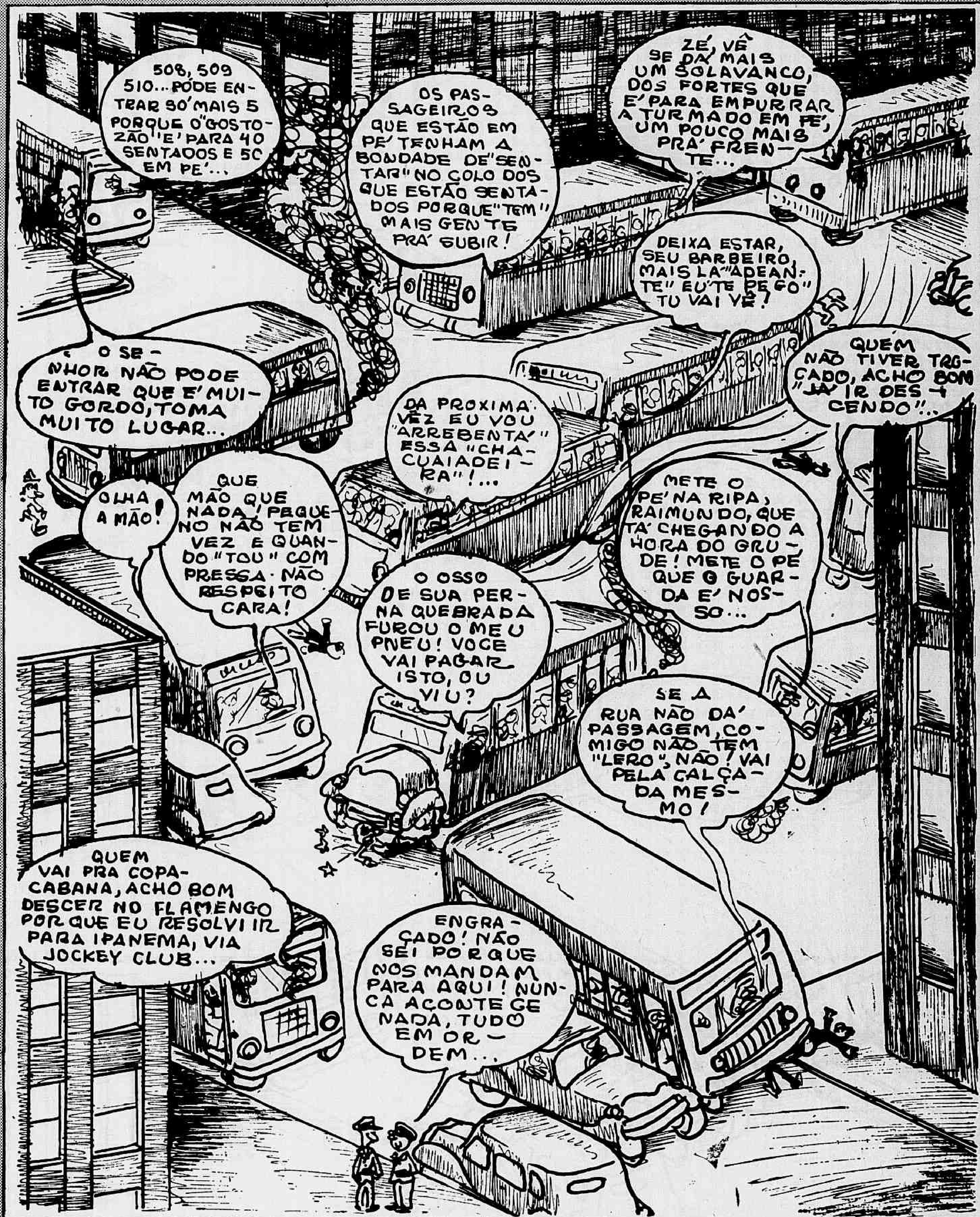
SONHO: — Encontrava-se numa cidade desconhecida, cujas ruas terminavam em completa escuridão. Só conseguia ver o primeiro andar das casas, pois o resto estava encoberto por uma nuvem preta. As ruas formavam encruzilhadas, havendo, numa esquina, um bar que a todo momento mudava de aspecto, que interna, quer externamente. Junto a uma das portas vi um amigo meu, aparentemente servindo de porteiro e que, à distância, parecia vestido à moda de Roma antiga; ao chegar perto, via-se, entretanto, que tudo fôra improvisado, sendo que as pernas das calças tinham sido cortadas. Pouco depois, vi-me perto de um muro alto, junto ao qual havia um poste de iluminação com uma lâmpada forte. Nesse momento, um amigo aproximou-se de mim, pelas costas e me atirou areia nos pés; sacudi-os enèrgicamente, o que fêz caírem meu sapatos que se perderam na escuridão, enquanto a areia me entrava pelo nariz.

INTERPRETAÇÃO: — Na estrada da vida, caminhando como você deve estar (rua escura) é natural haver alguma penumbra a empanar sua vista, impedindo-o de ver além do terra-a-terra comum (nuvem negra que cobria a parte superior das casas). Em verdade, o destino nos surpreende muitas vêzes com perigosas encruzilhadas (esquina em que se via um bar) e é claro que as paisagens tomem, pelas nossas pupilas, variados aspectos, em se tratando de um bar, onde o ambiente é dúbio e oscilante, conforme sobe ou desce o termômetro que marca o grau dos **vapores** emanados dos pensamentos dos freqüentadores dêsses lugares. Seu Eu superior o adverte de que é chegada a hora de mudar de rumo (camuflagem de seu amigo em porteiro), mas você não lhe dá a devida atenção, ou, antes, ainda não tem o poder de conhecer o trabalho que êle desempenha junto ao seu subconsciente. Quanto ao traje de romano antigo, quanta coisa teria que dizer!... Mas o espaço de que disponho não é muito... A candeia, Curiáceo, para ser acesa, necessita de óleo e pavio e você não procura alimentá-la, para, com a luz que dela provém, transpor as barreiras do caminho (muro alto coberto de espêssa nuvem); não obstante, reconheço em você uma natureza esclarecida (foco de luz junto ao muro) e enérgica, capaz de se livrar das fatuidades da vida social, se assim o quiser (areia que lhe jogaram aos pés). Se aceita um conselho, dir-lhe-ei que tenha o máximo cuidado com os amigos; na sua faina incansável à busca de satisfações sensuais, êles poderão deturpar-lhe os sentimentos, obrigando-o a faltar com os sagrados deveres de amor ao próximo e às obrigações familiares (sapatos que lhe caíram dos pés). Dia virá, então, em que se arrependerá de não haver seguido a voz da consciência (lâmpada acesa) e poderá encontrar-se num deserto cujas areias movediças venham perturbar-lhe o sossêgo e o encantamento da vida (areia que lhe entrou pelo nariz).

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS
3º — OS ÔNIBUS



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

AO ver Pierston, fitou-o sem emoção nem aparente surprêsa, mas êle viu que ela chorava. Comoveu-se profundissimamente Pierston, ao ver, pela primeira vez, a angústia daquela desamparada jovem, a quem se sentia ligado por laços de extraordinária delicadeza e ternura. Entrou sem cerimônia.

— Avícia! Minha querida menina! —, disse Pierston. — Porque choras?

Ela lhe dirigiu um olhar de amizade e êle continuou dizendo:

— Vamos! Dize-me tudo. Talvez que eu possa judar-te. Vamos dize-me!

— Não posso — murmurou ela — Grammer Stockwool está aí e pode ouvir-nos.

Grammer Stockwool era a velha mulher que havia ido viver com a jovem, desde a morte de sua mãe, a fim de fazer-lhe companhia.

— Pois então vem até ao meu jardim, aí em frente. Ninguém nos incomodará.

Avícia se ergueu, pôs um chapéu e acompanhou Pierston até à porta, perguntando-lhe então se a rua estava deserta, e, como êle lhe assegurasse que sim, Avícia atravessou-a e ambos entraram no jardim do castelo pela porta do parque.

O local era sombrio e afastado, embora, através das ramagens das árvores se via o mar muito perto, ouvindo-se distintamente seu rumor. Das árvores se desprendiam, aqui e ali, algumas gotas de água; mas a chuva não êra bastante forte para molhá-los.

— Agora, deixe que a ouça, — disse Pierston docemente. Pode contar-me tudo com absoluta liberdade. Já sabe que fui amigo de sua mãe, isto é, que a conheci; por isso serei também um amigo seu.

A declaração de Pierston era arriscada, se não queria que Avícia suspeitasse que era êle o causador das angústias de sua mãe, o falso noivo que a abandonara cruelmente, e a quem a primeira Avícia tanto acusava. Mas a filha, aquela que ali estava, não sabia o nome do nefasto galã.

— Eu lhe contarei, senhor, — falou Avícia com amargura na voz. — Mas apenas direi o que se relacionar com a minha versatilidade. O resto é segrêdo e distante.

— Sinto que isso a faça sofrer tanto.

— Estou envolvida com uma pessoa na qual não devo pensar, e isto ameaça converter-se numa desgraça. Por isso devo mudar-me?

— Ir embora da ilha?

— Sim.

Pierston ficou pensativo. Desde algum tempo desejavam sua presença em Londres. Entretanto, havia êle demorado seu regresso em virtude de seus interêsses afetivos na ilha. Se pudesse agora levar Avícia consigo, teria oportunidade de cuidar dela e desenvolver sua inteligência, ao mesmo tempo que a separaria de algum perigo iminente. Para êle, homem solteiro e sòzinho, era aquilo uma incumbência bastante espinhosa; mas apesar disso, esperava sair-se airosamente. Resolutamente lhe perguntou Pierston se, com efeito, desejava ausentar-se da ilha, por uma temporada.

— Eu preferia permanecer sempre aqui, — respondeu ela. — Entretanto não me importaria de ir para qualquer parte, pois creio que devo deixar esta terra.

— Gostaria de ir para Londres?

Serenou o rosto de Avícia e exclamou:

— Mas... como pode ser isso?

— Pensei que você pudesse ir para minha casa e ser-me útil em algo. Tenho agora alugada uma dessas habitações a que dão o nome de apartamento, das quais você terá ouvido falar. Na parte de trás está instalado o meu estúdio.

— Nunca ouvi falar de tais habitações — respondeu ela em tom indiferente.

— Pois bem; tenho ali duas criadas, e como o meu ajudante está de férias ou de licença, você muito bem poderia ajudá-las durante um ou dois meses.

— Há móveis para limpar? Eu poderia fazer isso.

— Não tenho muitos móveis que precisem disso. Mas você poderia preparar gêsso e argila nos moldes e vasilhas do estúdio, manusear os pedacinhos de pedra, ajudando-me a modelar e retirar do pó as minhas fracassadas Vênus, bem como trabalhar em mãos, cabeças, pés, ossos e outros objetos.

Avícia estava estupefacta. Mas, passada a perplexidade, interessada com a novidade do convite, voltou:

— Mas... sòmente por uma temporada?

— Sim. Uma temporada tão longa, ou tão curta, como você desejar.

A maneira reflexiva com que, passada a primeira surprêsa, discutia Avícia a sugestão nas bases expostas por êle, podia dar-lhe a entender quão distante estava ela de sentir qualquer paixão por êle, não passando os sentimentos daquela jovem, de simples sinais de amizade e, talvez, de gratidão para com o escultor. Entretanto, não era assim tão exorbitante a diferença de idade entre ambos, e êle esperava conquistar-lhe o coração, logo que estivesse ela adaptada a suas inclinações. Não quis ela fazer qualquer confidência acêrca de suas lágrimas.

Para sua partida não tinha ela muita coisa para preparar. Pouca coisa de seu para levar possuía. Parecia estar ansiosa para partir imediatamente, e ninguém iria inteirar-se de sua viagem.

O açodamento de Avícia causava preocupações a Pierston, que não podia compreender, que, aquela jovem, enamorada por alguém dali, amando sua terra natal, não desejando mesmo sair de lá, estava agora com tanta ansiedade para partir.

Pierston teve muito cuidado para não ressumbrar seus pensamentos acêrca de uma jovem, por quem seus interêsses eram tão protetores, como os de um coração apaixonado. Por isso deixou que ela saísse sòzinha da ilha, indo êle esperá-la numa estação da mesma estrada de ferro um pouco mais acima, onde, fazendo-lhe êle sinal da janela de sua cabine subiu ela ao cômodo contíguo. O rosto de Pierston estava ruborizado, vendo, com grande contentamento, ter pela primeira vez, sob seus cuidados, aquela que herdara o sangue e o nome da mulher que tanto ocupara seu coração; via-se agora com a oportunidade de viajar com Avícia, a filha, já que não pudera fazê-lo com a outra, tão prematuramente perdida para seu amor, embora seu espectro o estivesse acompanhando durante tantos anos.

CAPÍTULO XX

Já escurecia, quando o coche em que Pierston trouxe Avícia, da estação até sua casa, parou diante do edifício em que havia alugado seu apartamento, casas que eram então, muito raras como residência. Deixando que Avícia se apeasse e recolhesse a bagagem para entregá-la ao porteiro, subiu Pierston as escadas, notando com surprêsa que o andar estivesse silencioso. Ao abrir a porta e entrar, encontrou às escuras todo o apartamento. Desceu novamente ao saguão onde Avícia estava só, junto à bagagem, pois o porteiro havia saído para tagarelar com o cocheiro.

Quando o porteiro voltou ao saguão, Pierston perguntou:

— Sabe, o senhor o que é feito de minhas empregadas?

— Como! Pois não estão aí, senhor? Ah! Então estão confirmadas as minhas suspeitas! Não teria o senhor deixado aberto o bar, por descuido?

Pierston refletiu um pouco. Pensava que talvez houvesse mesmo deixado a chave com a empregada mais velha, na qual depositava mais confiança, especialmente não estando seu bar muito bem sortido.

O porteiro volveu:

— Ah! Então foi isto que se deu. Esta última semana andava ela com muitas extravagâncias. Continuamente me dava recados pelo tubo acústico, mandando-me sem quê, nem para quê, fazer isto e aquilo, até que, por fim, resolvi não mais prestar-lhe a menor atenção. Ontem vi saírem as duas, como se fôssem desparecer, não esperando a vinda do senhor, ou talvez que tenham ido embora de uma vez. E' claro que, se o senhor me houvesse escrito, eu teria tomado conta do apartamento e o teria preparado para sua chegada, embora não fôsse isso de meu dever; mas, atendendo a que o senhor está sem ajudante...

Pierston voltou ao apartamento, viu aberto o bar, vendo-se vários cascos de garrafas que teriam estado cheias, enquanto outras haviam sido furtadas. Entretanto, nada de mais achou em todos os aposentos. A carta que dirigira à empregada responsável pelas chaves, estava na caixa do correio, intacta, justamente como a depositara o carteiro.

A bagagem já estava colocada no elevador. Avícia, como se fôsse uma outra equipagem muito mais valiosa, permanecia à porta e, atrás dela o porteiro, que a brindava com sua ajuda.

— Vem cá, Avícia — disse o escultor. — Que faremos agora? Bonita situação!

Avícia, meio estonteante, sem perceber claramente aquilo tudo, nada quis insinuar, até que lhe surgiu a luminosa idéia de acender o fogo.

— Acender o fogo? — Respondeu Pierston perplexo. Ah! sim. Será difícil conseguirmos. E' uma desgraçada coincidência. Mas... muito bem! Acende o fogo.

— A cozinha é esta, senhor, aqui junto à saída?

— Sim.

— Então me parece que, de momento, poderemos fazer aqui mesmo tudo o que necessitarmos, seja como fôr, até que encontre outras criadas. Bem, eu acenderia o fogo se soubesse onde está o depósito de carvão. Não é o apartamento tão grande como eu julgava.

— Está tudo bem! Vejo que tem ânimo! — disse Pierston sorrindo ternamente. Esta tarde irei jantar fora e a deixo em liberdade para que você se arranje a gôsto, com a ajuda da mulher do porteiro.

Assim fêz êle, em cônseqüência da situação. Desta maneira começou sua vida em comum com Avícia. Como estivesse firmemente convencido de que algum perigo a ameaçava em sua ilha natal, determinou retê-la em Londres, até que o galã, ou galãs, que pareciam persegui-la, arrefecessem os seus ardores. Queria Pierston assumir completamente todo o risco de sua determinação naquele solícito cuidado por ela.

★

Estavam verdadeiramente numa solidão a dois, pois que, embora estivessem êles juntos no mesmo apartamento, não viviam em mútua companhia, pois tão escrupuloso era seu temor de acercar-se dela, agora que se lhe deparava ocasião, como ainda maior era sua paixão por aquela jovem, a quem êle fôra visitar com a intenção de trazê-la para ser sua espôsa. Viviam em silêncio, e se comunicava Pierston com ela por meio de notas escritas em pedacinhos de papel, colocando-os em lugares onde Avícia os pudesse ver. Não sem pena notava êle a impassibilidade de Avícia a respeito do isolamento em que ambos viviam, não sabendo êle se ela experimentava os mesmos sentimentos que êle diante daquela vida irritantemente monótona.

Avícia não era uma mulher de desenvoltura mental, mas, também não se podia dizer que fôsse criatura vulgar no sentido comum da palavra. Mas Pierston se mostrava, por vêzes exasperado com o laconismo de suas respostas às amistosas observações que, mau grado seus propósitos, lhe fazia o escultor, bem como as reservas de sua conduta de muita timidez.

Sempre que, com algum pretexto sôbre pormenores culinários, cruzava Pierston a porta da cozinha e lhe dirigia a palavra. Avícia apenas respondia: «sim, senhor», ou então: «não, senhor», sem que retirasse a vista do que estivesse fazendo no fogão ou na pia.

(Cont. no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor de Londres, mas natural de uma cidadezinha do litoral inglês, depois de abandonar várias noivas, apaixonou-se por Ana Avícia Caro, filha de Avícia, sua conterrânea e que fôra um dos seus mais ardentes amôres. Sabendo da morte dela, Pierston voltou à aldeia natal, alugando um castelo para passar uma temporada. Vendo a filha da sua antiga eleita, a qual, sem mais esperanças de recanquistá-la, se casara com um primo, Pierston ficou incendiado de paixão, pois a nova Avícia era a cópia fiel da anterior, quando estava em seus dezoito a vinte anos. Pierston já era um homem de quarenta anos, e Ana, não estava ainda com vinte. A diferença fundamental era que, a primeira tinha bom nível cultural, o que muito seduzíra Pierston, enquanto a filha era inculta, sem traquejo social, ocupando-se de trabalhos rústicos, como a lavagem de roupa. Mas, mesmo asim, o escultor a queria por espôsa.



A VIRGEM DE FÁTIMA NOS BRAÇOS DO POVO (II)



S. Eminência o Cardeal D. Jaime Câmara, ajoelha-se diante da imagem de N.S. de Fátima, quando era iniciada a solenidade no Maracanã.

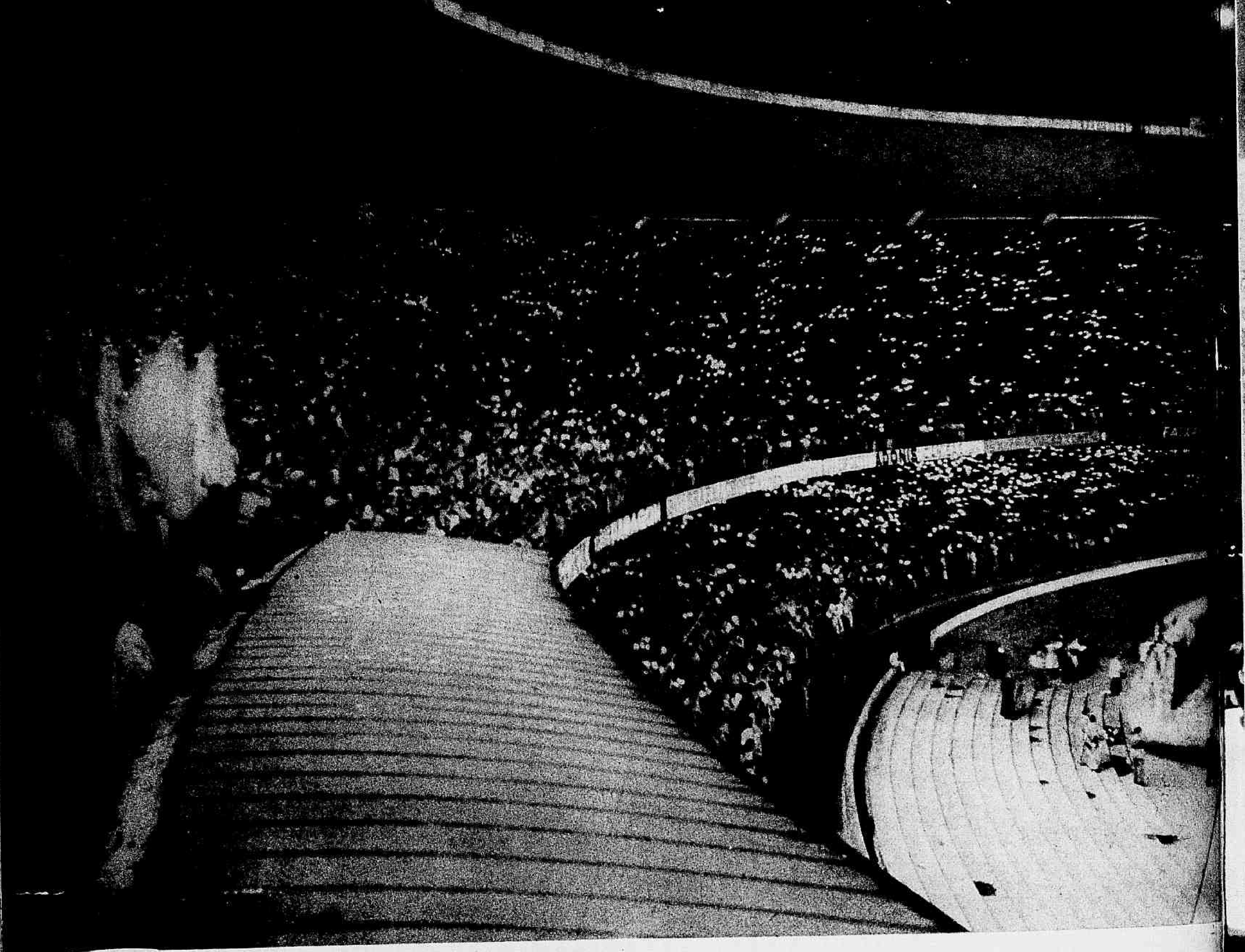
CONTINUA A PEREGRINAÇÃO

DUZENTAS MIL PESSOAS LHE RENDERAM HOMENAGENS ★ OS MAIORES MILAGRES DA VENERANDA SANTA ★ A MAIOR PROCISSÃO DA HISTÓRIA RELIGIOSA DO RIO.

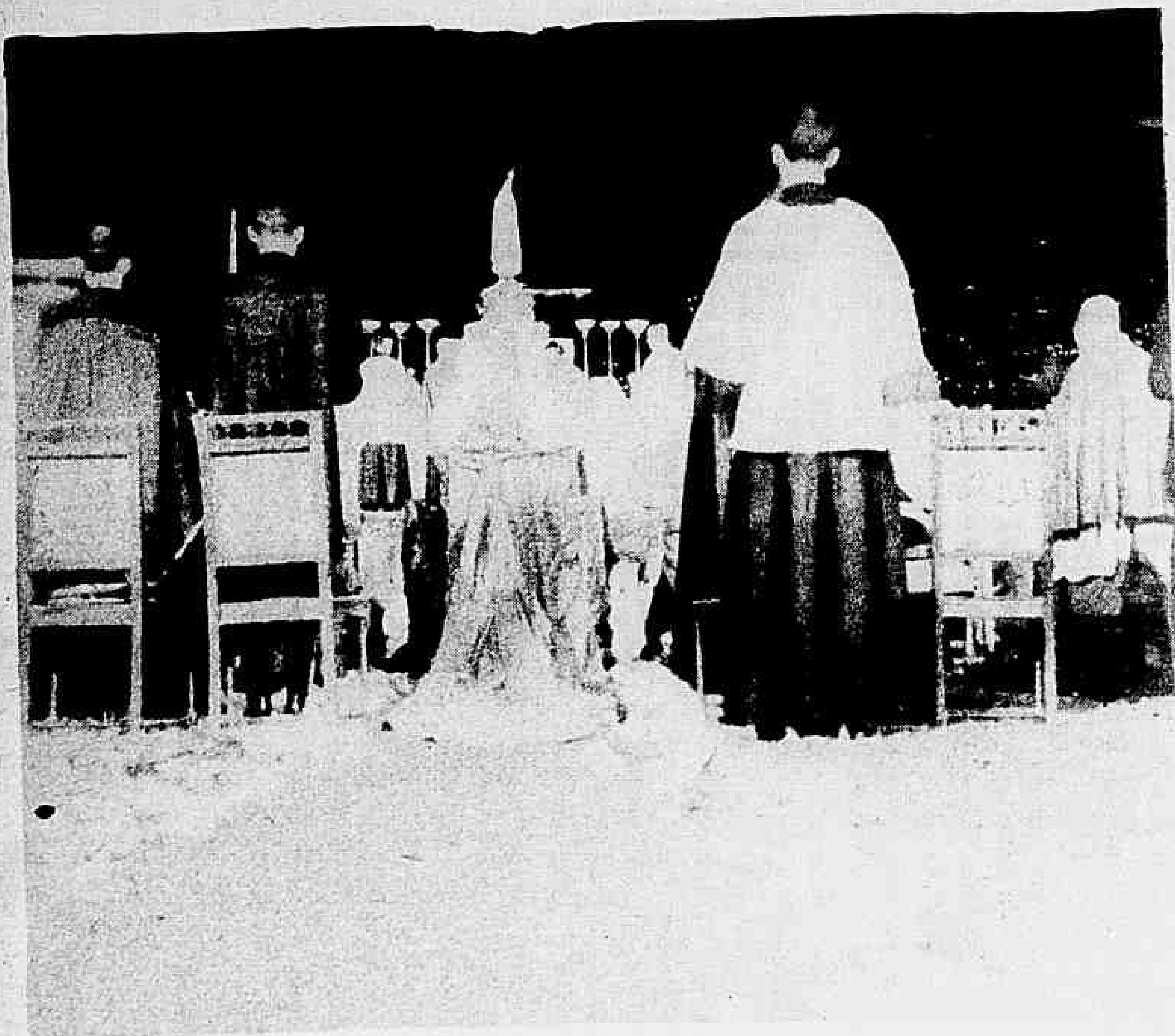
Fotos de ADIR VIEIRA

O povo carioca, desde a noite tempestuosa de 12 de maio até aos dias atuais, não se cansa de venerar e festejar a imagem de N.S. de Fátima chegada ao Rio. Depois das mais vibrantes aclamações de 12 e 13, com o desembarque no cais Faroux, a procissão à noite e o cortejo para o Maracanã, as multidões souberam demonstrar seu grau de fé no poder da Virgem, reverenciando-a e lhe tributando as mais sinceras homenagens. Depois de tais provas de firmeza religiosa no centro da cidade, a Santa Peregrina visitou vários subúrbios do Rio, levando às populações pobres e aos trabalhadores da indústria e dos meios rurais, os benefícios de suas graças plenas, dentro dos mais elevados sentimentos de

CONTINUA A PEREGRINAÇÃO

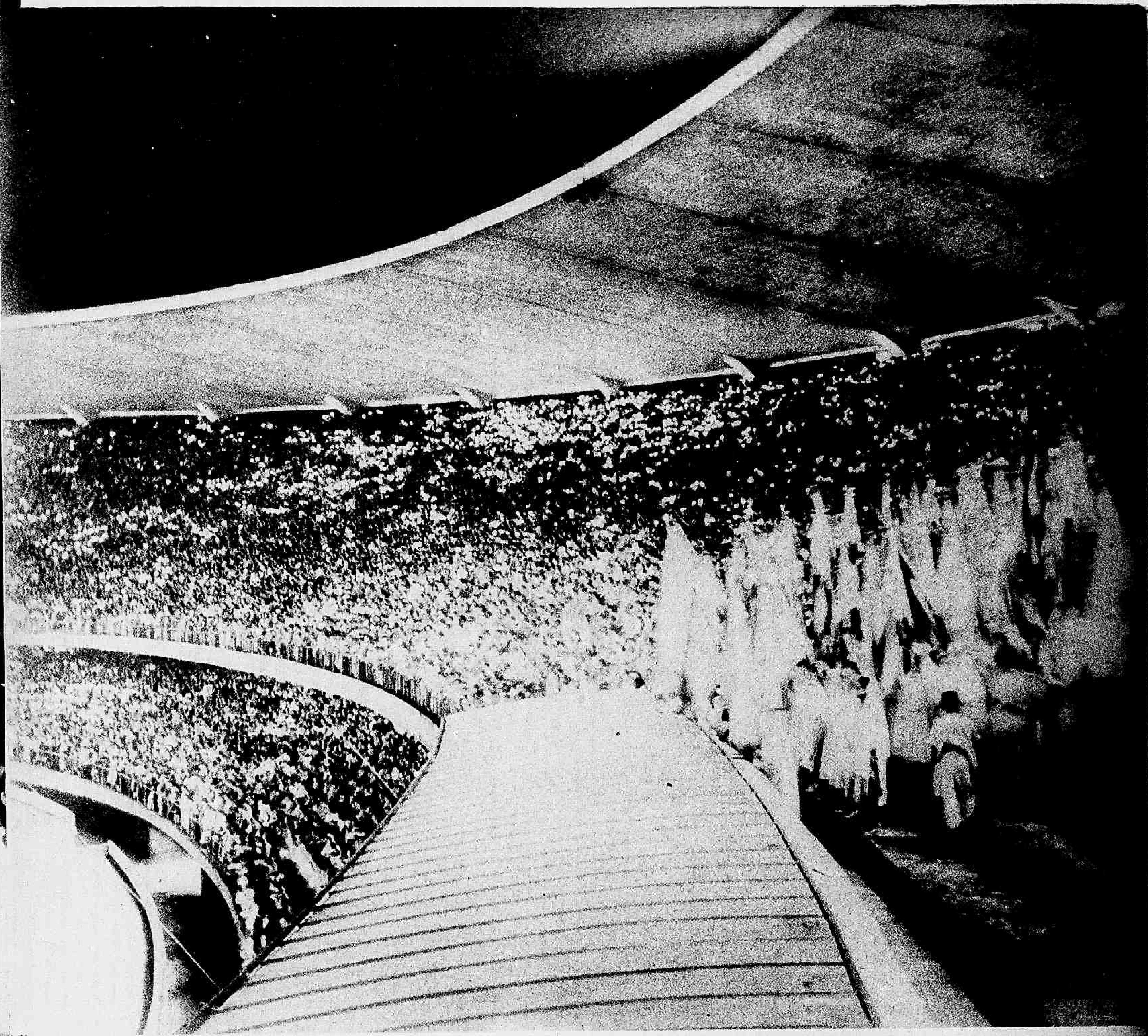


Pela magnitude das instalações do maior estádio do mundo, superlotado



misericórdia e devoção. Não há no Distrito Federal exemplo de tão extraordinárias demonstrações de Fé. A visita de N.S. de Fátima, cuja imagem há mais de cinco anos percorre muitos países do mundo, arrastou às ruas do Rio de Janeiro mais de duzentas mil pessoas de tôdas as idades e de tôdas as classes sociais. Ao lado de altas personagens da sociedade e da política, elementos do povo, gente dos morros, pobres que não se cansavam de rogar à Virgem dias melhores para seus tugúrios onde o que mais sobe é a indigência. A massa popular, conduzindo lanternas e a cantar os hinos a Nossa Senhora, dava à noite chuvosa de doze de maio, aspectos fantasmagóricos e espetaculares. Os corações mais duros de comoção se amaciavam e muitos olhos umedeceram com as lágrimas da conversão e do reconhecimento de que há um poder superior a gravitar mais alto do que as vaidades e orgulho do mundo. A Virgem de Fátima conseguiu milagres sem conta entre o nosso povo, especialmente quanto à influência marcante no espírito de muitos incrédulos que têm sempre um sorriso de ironias para os que continuam a crer no poder divino da Mãe de Cristo. Nosso país, que como tôda nação em marcha acelerada para o progresso das ciências e das indústrias, vai perdendo a Fé nas coisas eternas, recebeu em dia tradicional de nossa história, a visita de N. S. de Fátima, a emissária de Deus para redimir os escravos da carne e do orgulho pueril, abrindo-lhes a estrada in-

Na hora solene da missa noturna, todo o povo ouvia silenciosamente.



pela multidão de fiéis, pode-se imaginar o que foi o grande ato de Fé.

cruenta da conversão, como outro milagre daquela de Damasco, na pessoa de Saulo, o perseguidor de Jesus. Há muitos Saulos nestes tempos.

Com a presença de N. S. de Fátima diante do povo contrito, a balbuciar orações repassadas de Fé e preces sinceras saídas do coração, quantos dêsses incrédulos não sentiram chegada a hora de reconciliar-se com Deus, pela intercessão da Virgem Maria? E êsses são os maiores milagres da milagrosa imagem, os milagres que não vêm a público, mas ficam gravados no mais íntimo do ser beneficiado pelas graças de Nossa Senhora. O milagre exterior, à vista de todos, tem muita importância e atesta o poder do Alto sôbre o destino dos homens; porém o milagre que parte do Céu e vem atingir determinada pessoa na face da Terra, na calada da noite, no silêncio dos lares, na solidão de um deserto, êste é um milagre inesquecível, um raio divino em coração de pedra, a derrota de Satanaz, a falência do orgulho, a queda definitiva da vaidade, a ressurreição da Fé. Muitos daqueles que, como Saulo no caminho de Damasco, recuperaram a vida luminosa da crença, não revelam o que experimentaram na estrada da conversão; mas guardam como um tesouro inestimável a sensação daquela redenção, o efeito de um salvamento que já se fazia tarde, chegado afinal em boa hora para a libertação de uma ovelha desgarrada do rebanho abençodo por Deus. Não se pode viver sem Fé, como não se pode viver sem esperanças; a Fé remove montanhas



Parece um anjo de Rafael, mas é uma carioquinha cheia de fé e contrição.

CONTINUA A PEREGRINAÇÃO



Duzentas mil pessoas conduziram entre cânticos, flores e luzes a imagem da Virgem de Fátima pelas ruas do Rio, e até ao belíssimo altar erguido no Estádio do Maracanã. A cidade viveu horas de intensa emoção.

CONTINUA A PEREGRINAÇÃO



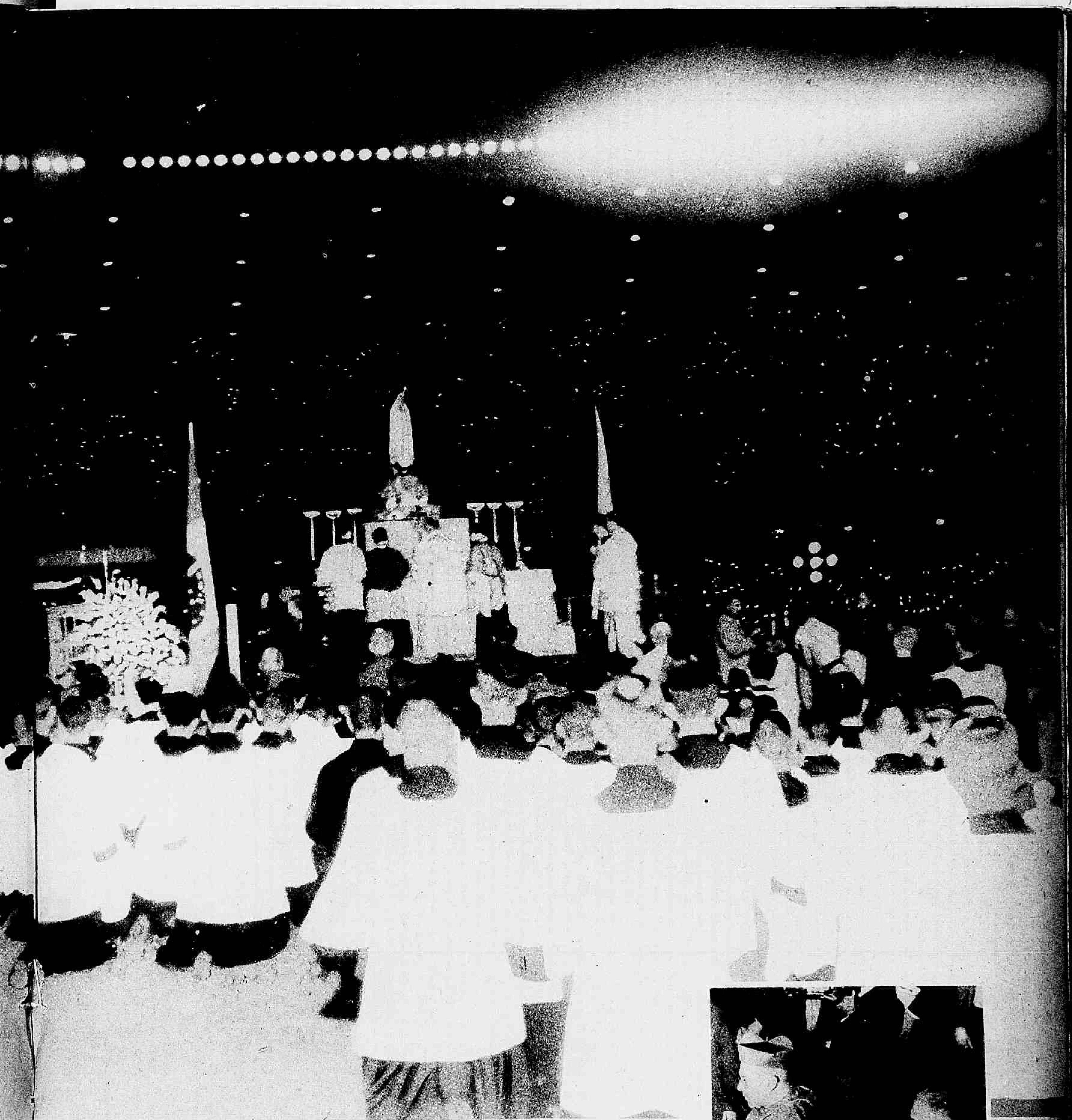
Imponente revoada de anjos, como que descidos do céu, agitando palmas e cantando em louvor da Virgem de Fátima, ao ser conduzida ao Estádio do Maracanã, entre vastas alas de flores.





Visão fantástica do Maracanã na noite de 13 de maio, quando era celebrada a missa no-

e a Esperança é o bálsamo a todos os espíritos desesperados. Mesmo diante da morte certa o homem de fé não fraqueja. Recordemos aquêle episódio memorável do naufrágio do «Titanic», em noite densa nos mares do Ártico, afundado por enorme montanha de gêlo flutuante. Quando os seus dois mil passageiros estavam na iminência de submergir e o desespêro lavrava por todos os recantos do palácio



turna nas molduras luminosas de duzentas mil lanternas. Na outra foto, o Cardeal D. Jaime Câmara, tendo a seu lado o brig. Eduardo Gomes.



em ruínas, ouviu-se de dentro das trevas da noite a melodia de um hino a Jesus Cristo, intitulado «Mais perto de Ti, Senhor!» E centenas de vozes cantaram a Jesus naquela hora trágica, em que a morte levava para o fundo das águas geladas do círculo Boreal, todos os que não puderam salvar-se. A Fé lhes deu fôrça para enfrentar a morte. A idéia de um poder superior eleva os nossos espíritos e nos conforta nas horas mais amargas da incerteza e da perdição. Foi por isso que o povo carioca se ajoelhou diante de Nosso Senhora de Fátima, depois de conduzi-la triunfalmente por vários setores da Distrito Federal, colocando-a em andores e altares, e fazendo do coração de cada um, o mais sublime altar para sua crença na Mãe de Deus, e nas graças que ela derrama sôbre nossa Pátria.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

CLEÓPATRA

... rainha do Egito, mulher luxuriosa. César amou-a desesperadamente e Antônio por ela morreu.

AINDA atordoada e amedrontada por sua audaciosa aventura, ela apareceu a César como uma criatura singular e diferente. Como se seu coração tivesse sido transpassado pelo dardo caprichoso de Eros, êle sorriu à provocante estatueta de carne, surgida como por encanto das dobras de um tapête. Não podendo entrar em Alexandria pela porta, como o desejava sua autoridade real, ela fizera-se encerrar, com o consentimento e ajuda de Apolodoro Sucuelo, num fardo de tapêtes. De lá saíra apenas para apresentar-se a César, o conquistador, o invencível, o construtor do maior poderio imperial de Roma, aquêle diante de cujos exércitos as hordas inumeráveis de Iberos, Gauleses e Germanos se haviam submetido.

Cleópatra apresentou-se indefesa. Dezesseis anos; um corpo sutil e nervoso, que parecia apenas ter saído da puberdade, e cujos movimentos irrequietos despertavam sentimentos imprevistos e contraditórios; dois olhos grandes, nos quais a audácia estava velada por uma timidez estudada. A incômoda embalagem não lhe havia permitido mostrar-se mais embelezada, como teria desejado. Compreendeu, porém, assim que se pôs de pé, que as indiscreções de sua tualete sumária valiam muito mais do que as vestes e os adornos que deixara, por necessidade, além da linha dos exércitos de Aquilas. Disso se valeu, com o instinto que é inerente às mulheres quando se decidem a lutar por alguma conquista, e para isso se servem de qualquer expediente.

César dela sabia que: ao morrer o pai subira ao trono, associando-se a Ptolomeu, o mais velho de seus irmãos, menino de 10 anos; por caisa das intrigas da côrte, por ela enfrentadas com coragem insuspeitada, havia se colocado contra os três homens mais poderosos de seu reino — Potino, eunuco sanguinário e vil, Teodoto de Quio, preceptor e corruptor do reizinho e Aquilas, presunçoso comandante dos exércitos reais.

Acusada caluniosamente por seus três maiores adversários de querer se desfazer do irmão, ela fugira às eminentes insídias da camarilha do palácio. Nos confins orientais de seu reino preparara-se para enfrentar, com um exército por ela própria comandado, as maquinações dos cortesões infiéis.

César sabia de tudo isso. A curiosidade de conhecer pessoalmente a pequena rainha do Egito atraíra-o, inconscientemente, para ela. Quando a viu sair das dobras macias dos tapêtes e surgir à sua frente, esquecida ou despreocupada da exibição de seu corpo ardente, admirou-a como uma jóia rara e sorriu-lhe. Sabe-se que êle não sorria muitas vêzes. Quando seus lábios finos se abriam para um sorriso era sinal de que uma grande emoção penetrara-lhe na alma.

Ela não teve necessidade de falar. Para não aumentar muito, com seu corpo, o fardo de tapêtes cobrira-se apenas com uma daquelas túnicas de lisa sêda oriental, que parecem revelar o corpo em vez de cobri-lo e desenham através de suas pregas macias tôdas as sinuosidades da carne, como se a desnudassem. Nunca os artífices de Tanagra ou de Alexandria criaram uma estatueta tão graciosa, ao se proporem representar a casta audácia de uma virgem. Dos pequeninos pés à curva dos ombros, do pescoço esguio à promessa das ancas, da esbeltez dos joelhos, às formas arredondadas dos seios, apareceu tôda ela ao grande general muito bela, de uma beleza indócil e ardente, mais pronta para o amor do que para uma conquista política. Não era perfeita de rosto, mas tinha grande mobilidade de expressão. Seu olhar inteligente era firme e decidido. De sob o arco das sobrancelhas emanava um sutil fascínio, de que se servia com audácia.

Talvez Cleópatra ainda ignorasse seu destino. Sabia que deveria tecê-lo com suas próprias mãos e que seus atrativos irresistíveis seriam a lançadeira entre a trama e a urdidura.

A REVISTA DA SEMANA, com o presente número inicia interessante retrospecto histórico sôbre a vida das mulheres amorosas, cuja existência nos respectivos meios sociais encheu de sensações a vida de homens célebres, côrtes brilhantes e nutriu uma seção da Literatura mundial. George Sand, Maria Antonieta, Du Barry, Lucrécia Borgia, e outras, tôdas elas estarão na REVISTA, com seus amôres, intrigas, sofrimentos e prazeres. Para iniciar, apresentamos os amôres de Cleópatra, a bela e sedutora rainha.

Por ALMERICO RIBERA

Tradução de LÍGIA JUNQUENRA

★

César combateu e venceu por ela.

A estatueta de carne, que por êle se imolara, havia-o inebriado de prazeres estranhos e irresistíveis. Uma feminilidade saturada e ardente, que antes não conhecera, se lhe revelava agora. No ambiente clássico e comedido de sua grande Roma sempre lhe fôra estranha a forma violenta do prazer. O Oriente helênico, com seus misteriosos ritos amorosos, com seus prazeres agudos, lançava-o para além de tôda realidade. Ela, ainda inexperiente, guiada apenas pelo ardor dos sentidos, precocemente desabrochados, vencera-o e convencera-o, não lhe dando tempo de pensar, e fazendo-o viver numa espécie de esquecimento sonolento: despreocupada de quaisquer outros cuidados que não fôssem os de vencer o vencedor do mundo.

Amor? Paixão? Embriaguês? Cálculo? Ninguém saberá dizê-lo. Ao lado da esfinge colossal — que parece predizer aos viajantes as solidões imensas do deserto, para que a morte não os surpreenda ardendo em sêde inextinguível — ponhamos também, sôbre a terra egípcia, uma pequena esfinge e cubrâmo-la com o misterioso véu do tempo.

César e ela se amaram e dêsse amor nasceu um filho ao qual foi pôsto o nome do pai. Foi o único filho tido por César, e, no entanto, nunca chegou a despertar no grande general o sentimento da paternidade. Os alexandrinos, cujo espírito vivaz e sarcástico inundava as suas terras como as aluviões do Nilo, mudaram o nome do menino para o de Cesariano; depreciativo e insípido como a lua crescente. A rainha, porém, não quis tomar conhecimento das reações de seu povo, nem da indiferença do pai. O menino fôra concebido sôbre as águas do grande rio, quando os dois amantes por elas navegavam, numa das maiores e mais confortáveis embarcações de passeio que a rainha fizera lançar nágua; e onde o luxo oriental desencadeava os seus desejos ardentes, envolvendo de sonho as noites ávidas de embriaguês.

César vencera Aquilas, o feroz inimigo de Cleópatra, protetor do jovem rei egípcio. Com alguns milhares de homens o invicto general romano tivera que sustentar uma luta desigual, contra um exército numeroso. Quando lhe chegaram reforços, porém, com a rapidez que o tornara o mais genial dos generais, junto às margens do lago Mareotides, havia desbaratado o inimigo, afundando os seus navios e pondo em fuga os pilotos sobreviventes. As águas cúpidas tragaram o irmão de Cleópatra, o mais jovem monarca do mundo, e sua frágil coroa.

César, o filho do conquistador das Gálias, nasceu em 23 de junho de 47 A.C.; seu pai tinha, então, cinqüenta anos e sua mãe dezessete.

★

Uma infância ignorante, uma adolescência vazia, uma mocidade isolada e perigosa haviam sido as de Cleópatra. Quantos acontecimentos em poucos anos! O palácio em que fôra educada pelo pai, Ptolomeu Aulete, se lhe revelara destituído da única riqueza indispensável: o sorriso materno. Não conhecera sua mãe. O luxo das mulheres e a sua lascívia; a arrogância dos homens e a sua presunção; as intrigas dos cortesãos; a submissão humilde dos servos, espiões e mercenários; tudo isso havia sido a base de sua educação, ligeiramente burilada pelos ensinamentos dos pedagogos e dos professôres contratados. Ela desabrochara da infância como uma flor fechada sôbre um leito de estrume embebido de venenos agudos e sutis, que lhe acendiam no sangue ânsias inconstantes. Seu sangue era o de uma rainha, por instinto, esquivo aos contatos impuros e às fusões indignas, anelante por grandes esponsais sôbre tálamos imortais. Formada na altivez, sem conhecer ainda o sofrimento, quando com a morte do pai se tornara de improviso rainha, volvera o olhar a sua roda para compreender melhor a si mesma e aos outros. O eunuco, o pedagogo e o general, formavam uma tríade poderosa e apertavam o cêrco a sua volta para encerrá-la na angústia de suas ambições.

Ela se insurgira. Tinha a fronte ampla, o olhar firme, a vontade decidida. Era preciso limpar o palácio de tôda sujidade, libertá-lo dos homens que o infamavam, dar-lhe de novo a sua diminuída austeridade. Êstes propósitos dela teriam feito, quem sabe, uma mulher inteiramente diferente, se não tivesse ficado sòzinha a lutar, e se contra sua lealdade não se houvessem oposto obstáculos intransponíveis, calúnias, conjurações, interêsses inconfessáveis e pretensões as mais sombrias. Sentiu-se finalmente débil e desanimada ao se ver sòzinha, contra tudo isso. Quando Potino, Teodoto e Aquilas espalharam que ela queria desfazer-se do irmão para governar sòzinha, fugira. Não por covardia, mas, para enfrentar como rainha os seus caluniadores. Levara soldados e treinara-os; comunicara-lhes o entusiasmo de sua natureza. Incitava-os com sua presença e seu exemplo. Êstes, estavam ansiosos por bater-se com os inimigos de sua rainhazinha, um pequenino ídolo cheio de encanto e esperança, de doçura e de coragem, símbolo vivo de uma estirpe ardente e sonhadora.

Depois, lá longe, nos vastos e amplos horizontes do Egito, despontou a estrêla de César.

Por que e por quem vinha êle?

A própria fama da bela Cleópatra incitava-o a uma aventura de amor para compensá-lo das desilusões conjugais. Por uma incompreensível cartada do destino fôra atirado aos braços delicados para provar ao mundo que os homens mais fortes são os mais débeis?

★

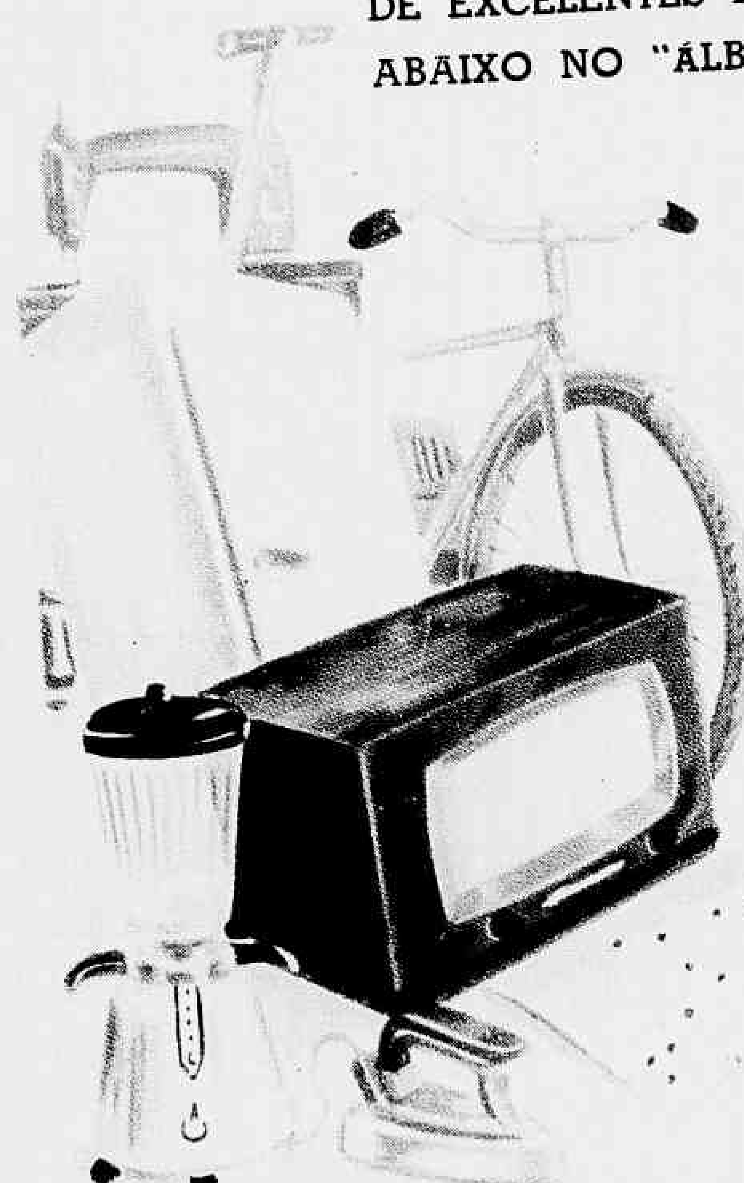
Foi a fôrça do instinto que atirou Cleópatra, virgem e ingênua entre os braços do maduro e experimentado ditador? Foi, da parte dêle, o desejo obscuro e

(Cont. na pág. 39)



GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

DESDE TELEVISÃO A UTILIDADES DOMÉSTICAS. MAIS DE DUAS CENTENAS DE EXCELENTES PRÊMIOS. VIAJE PELO BRASIL, COLANDO AS FIGURINHAS ABAIXO NO "ÁLBUM-REVISTA DA SEMANA". CONHEÇA NOSSO PAÍS E SE CANDIDATE AOS PRÊMIOS.





As figurinhas coloridas que deverão ser recortadas da REVISTA DA SEMANA e coladas no ALBUM, começaram a ser publicadas na REVISTA nº 12, de 21 de março de 1953, com os seguintes números: 155, 3, 76, 51, 102, 140, 57, 156, 7, 120, 15 e 39.

Daí por diante, foram publicadas as seguintes, até ao número presente:

Nº 13, de 28-3-1953: 32, 70, 142, 90, 72, 141, 123, 1, 86, 112, 25 e 114.

Nº 14, de 4-4-1953: 53, 92, 11, 127, 87, 34, 96, 20, 8, 144, 88 e 58.

Nº 15, de 11-4-1953: 29, 146, 26, 17, 3, 54, 94, 81, 134, 98, 4 e 22.

Nº 16, de 18-4-1953: 46, 68, 73, 19, 62, 37, 40, 64, 10, 153, 63 e 27.

Nº 17, de 25-4-1953: 2, 139, 44, 69, 115, 35, 75, 12, 85, 18, 42 e 131.

Nº 18, de 2-5-1953: 28, 154, 74, 60, 136, 82, 5, 100, 6, 113, 65 e 138.

Nº 19, de 9-5-1953: 16, 84, 83, 33, 103, 21, 23, 47, 13, 108, 121 e 36.

Nº 20, de 16-5-1953: 119, 67, 107, 97, 31, 55, 56, 111, 135, 99, 61 e 66.

Nº 21, de 23-5-1953: 79, 95, 59, 126, 49, 149, 78, 14, 104, 52, 30 e 152.

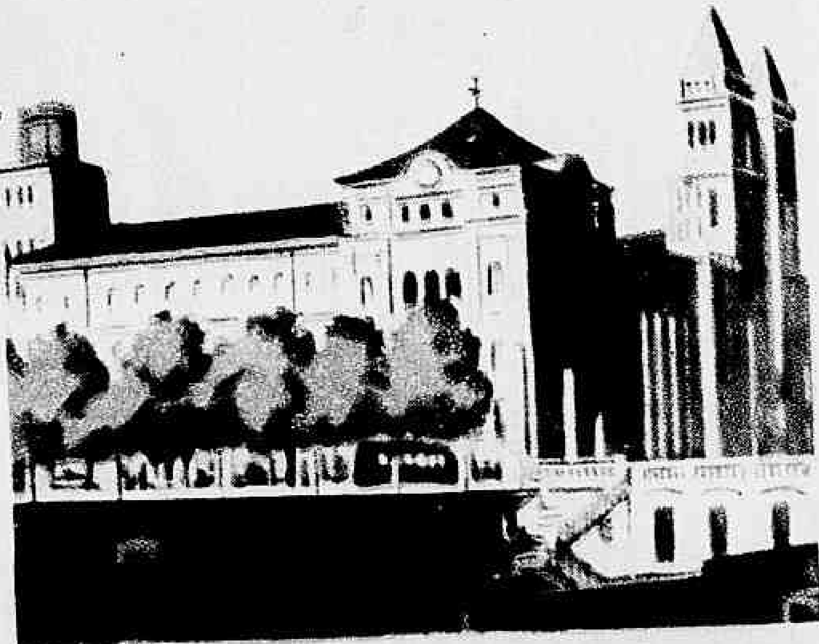
Nº 22, de 30-5-1953: 124, 43, 101, 122, 91, 9, 80, 106, 130, 132, 110 e 151.

Nº 23, de 6-6-1953: 41, 117, 128, 116, 89 e 137.

Quando não forem encontradas em jornaleiros, podem pedi-las à Companhia Editôra Americana, mediante selos do Correio ou Vale Postal. — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. —— Rua Visconde de Inhaúma, nº 134 —— Rio de Janeiro.

41



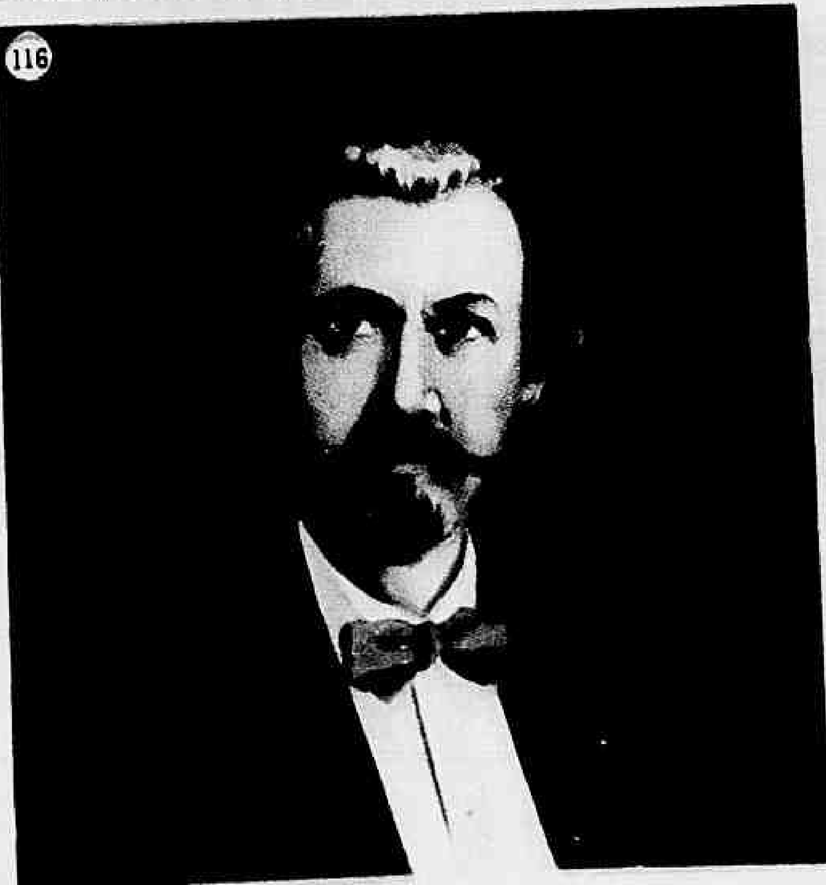
117



128



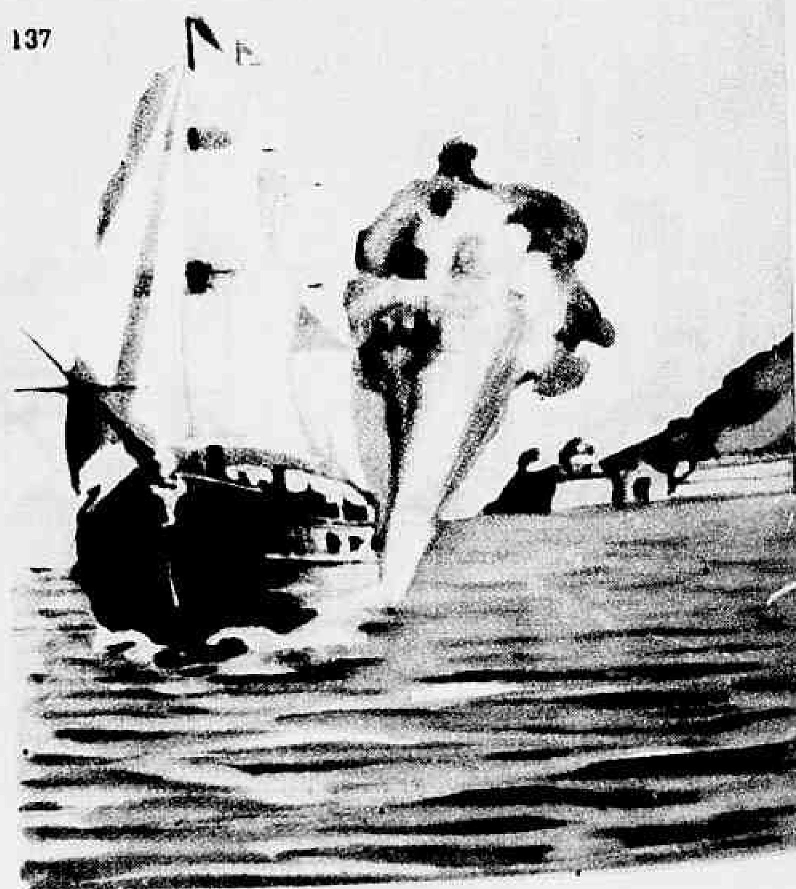
116



89



137



AS GRANDES REALIZAÇÕES DO IAPC NO TERRENO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL



A Casa da Comerciária, em Laranjeiras, uma das grandes realizações do I.A.P.C., sob a gestão de Henrique de La Rocque.

A NOVA POLÍTICA ECONÔMICA ADMINISTRATIVA, ADOTADA PELO PRESIDENTE DO INSTITUTO, SR. HENRIQUE DE LA ROCQUE

SEGUINDO a diretriz traçada pelo Chefe do Govêrno, o presidente Henrique de La Rocque vem desenvolvendo, à frente do IAPC, uma política econômico-administrativa das mais operosas e fecundas. O problema social, encarado sob seus múltiplos aspetos, tem merecido especial atenção da autarquia.

Ainda agora, o dr. Henrique de La Rocque acaba de autorizar a planificação de três obras memoráveis: o Palácio Presidente Vargas, destinado a residência dos comerciários e suas famílias, com imenso restaurante com capacidade para dez mil refeições e um teatro popular apto a comportar 1.800 espectadores, além de vários andares que serão destinados a sedes de sindicatos e outras instituições congêneres.

A Casa da Comerciária com a finalidade de abrigar a imensa leva de moças comerciárias do Distrito Federal; e, finalmente, o Conjunto Residencial dos Jornalistas no Jardim de Alah, cujo objetivo é proporcionar, aos profissionais da imprensa, uma moradia segura, cômoda e barata, livrando-os, assim, dos precalços e incertezas a que está sujeito, hoje em dia, todo aquêle, que não possui a sua casa própria.

Sòmente essas três obras de vulto incalculável e de valor inapreciável para a massa comerciária do Distrito Federal, bastariam para consagrar a gestão do presidente Henrique de La Rocque, à frente do IAPC, se S.S. já não se houvesse afirmado, de maneira definitiva, em outras iniciativas de real valor para a Instituição.

Estabelecendo um critério mais equitativo, no tocante a inversão de capital no setor imobiliário, ao contrário do sistema em vigor estabelecido, que beneficiava quase que totalmente a população comerciária do Distrito Federal e de São Paulo, em flagrante detrimento das outras massas comerciárias do país, veio o sr. Henrique de La Rocque, com êsse novo critério, assegurar a todos os comerciários do Brasil um regime de igualdade e a queda da injustiça que, até então, se vinha processando.

Outro ponto que tem merecido todo o cuidado e tôda a atenção do presidente Henrique de La Rocque é o que diz respeito à arrecadação, viga mestra sôbre que repousa a Instituição.

S.S. não se tem descurado dêsse problema magno que é a preocupação de todo administrador consciente: zelar, fiscalizar, superintender, sem descanso, as fontes arrecadadoras da Instituição que representam as suas células vitais.

E Henrique de La Rocque tem pôsto nisso todo empenho: percebendo a dificuldade que ofereciam, para a arrecadação, os pontos afastados do país, S.S. determinou fôssem adquiridos pela autarquia que dirige, «Jeeps» que possibilitassem o acesso do corpo de fiscais aos mais remotos pontos do país. Essas e outras medidas têm sido tomadas, assegurando, assim, a solidez financeira da Instituição, não obstante as obras vultuosas que vem empreendendo.

Henrique de La Rocque, é pois, o administrador consciente e honesto, a que sempre aspiraram as classes comerciárias do país — administrador capaz de gerir o patrimônio que lhe foi confiado por homens que labutam e mourejam no comércio, anos a fio e que possuem um direito sagrado e intangível, que Henrique de La Rocque, tem sabido preservar e respeitar.

CORREIO DA REVISTA

● São Vicente, 14 de abril de 1953.
Prezado Diretor da «Revista da Semana»:

Estou colecionando os postais do belo Concurso de Viagens dessa Revista. Confesso que estou maravilhado com o mesmo. Quero, porém, fazer um ligeiro reparo, com a devida licença do prezado patrício; é o seguinte — no número 14 dêste mês os postaizinhos foram publicados no verso da fôlha onde estava publicado um belo quadro do drama sacro da Paixão, levado em Santa Catarina (meu Estado natal.) Neste último número vêm os mesmos publicados no verso da página onde vinha publicado um mapa do oriente. Dessa forma tem que se estragar uma bela página para se aproveitar os postais do concurso. Penso que bem poderiam publicar os postais em outra qualquer página de menos interêsse, não acha? Têm as páginas de Arabela ou de Darcy que pouco interêsse há e que poderiam ser «sacrificadas».

E' uma sugestão do amigo e patrício,

Jovino Silveira Machado.

Av. Capitão Mor Aguiar, nº 424. São Vicente, São Paulo.

Resposta: — Razões de ordem técnica não nos permite uma solução imediata. Estamos estudando.

● Rio de Janeiro, 4 de maio de 1953.

A «Revista da Semana».

Prezado senhor.

Nenhuma restrição teria a fazer à reportagem «Matarona de Inteligência e Cultura», publicada no nº 18 do dia 2 do corrente, se v. s., sem dúvida alguma, ilaqueado na sua boa fé, pelas informações dum oficialismo interessado em esconder a verdade dos fatos, não tivesse esplanado alguns conceitos inteiramente inverídicos.

Refiro-me a afirmativa: «O exame ao Instituto de Educação é um sério concurso de habilitação pela maneira com que se realiza. Aqui não valem pistolões. As meninas são selecionadas pelo critério da sua capacidade.»

Santo Deus! Em tão poucas palavras jamais se poderia enfeixar maior série de inverdades. Estou simplesmente estarrecido ante tão leviana e desproposituda asseveração.

Baseado em documentos oficiais do próprio Instituto, informo e rogo-lhe tomar boa nota de que:

a) entre as 747 (êste número confere) candidatas aprovadas estão incluídas **21 (vinte e uma) que tiraram nota ZERO na prova escrita de matemática!**

b) 362 (trezentas e sessenta e duas) meninas aprovadas obtiveram média global **inferior a 6.50** existindo, porém, outras que conseguiram graus **5 e 5.50** na prova escrita e média global **6.52 — 7 — 7.08 e até 7.20** e que, entretanto, foram consideradas reprovadas!

c) «O critério de seleção pela capacidade» (dos pistolões?) foi tão perfeito que deu motivo para a vereadora e professôra Lígia Lessa Bastos dirigir, no dia 15 de abril, ao sr. prefeito um requerimento **«solicitando providências, através da Secretaria de Educação, para que nas futuras instruções para concursos de admissão aos cursos ginasiais da Prefeitura, sejam eliminadas as provas orais, restabelecendo-se o antigo sistema de PROVAS ESCRITAS ELIMINATÓRIAS DE MATEMÁTICA E PORTUGUÊS».**

E' evidente que, ante os fatos concretos acima mencionados, a tradicional e conceituada «Revista da Semana», errôneamente informada, cometeu grande equívoco ao transmitir aos seus leitores informações totalmente destituídas de fundamento, pois, é público e notório que desde o ano passado os exames nesse Educandário têm sido fonte de tremendo escândalo que culminou com a criação do malfadado «Anexo» e prosseguiu êste ano com o capcioso e maquiavélico regulamento que inovou o cancro dos exames orais, deixando a dosagem das respetivas notas inteiramente ao ARBÍTRIO DUM SÓ EXAMINADOR!

Em face do exposto deixo à consciência e a boa ética profisional de V.S. a retificação da notícia inexata como uma demonstração de respeito a VERDADE e a JUSTIÇA..

Sendo o que se me oferece, subscrevo-me constante leitor e apresento-lhes minhas cordiais saudações. — **Oscar Silva.**

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO, ENTRE 6 E 12 DE JUNHO DE 1953.
(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — A semana vai se iniciar com uma completa liberação no seu caso. Haverá liberdade completa de movimentos e de atitudes. Faça o que bem entender, nos limites normais e será bem sucedido.

TOURO (21/10-20/11) — Os dois primeiros dias da semana serão inexpressivos. O dia 8, porém, marcará o início de uma fase altamente favorável aos seus negócios e aos casos sentimentais. Os sexos estarão em harmonia absoluta.

GÊMEOS (21/11-22/12) — Uma semana muito favorável é o que promete o planêta Mercúrio, aos seus eleitos, no período de 6 a 12 de junho próximo. Haverá possibilidade de bons negócios e de lucrativos empreendimentos.

CANCER (23/12-20/1) — As desfavorabilidades estarão diminuídas, no próximo período. Poderá alcançar sucesso nas iniciativas, nas viagens e negócios e nas especulações com gêneros alimentícios. O dia 8 será o mais favorecido.

LEAO (21/1-20/2) — Haverá favorabilidades gerais, no seu caso. Pode confiar na boa sorte, nos negócios, nas iniciativas e também nos amôres. A paz do lar não será perturbada e haverá satisfação entre os seus.

VIRGEM (21/2-22/3) — Tome uma iniciativa qualquer, ponha em prática os planos já amadurecidos. O que se iniciar no próximo período, se desenvolverá fàcilmente e dará ótimos resultados. Os dias seis e oito serão os melhores da semana.

LIBRA (23/3-20/4) — Com exceção do dia 10, todos os demais lhe serão favoráveis. Os negócios renderão bastante e haverá oportunidade para fazer novas e proveitosas relações de amizades. Haverá, igualmente, encontros imprevistos e favoráveis aos problemas pendentes de solução.

ESCORPIAO (21/4-20/5) — Não requeira nada na justiça nem solicite favores nos dias oito e doze. O dia 10 lhe reservará uma agradável surprêsa. Clima salutar aos negócios em andamento.

SAGITARIO (21/5-23/6) — Continuará ocupando uma boa posição ante o influxo dos astros. O ambiente facilitará, enormemente, suas atividades profissionais, requerendo, porém, um pouco mais de atividade.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — A nova fase vai ser de equilíbrio nos seus negócios e no orçamento doméstico. Seu espírito de economia, pronunciado como êle é, ficará ainda mais aguçado. Os rendimentos aumentarão o saldo e, conseqüentemente, o pé de meia.

AQUARIO (23/7-21/8) — Os astros lhe vão conceder plena liberdade de ação com exceção apenas de um setor de atividade: o das experimentações mediúnicas ou psíquicas. Não interfira em tal sentido. Xangô estará de olhos muito abertos.

PEIXES (22/8-20/9) — O meio se mostrará bonançoso, na próxima semana, possibilitando-lhe realizações de certa importância. Seu poder de insinuação estará aumentado, o que lhe facilitará o apoio de que tiver necessidade.

OS NOMES DA SEMANA

Junho	6	— Mário — Marisa.
"	7	— Jório — Elmira.
"	8	— Ariosto — Júnia.
"	9	— Plínio — Elma.
"	10	— Arjuna — Estefânia.
"	11	— Sérgio — Esmeraldina.
"	12	— Tárcio — Lourdes.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol — Meio-dia de Greenwich

Junho	6	15°28'03''	(Signo dos Gêmeos)
"	7	16°25'28''	(" " ")
"	8	17°22'52''	(" " ")
"	9	18°20'16''	(" " ")
"	10	19°17'39''	(" " ")
"	11	20°16'02''	(" " ")
"	12	21°12'23''	(

JANELA SOB







TRÊS ASTROS E TRÊS SÓSIAS estão nestas gravuras. A primeira é Lucienne Marnay, que trabalha num cabaré de Paris, e procura imitar Gaby Morlay, cujo sobrenome muito se assemelha também com o da sósia. Marnay é a que está na foto menor. E' interessante citar, que, muitas vêzes, Gaby Morlay comparece naquela casa de diversões noturnas, a fim de aplaudir sua imitadora. Ambas se comprendem muito bem, e não há ciúmes... artísticos. Ao centro da ilustração que ilustra esta página vemos Carlitos, o famoso e imortal Charles Chaplin, e, em baixo, seu imitador Telmy Talia. A gente fica vacilando. Quem será mesmo Carlitos? A semelhança é assombrosa, pelo menos em fisionomia, gesto e poses. Para imitar o grande criador de «Luzes da Cidade», há alguns sósias em diversos países do mundo, inclusive aqui no Brasil. Todo o Rio conhece aquêle propagandista que se veste a Carlitos e sai a fazer momices pelas ruas da cidade; mas, pelo que vemos aqui, a primasia cabe a Telmy Talia, que demonstrou a mais completa habilidade para imitar Chaplin. E' que Talia, desde os seus seis anos de idade, que procura confundir-se com Carlitos, imitando-o sensacionalmente. E' claro que Charles Chaplin só é imitável no físico, mas ficará sempre insubstituível na seara da arte. No terceiro clichê vemos Barbara Paul, que procura imitar a sósia Juliette Greco, aplaudida cantora; a maior ambição de Barbara é tornar-se tão atraente como a sua modêlo. Pelo visto parece que já alcançou essa justa ambição.

O MORTO IA NA FRENTE E OS COVEIROS ATRÁS

Isso sucedeu em Cetara, Nápoles, onde o sr. Fernando Trusiano, de 57 janeiros, faleceu de um colapso cardíaco. Colocaram o morto no respectivo esquife e o levaram para a capela do campo santo onde seria depois inumado. Estavam os parentes a chorar o infortunado Trusiano, quando o viram entrar de casa a dentro, calmamente, à hora do almêço, todos os da família a mastigar «spaghetti». E os coveiros atrás: pega o defunto! olha o defunto! Houve um momento de estupefação, de terror; mas, verificando-se que o morto estava vivo e com fome, as lágrimas se converteram em alegria e o caso marcou um milagre em Cetara, com um morto que ressuscitara, no duro!

O CONTO DOS PAPAGAIOS

João Guimarães de Souza era amigo íntimo de Dimas Alvarenga, ambos residentes nesta capital. Um dia o Guimarães procurou Dimas e lhe contou que, com 50 mil cruzeiros poderia ganhar bastante dinheiro, indo a Minas comprar galináceos e papagaios faladores, aves que dão muito dinheiro nesta cidade. Também poderia trazer cabritos, carneiros, coelhos, etc., organizando excelente comércio de compra e venda. Mas não tinha o capital inicial. O coração do amigo, unido ao cérebro, que fêz cálculos, palpitou. Emprestou os 50 contos a João Guimarães e esperou pelo resultado. Mas tudo saiu errado. O amigo não trouxe papagaio nenhum, e gastou tudo em coisas que nada tinham com o comércio. E Dimas se entregou a Deus.

- O presidente Eisenhower, falando a jornalistas numa conferência coletiva em Washington, declarou que não era contrário à proposta de Churchill para um encontro dos cinco grandes, mas queria, antes, garantias concretas da Rússia.
- O govêrno egípcio determinou a suspensão de abastecimento às tropas britânicas da zona do Canal de Suez como represália a ataques dessas fôrças a aldeias do país. As relações entre ambas as nações continuam bastante tensas.
- O senador McCarthy, dos Estados Unidos, apreciando o discurso do sr. Clement Attlee, líder dos trabalhistas inglêses, declarou que o mesmo era «comunizante», e, por êsse motivo, estava contra os Estados Unidos, a favor da Rússia.
- Esboçou-se um movimento subversivo na Bolívia, tendo o govêrno de La Paz dado tôdas as providências para sufocá-lo, o que conseguiu. Foram presos muitos implicados, inclusive militares. A polícia está vigilante e o país em paz.
- Os primeiros seis milhões de dólares, parte do empréstimo de 300 milhões feitos ao Brasil pelo Export Import Bank, para liquidação dos atrasados comerciais do Brasil nos Estados Unidos, já foram recebidos pelo Federal Reserve Bank.
- Depois de vários dias de confabulações, novamente se distanciaram os beligerantes das nações unidas com os sino-coreanos, em virtude de não haverem chegado a um acôrdo definitivo sôbre o repatriamento dos prisioneiros de guerra.
- Apesar das divergências surgidas nos últimos encontros entre comunistas e delegados militares da ONU, sôbre o armistício, divulga-se oficialmente, que a ONU, liderada pelos Estados Unidos, está disposta a encontrar solução honrosa.
- Está em pleno andamento novo convênio comercial entre a Alemanha e o Brasil, para resolver o desequilíbrio de importação e exportação do Brasil em relação àquele país. Há um «deficit» brasileiro de 95 milhões de dólares a pagar.
- O Instituto Nacional da Imprensa, reunido em Londres, acaba de condenar o atentado do govêrno argentino contra a liberdade de imprensa naquele país e faz um apêlo aos jornalistas do mundo inteiro, para que protestem com energia.
- Os jornais de Moscou publicaram a declaração de Eisenhower a respeito do recente discurso de Winston Churchill, assim como a declaração do Departamento de Estado norte-americano sôbre o mesmo assunto, mas sem maiores comentários.

RE O MUNDO

QUANDO A LEI NÃO PREVÊ

O Ministro da Educação acaba de dar provimento a um recurso de natureza ainda inédita em nosso país. O menor e estudante Carlos Kuenerz, de São Paulo, perdera seus pais no desastre do «President» e fôra reprovado em matemática no curso científico do Instituto Mackenzie. Requereu segunda época especial e lhe foi negado. Recorreu ao Ministro e o sr. Simões Filho, em despacho que é uma lição de humanidade, deferiu o recurso e autorizou a banca especial excepcional. Na verdade, além de o estudante ter perdido os pais, ficar prejudicado um ano, pelo fato de não ter tido calma de espírito bastante para fazer as provas, seria uma crueldade. Embora sem previsão na lei, foi-lhe concedido recurso legal.

- Foi desvalorizada a moeda boliviana, que passou a valer 190 por dólar, em lugar de 60. O Fundo Monetário Internacional emprestou àquele país 2 e meio milhões de dólares para facilitar a transição entre a antiga e a nova paridade.
- Foi ratificado pela Câmara Alta de Bonn, Alemanha Ocidental, o Pacto do Exército Europeu, por 23 votos contra 15. Por êsse tratado, a Alemanha Ocidental poderá organizar um exército de 500 mil homens, para integrar a defesa da Europa.
- O sr. Pierre Mendes-France, personagem integrada no govêrno francês, e que é ao mesmo tempo, uma das maiores autoridades em economia nacional, advogou uma paz negociada na Indochina, enquanto é tempo, pois, em 1954, a situação será pior.
- Há na capital da Venezuela, segundo divulga a Liga de Desempregados daquele país, mais de 60 mil trabalhadores sem emprêgo. O Distrito Federal da Venezuela conta atualmente com cêrca de 800 mil habitantes, conforme o último censo.

PELOS CINCO MARES

Em abril de 1952 saiu barra fora o «Almirante Saldanha», navio-escola de nossa Marinha de Guerra. Com os seus 530 homens, ia dar a volta ao mundo. E assim foi. Sob o sol causticante do Mar Vermelho, entre a Arábia ardente e a África adusta; enfrentando os canais tortuosos do arquipélago do sul da Patagonia e a agitação do Pacífico, o nosso «Almirante Saldanha» realizou o seu cruzeiro em treze meses, tendo entrado nas águas serenas da Guanabara a 16 de maio. Singrou os cinco oceanos do mundo e grande número de mares. Levou a dezenas de portos o nosso pavilhão e honrou as tradições de nossa Marinha. Tudo decorreu normalmente sem outra preocupação que não fôsse a de honrar o Brasil. Parabéns, marujos!

QUEM DISSE ISSO?

1—A amizade acaba onde começa a desconfiança.

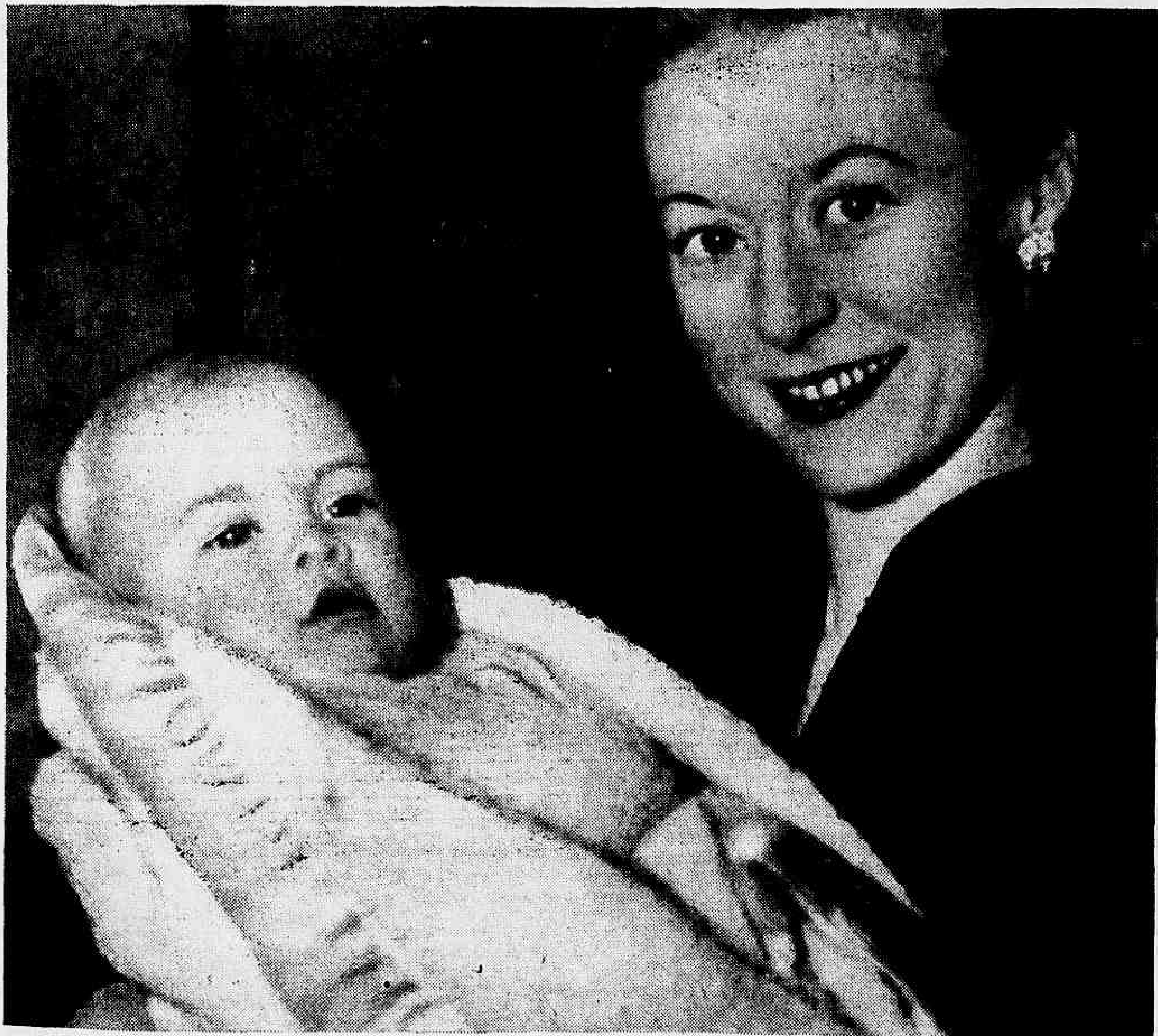
2—Não é a cabeça que devemos trazer erguida, e sim o coração.

3—Os beijos são a artilharia nas batalhas do amor. Vencem tôdas as resistências.

4—Antes do casamento, os olhos devem estar abertos; depois do casamento, semicerrados.

5—A covardia é mêdo consentido; a coragem, mêdo vencido.

(Respostas na página 39)



MOIRA SHEARER, escocesa e artista de fama universal, casou-se há dois anos, com Ludovic Kennedy. Há pouco deu à luz sua primogênita, a que vemos aqui nos braços da mamãe, quando era batizada na igreja de S. João, em Hampstead, em Londres, com o nome de Ailsa Margaret. Sabem o que sucedeu? Havia Moira assinado um contrato para atuar em Hollywood no total de 30 milhões de liras; mas, com estupefação dos empresários, ela renunciou ao trabalho e declarou que, sòmente quando sua linda e inocente Ailsa estiver com um ano, poderá voltar ao palco, ou ao cinema. «Todos os milhões do mundo não podem valer mais do que o amor de mãe na contemplação de seu filho, a quem passa a pertencer.» Palmas!

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual dêstes animais não sabe nadar:
- — O dromedário?
- — O boi?
- — O cão?

2—Que tempo se leva de barca, do Rio a Paquetá:
- — Três horas?
- — Setenta minutos?
- — Cêrca de duas horas?

3—Em quantos bilhões de células se calcula o corpo humano:
- — Cem?
- — Dez?
- — Trinta?

4—Qual destas substâncias os raios não atravessam:
- — A porcelana?
- — A madeira?
- — A água do mar?

5—Qual o país europeu que não possui estrada de ferro:
- — A Irlanda?
- — O Luxemburgo?
- — A Islândia?

6—A lua recebe luz:
- — De alguma estrêla?
- — Tem luz própria?
- — Ou a recebe do sol?

7—Quando subimos nas camadas atmosféricas, o termômetro desce:
- — Um grau para cada 215 metros?
- — Dois graus em cada quilômetro?
- — Meio grau para cada quatrocentos e seis metros?

8—Qual a altura da mais alta das pirâmides do Egito:
- — 300 metros?
- — 147?
- — 205?

9—Quantas são as pirâmides que se encontram no deserto líbico:
- — 80?
- — 104?
- — 3?

10—Qual o preço atual de uma gôta de «água pesada», com que se fabrica a bomba atômica:
- — Dez cruzeiros?
- — Um dólar?
- — 80 cruzeiros?

11—Em que cidade circulou o primeiro bonde elétrico:
- — Londres?
- — Paris?
- — Nova Iorque?

12—A primeira batalha em que se utilizaram navios a vapor, foi:
- — A de Trafalgar?
- — A do rio Hudson?
- — A do Riachuelo?

13—Em que data voou o primeiro avião a jacto:
- — Maio de 1941?
- — Dezembro de 1945?
- — Outubro de 1939?

14—Quantas rodas tinha o «novo tipo» de automóvel do inventor Cugnot:
- — Duas?
- — Três?
- — Cinco?

15—De que país era filho Tomas Alva Edison:
- — Dos Estados Unidos?
- — Da Inglaterra?
- — Do Canadá?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 39)

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 57

	Conceito							
A	Ruminante semelhante ao veado (pl.) →	62	1	132	125	103	■	■
B	Abertura em parede de edifícios →	92	11	20	75	8	123	■
C	Derradeiros →	115	59	122	27	12	3	90
D	Grande pedaço de qualquer coisa →	38	64	10	107	■	■	■
E	Ato de se queixar →	35	63	112	45	130	17	■
F	Que tem ufania →	24	68	34	50	7	86	129
G	Criaturas, seres →	67	54	101	89	126	■	■
H	Insistem →	60	117	97	42	82	28	■
I	Cheia de rugas →	4	81	70	39	104	19	■
J	Germe, princípio →	9	48	105	■	■	■	■
K	Inclina-se →	16	49	106	66	87	■	■
L	Faz girar em volta →	18	102	74	44	■	■	■
M	Observam, espiam →	96	26	51	41	79	■	■
N	Ato de sacar →	121	93	80	110	37	■	■
O	Um e outro →	46	94	25	119	108	■	■
P	Trago; gole →	22	55	30	111	71	■	■
Q	Que tem o sabor como o mel →	2	21	77	47	■	■	■
R	Tornas obrigatório; determinas →	131	113	31	13	95	76	■
S	Membro do Senado →	23	120	61	99	84	133	33
T	Homens ou mulheres →	127	14	40	72	85	57	134
U	Calculamos, orçamos →	78	56	124	116	6	109	98
V	Ala, fileira →	43	5	83	114	36	91	■
W	Hidróxido de sódio →	58	69	88	32	■	■	■
X	Barba em ponta →	52	100	118	73	■	■	■
Y	Curas →	65	29	128	53	15	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em sua casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

A 1	Q 2	C 3	I 4	V 5	U 6	F 7	■ –	B 8	J 9	■ (	D 10	B 11
C 12	R 13	T 14	Y 15	■)	K 16	E 17	L 18	I 19	■	B 20	Q 21	P 22
■	S 23	F 24	O 25	M 26	C 27	H 28	Y 29	P 30	■ ,	R 31	W 32	S 33
F 34	■	E 35	V 36	N 37	■	D 38	I 39	T 40	■	M 41	H 42	V 43
L 44	E 45	O 46	■	Q 47	■	J 48	K 49	F 50	M 51	X 52	■	Y 53
■	G 54	P 55	U 56	■ .	T 57	W 58	■	C 59	H 60	S 61	A 62	E 63
D 64	Y 65	■	K 66	G 67	■	F 68	W 69	I 70	P 71	■	T 72	X 73
■	L 74	B 75	R 76	Q 77	U 78	M 79	■	N 80	I 81	H 82	V 83	S 84
T 85	■	F 86	K 87	■	W 88	G 89	C 90	V 91	B 92	N 93	O 94	■ ,
R 95	■	M 96	H 97	■	U 98	S 99	X 100	G 101	L 102	A 103	■	I 104
J 105	■	K 106	D 107	O 108	■	U 109	N 110	P 111	E 112	R 113	■	V 114
C 115	U 116	H 117	X 118	O 119	■	S 120	N 121	C 122	B 123	U 124	A 125	G 126
■	T 127	Y 128	F 129	E 130	R 131	A 132	S 133	T 134	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 56 — OLEGÁRIO MARIANO. DESTINOS. "Na subida da serra, à beira do caminho que leva a gente a Teresópolis, se vê um coqueiro mirrado, um coqueiro velhinho com a fronde como um teto de sapé."

A MULATA SIMPLÍCIA

(Cont. da pág. 11)

badulaques, e ficar reduzida a ela mesma, e mais uma trouxinha com o dinheiro, bater pé na estrada até encontrar o homem. Mas doía-lhe por dentro, perder aquêle chão tão querido, as laranjeiras floridas, a horta verdejante, a criação tão inocente e alegre, sempre atrás dela, mal surgia a luz das manhãs, a pedir o que comer. Dividida assim, entre um mal e outro, sem saber qual o pior, trabalhava mais, com a intenção de se cansar para esquecer. Mas o desgôsto amarrava-lhe dia a dia, como o mata-pau, num pé de bacuri. Viver para quê?... Foi quando numa tarde em que o céu era vermelho lá no fim do horizonte, sôbre o verde dos cafezais; Simplícia ouviu primeiro o realejo estava muito distante, era-lhe impossível ver onde, porque as casas tapavam-lhe a figura. Mas logo a seguir transfixou-lhe o peito o alfinetão de uma dor fina, ao ouvir a voz dêle cantando o «Sole mio». Nem teve tempo de duvidar ser ou não ser, porque o vento trazia ao coração o calor da certeza no tremor triste e distante da voz tão bonita. Impressão de êle vir caminhando, qual gigante de enormes pés, pisando-lhe os nervos esticados na estrada, tudo vibrava, tudo estremecia. Sentia-se pequenina e aflita nas garras daquela emoção. Mas quando tudo passou, rápido como a surprêsa, e caiu na melancolia desconcertante do real, desviou o rosto lá para a rua. Lá estava êle, o bobalhão, resmungando, a abrir o trinco da portinhola. Velho, mulambento, arrastando pesadamente os passos, um sorriso inexpressivo na cara vermelhona. Gritava algo. Ela compreendeu o sentido: Tudo perdido! Tudo perdido, porca la miséria!... Simplícia pôs as mãos à cintura. Vontade de gritar: Rua! Sem vergonha, que não sou muleta de italiano velho!... Mas caiu mais profundamente em si. Passou a mão pelo rosto. Ferraro fêz gestos teatrais, dizendo que até estava magro. Simplícia sacudiu a espuma dos braços, enxugou a testa com o avental. Apontou-lhe a porta da cozinha. Que fôsse entrando... Porque a fatalidade morava em tudo, até no caminho tortuoso feito pelo andar vacilante dêle, sempre bêbedo. E Rio Prêto precisava daquele cantor ambulante. O degrau da porta da cozinha era dêle. O cachimbo estava lá. As pernas tremiam-lhe ainda, da grande emoção:

— Vá entrando, homem branco! Vá entrando, rei de ouros!...

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quint[illegible] Pinheiro Ltda. — Queiram e[illegible]-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N .....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O LABIRINTO DO...

(Cont. da pág. 13)

Que bom seria entrar na venda do Cayo Conceição e com calma falar sôbre o tempo, sôbre a dificuldade de manter a carga sêca e segura. Malone imediatamente pensaria ter acontecido o mesmo desastre da outra vez e repetiria a proposta: vender ou comprar e certo de que John não tinha dinheiro faria um preço baixo.

E Pindar se voltou, nada mais o detinha ali. Guardou as pérolas no bôlso, abotoou bem e mergulhou em direção ao ponto, onde, estava certo, havia a passagem. Suas mãos tatearam a rocha úmida e lisa. Prendeu a respiração e experimentou — igual resultado. Havia perdido o sentido da direção. Nada havia ali para um homem orientar-se, saber onde ficava o norte, sul, este, oeste. Nadou um pouco, mas sem resultado. A atmosfera úmida o envolvia e não ouvia outro ruído do que o da própria respiração. Cada batida de seu coração soava aos seus ouvidos como um tambor. Tinha que sair dali. E novamente mergulhou mas só encontrava a rocha úmida. Agora, já nervoso, deu volta ao charco, tateando em busca da corrente por onde viera. O lugar teria uns duzentos pés de diâmetro e as possibilidades de encontrar às cegas uma saída ali eram escassas. Estava acostumado a trabalhar debaixo dágua nos arrecifes, mas então era possível de vez em quando vir à tona, respirar o puro ar dos alísios... Aqui, o ar em cima era tão negro como a água em baixo, uma atmosfera fétida que tinha a frialdade da morte.

Meteu-se no charco e acendeu um fósforo; êste piscou, quase se apagou mas logo a chama brilhou. Agora precisava muito cuidado. Os fósforos estavam úmidos e só restavam dois. Com o braço no alto examinou a superfície da água. Tudo imóvel a não ser uma leve ondulação quando êle se movia. Dois fósforos apenas e quando êstes terminassem nada lhe restaria para combater as trevas que o rodeavam. Um pânico cego e desordenado o invadiu. Ficar ali prisioneiro daquela noite eterna, não ver mais o sol, era aterrador. Até ali não vinha o mais leve ruído do exterior. Estava isolado do mundo dos homens. Aquelas rochas gotejantes eram um calabouço, uma cela com a porta hermèticamente cerrada e oculta sob as águas. Sem parar entre uma e outra tentativa, mergulhava e tornava a subir; seus dedos buscavam aflitos e suas mãos só tocavam a rocha fria e lisa. O charco se inclinava provàvelmente da praia até o sem fim. O tempo cessara de existir. Não havia um meio para marcar a marcha das horas. Nadou entre as águas em círculo impelido por um desespêro incontrolável. A abertura por onde viera parecia ter desaparecido completamente. Nem uma frestazinha, nem a mais leve suspeita de uma nesga coroou suas buscas. Sentia cansados os músculos dos ombros e a respiração se tornava penosa. Finalmente acalmou-se um pouco e resolveu raciocinar consigo mesmo Jamais escaparia dali se não pensasse com calma. Percebeu que a maré estava subindo. Havia entrado com a maré baixa e a corrente vinha de dentro para fora, agora havia invertido a direção. Ficou assim alguns instantes raciocinando, enquanto a água subia à sua volta. As paredes laterais eram lisas e úmidas a não ser no ponto onde fizera o achado e então trepou ali e ficou bem acocorado pertinho onde os outros dois homens haviam estado e não conseguiram sair, da mesma desesperada situação. E com o pensamento reconstruiu o que provàvelmente acontecera.

O nativo perseguido de perto pelo homem da espada se refugiara ali com seu tesouro. O outro o seguira. Quanto tempo teriam vivido sem nada mais que água salgada para alimentar-se? O homem baixo de ombros largos teria morrido de mêdo; para êle a gruta estava povoada de espírito malignos que o cercavam e ameaçavam com mãos invisíveis. O outro, da espada toledana, quanto tempo teria èsperado até atirar-se sôbre a própria arma pondo, dêste modo, fim à agonia de seu corpo debilitado pela fome e sua mente enlouquecida pela sêde? Os dois teriam entrado aí, um impelido pelo mêdo o outro pela ganância. E nenhum dos dois conseguira sair. Mas John Pindar resolvera que não ficaria ali dia após dia tateando inùtilmente as rochas. Êle tinha sua faca e a usaria contra si mesmo. Havia tempo porém, aquêle seria um recurso final quando tudo mais falhasse. Talvez conseguisse localizar a entrada da corrente assim como a vira sair no início. Qualquer coisa era preferível àquela espera interminável. Experimentou boiar de costas, mas concluiu que não saía do mesmo lugar. Nada resolvia com isto. E voltou a empoleirar-se na rocha na escuridão, com seus pensamentos.

Passaram-se as horas. Estava ali desde o meio-dia. Meteu a mão na água. Se a maré não começasse logo a baixar, não tardaria a formar perigosos redemoinhos entre as rochas do cabo, perdendo, porém, sua fôrça em direção do mar.

Seu pensamento retrocedeu aos anos vividos e recordou-se de quando traba-

Respostas aos testes da página 37

PUXE PELO CÉREBRO

1—O dromedário
2—Cêrca de duas horas
3—Trinta
4—A porcelana
5—A Islândia
6—Do sol
7—Um grau para cada 215 metros
8—147 metros (Quéops)
9—80
10—Cr$ 60,00
11—Paris
12—A do Riachuelo (Brasil contra o Paraguai)
13—Maio de 1941
14—Três
15—Estados Unidos (Ohio).

QUEM DISSE ISSO?

1—Sêneca
2—Chateaubriand
3—Piccard
4—Benjamin Franklin
5—Legouvé

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico profissional diplomado

Horário: — Diariamente, das 14 às 19 horas

lhava com seu pai na escuna, aprendera a orientar-se e á aproveitar o cobre dos navios naufragados. E a sua escuna que ficara encorada lá fora sob a luz resplandecente do sol... recordou o quanto tinha trabalhado nela; carregado os troncos do bosque, aparando-os, lixando-os, acertando a quilha, metendo cunhas e pregos, cosendo velas. Havia pôsto muito de sua alma naquele barco.

Lembrou os carregamentos que havia feito por conta de Malone e um grande abatimento se apoderou dêle.

Seria aquela a sua última viagem? Tôdas as suas idéias de vingança se desvaneceram. Estava diante de algo que reduzia à insignificância todos os seus projetos. Mergulhou novamente. Quando seus pés tocaram o fundo, notou que a maré havia baixado até a metade. A correnteza devia estar forte lá fora.

Pouco a pouco teve uma idéia. A corrente de água que saía, podia guiá-lo. O que precisava era descobrir a direção. Depositou no alto cuidadosamente a caixinha com os dois fósforos. Tomou um pedaço de cinto e cortou-o com a faca em pedacinhos que juntou na mão, então entrou nágua que o cobriu até os ombros e deixou cair os pedacinhos por entre os dedos abertos. Retrocedeu devagarinho, com cuidado, a fim de não causar agitação na água.

Encostou-se na parede de pedra e aguardou. Os minutos passavam com lentidão irritante. Várias vêzes teve vontade de ir andando mas se conteve, ficou onde estava.

Pareceu-lhe uma eternidade o tempo que a maré levou baixando vagarosamente até no lugar onde estava chegaram só até seus tornozelos. Finalmente resolveu mover-se e com a faca entre os dentes e a caixa dos fósforos na mão erguida se meteu pelo charco adentro. Muito lhe custava resistir à tentação de ir mais depressa.

Por fim chegou no ponto onde a água lhe cobria os ombros. Apesar do estôrço que fazia para dominar-se as mãos tremiam quando tirou da caixa o fósforo; riscou-o várias vêzes no cabo da faca até que se acendeu. Prendendo a respiração viu a chama brilhar debilmente, avivar-se e morrer. Restava-lhe apenas um fósforo mais. Vacilou, antes de riscá-lo, com mãos trêmulas. Uma faísca piscou, vacilou, ameaçou apagar-se e finalmente se transformou em chama.

John Pindar olhou para baixo, os pedacinhos de cortija que jogara nágua pareciam haver sumido. Êle esperara tempo demais talvez, e a corrente os levara. Levantou mais a mão e então viu os pedacinhos boiando nas águas negras. Se haviam espalhado e formavam uma linha curva, como uma meia lua. E o fósforo se apagou. Novamente as trevas o envolveram. Não obstante, naqueles breves momentos de iluminação, John Pindar tivera o sinal que desejava. Diante dêle a linha curva havia indicado a direção da corrente. Nadou um pouco e mergulhou. Suas mãos estendidas para diante tateavam quando seu ombro esbarrou numa pedra. Mais umas braçadas e havia encontrado o saída. Mais adiante já pôde pôr-se de pé.

Lá adiante um vago ponto de luz era como uma flor pintada em veludo negro. Andou um pouco para o lado e a abertura da gruta apareceu diante dêle.

Silhuetando um círculo meio desiqual, a entrada da gruta mostrava seu contôrno iluminado pela lua. Pindar saiu para a praia e respirou profundamente aquêle ar puro e fresco.

Mais alto que o ruído das ondas rebentando no costado da escuna ouvia-se a voz de Timmy, gritando, enrouquecida e desesperada, dentro da noite:

— «John! John!»

John Pindar erguendo-se, levantou a cabeça e com sua voz clara e firme, respondeu alegremente ao chamado.

CLEÓPATRA

(Cont. da pág. 32)

irrazoável de conhecer os prazeres agudos e embriagadores que pode oferecer um homem maduro de experiência à ignorância de uma jovenzinha? O ditador queimava, naquela fogueira, as últimas brasas de sua longa maturidade. Ela conseguia que os seus braços, já enfraquecidos, a implorassem.

Em tôrno dêles, como se fôssem os quatro pontos cardiais de um mundo inquieto, giravam homens e coisas vertiginosamente, numa côrte onde se aguçavam as mais violentas rivalidades. As salas reais eram armadilhas, em cada canto velavam espiões. Arsinoé, a irmã mais moça da rainha, havia fugido do palácio com o eunuco Ganimedes, para melhor tramar contra aquela que considerava usurpadora do trono, ainda que de direito fôsse a rainha, por ter mais idade. Preparava de longe torpes vinganças. Indomável com uma pantera, Arsinoé se passara para o lado de Aquilas e, tendo-o procurado no seu acampamento, se fizera proclamar rainha daquele povo volúvel. Quando, porém, surgiram desentendimentos entre o general e o eunuco protetor, Arsinoé não tivera dúvidas em afastar da combinação a Aquilas, facilitando dessa forma a vitória de César, o odiado.

Tanto era fria e pouco sensível Arsinoé, quanto Cleópatra era ardente e vibrante; uma era calculista, a outra impetuosa; uma dominada por vontade forte e desdenhosa de qualquer laço afetuoso, a outra impulsionada ùnicamente por sua paixão intransigente. A luta entre as duas irmãs teria sido muito renhida e o êxito incerto, se, na balança do destino não houvessem jogado o pêso de seu amor, primeiro César, depois Antônio, a favor da bela rainha do Egito.

Uma noite, sob uma chuva vívida de estrêlas cadentes, enquanto César apertava de encontro ao peito o seu pequenino tesouro, estendidos num macio tapête, debaixo de um grupo de palmeiras, no recanto de um jardim misterioso, ela quis que o amante, sempre pronto a contentá-la, lhe fizesse uma promessa. Entre uma pausa lânguida e um assalto inebriante, entre os delírios do prazer, foi concluído o acôrdo:

— Sim, sim — sussurrou-lhe César, enquanto ela aspirava as palavras de seus lábios — sim. Mandarei aprisioná-la e, a bordo de uma embarcação levá-la a Roma, para enfeitar o meu carro de triunfo.

★

Foi um intervalo não muito sentimental — entre a partida de César e a viagem de Cleópatra a Roma — a paixão fugaz da jovem rainha pelo filho de Pompeu Magno. Gneo Pompeu era moço, valente, destemido e sobretudo romano — qualidade que, mais que qualquer outra, tinha poderes sôbre a desencadeada luxúria de Cleópatra. Além disso, Pompeu se apresentava diante dela quase como amigo e aliado. Viera ao Egito vingar a morte do pai, devida aos três dominadores do palácio, protetores do pequenino rei Ptolomeu. Quem combatia os inimigos de Cleópatra era considerado amigo da jovem egípcia. De sua parte, o guerreiro, mais habituado à vida rígida dos acampamentos do que às sestas preguiçosas do clima oriental, sentiu-se envolvido por uma nuvem de prazer, como se por seu caminho mãos misteriosas tivessem espalhado mortíferos venenos.

Finalmente, uma noite, numa das salas do palácio em discreta penumbra, quando os servos já haviam trazido numa ânfora de ouro os últimos goles de vinho, que em profusão fôra servido durante a ceia, achou-se êle entre os braços da jovem rainha anelante, que, com uma das mãos fechava-lhe os olhos para

(Cont. na pág. 40)

DE CINEMA

OS PROBLEMAS DA ADOLESCÊNCIA

NEWTON COUTO

UM dos problemas mais sérios que vêm sendo debatidos pelo cinema é sem dúvida alguma, o da adolescência que tem sido encarado com muita coragem e frieza, poucas vêzes observadas diante de outros assuntos, proporcionando espetáculos que, pelo seu conteúdo apresentaram verdadeiras conquistas dentro do terreno artístico, como «Ladrão de Bicicleta», «Vítimas da Tormenta», «Era Uma Vez Uma Menina», «Eram Cinco Irmãos», «Em Qualquer Parte da Europa», e tantos outros, que constituíram em contribuições artísticas valiosas para a sétima arte, pelo seu gôsto estético e pelo criterioso estudo dêste tema, que tem sido motivo de preocupações de todos aquêles que se interessam pelo destino das crianças em todo o mundo, tão implacàvelmente vitimas da incompreensão e porque não dizer, crueldade da humanidade.



Brigitte Fossey e Georges Poujouly numa cena culminante do filme intitulado «Brinquedo Proibido».

O cinema francês resolveu contribuir também com uma obra, que servisse de esclarecimento para êsse seríssimo problema, apresentando o filme «Brinquedo Proibido» (Jeux Interdits), que o magnífico diretor de «Batalha dos Trilhos» — René Clément dirigiu para a «Les Films Coroña» e laureado nada menos de três vêzes no ano de 1952 com o «Grande Prêmio Independente do Festival de Cannes», «Grande Prêmio Feminino do Cinema» e o «Grande Prêmio Internacional», correspondendo ao Leão de Ouro de São Marcos no Certame Bienal de Veneza. «Brinquedo Proibido», que a França Filmes do Brasil vai distribuir entre nós, é uma adaptação de uma novela de François Boyer feita pelos argumentistas Jean Aurenche, Pierre Bost e pelo assistente de Jean Cocteau em «A Bela e a Fera» René Clément e cenarizada pelo próprio novelista, focalizando em côres vivas o drama de uma menina, que perde os pais na guerra durante um bombardeio aéreo, quando se dava o êxodo da população, que fugia dos horrores da guerra e do invasor cruel, que ia deixando em seu rastro a morte e a destruição.

ESTA menina de cinco anos é vivida na tela pela atriz infantil Brigitte Fossey, que participa dêste drama pungente, onde os símbolos são de uma grande importância, pois seus significados representam muito dentro da história, principalmente em certos momentos em que a ingenuidade é usada com bastante inteligência, tomando proporções extraordinárias no seu valor como, por exemplo, quando a menina passa as mãozinhas pelo rosto da mãe, depois de morta pela metralhadora inimiga; da preocupação em arranjar uma sepultura para o cachorrinho de estimação que trazia em seus braços, também morto por uma bala, e a conseqüente procura de uma cruz para a sua sepultura; a improvisação de um cemitério para todos os animais mortos que encontravam, sempre auxiliada pelo menino Michel Dollé (Georges Poujouly) e, finalmente, o da adoção do sobrenome do menino — Paulette Dollé, quando era interrogada e por quem já nutria uma grande estima e admiração. Só êstes símbolos já bastam para exemplificar o valor inestimável da história que, como estão vendo, é das mais humanas já levadas ao ecran, servindo-se o autor de duas crianças para poder estudar o problema da adolescência e de esclarecer o êrro dos adultos, chamando-lhes a atenção para os tremendos efeitos da guerra e faz ao mesmo tempo um grande libelo aos que fazem a guerra pelo simples interêsse monetário, ceifando milhares de vidas que nada tinham a ganhar com a desgraça que se desencadeou sôbre suas cabeças. Além de Brigitte Fossey e Georges Poujouly, o casal de crianças que tanta importância tem dentro da história, aparecem ainda Lucien Hubert, Suzanne Courtal e Laurence Badie, respectivamente o pai, a mãe e a irmã de Michel Dollé, enquanto a direção de René Clément constituirá em outro excelente trabalho, porque conta com um material de primeira qualidade, onde pode tirar o melhor partido pelo notável valor plástico e humano que possui sua narrativa, que além de se situar num problema de capital importância, ainda conta com ingredientes capazes de contribuirem para o profundidade dêste tema, que tanto tem apaixonado os realizadores de primeira plana, o que não importa dizer, que se René Clément não contasse com êsse esplêndido assunto, ainda conseguiria apresentar uma direção digna de encômios, pois já deu suficientes provas de seu talento no famoso documentário «Batalha dos Trilhos», onde demonstrou excepcionais qualidades de grande diretor, esperando-se agora em «Brinquedo Proibido» uma realização realmente preciosa e digna de tantos elogios quanto está obtendo em todos os países onde está sendo exibida.



N Ú P C I A S

Realizou-se no dia 25 de abril, na Capela do Eminentíssimo Cardeal da Silva, em Salvador, o casamento do industrial José Coelho com a senhorita Acy Reis, da alta sociedade baiana.

ELIZABETH II

(Cont. da pág. 6)

As quartas-feiras prepara-se para receber o primeiro ministro, Winston Churchill, às 6,30. A conversa entre os dois às vêzes se prolonga por mais de uma hora. Só êles sabem dos assuntos tratados. Nem o próprio Filipe comparece. Quando Churchill morrer deixará uma lacuna que dificilmente poderá ser preenchida.

A COROAÇÃO

Em 2 de junho Elizabeth será coroada. Tôda a Inglaterra ultima os preparativos para essa grande solenidade, com o entusiasmo com que uma família prepara o casamento de sua filha predileta. Todos dão o máximo de seus esforços para que as comemorações da coroação se revistam da maior pompa. A lista dos convidados oficiais eleva-se a 7.500. O cortejo real será formado por 50.000 soldados. Foi um problema arranjar farda apropriada para todos êles!

No dia 2, Elizabeth deixará o Palácio de Buckingham, com destino à Abadia de Westminster, onde será coroada Rainha da Inglaterra e do Império Britânico, do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia, da África do Sul, do Paquistão e do Ceilão.

UMA GRANDE VIAGEM

Depois de tôdas as cerimônias terminadas, começarão os preparativos para a grande viagem da Rainha e de seu marido a seus Domínios. Deixarão Londres no dia 23 de novembro e só voltarão em abril de 1954. Visitarão as Bermudas, Jamaica, as ilhas Fidji e Tonga, a Nova Zelândia, a Austrália e Ceilão.

Apesar de ser uma viagem puramente oficial, Elizabeth e Filipe aguardam ansiosamente que chegue a época de realizá-la. Haverá muitos discursos, inaugurações, comemorações, mas Elizabeth conhecerá o seu Império e pela primeira vez será vista por muitos de seus súditos de regiões longínquas.

A Inglaterra teve duas grandes rainhas: Elizabeth I e Vitória; e todos os súditos do Império acreditam firmemente que, com Elizabeth II, raiará uma nova era de prosperidade para tôda a **Comunidade Britânica.**

CLEÓPATRA

(Cont. da pág. 39)

que imaginasse mais do que poderia ver e com a outra apertava-o de encontro ao seio, impedindo-o de falar e de maravilhar-se. Enebriava-o de amor, como o embriagara de vinho. O corpinho moreno de Cleópatra transformou-se nos braços musculosos de Gneo numa fonte viva de embriaguês inconcebível.

A austero vingador do pai nunca se esqueceu da amante de um mês, das longas e calmas sestas nos bosquezinhos que circundavam os encantadores jardins do palácio, e dos ardentes intervalos amorosos sôbre os tálamos acosionais, enquanto de recantos ocultos vinham lamentos e suspiros de cítaras, ecos dos lamentos e suspiros dos dois amantes.

(Cont. no próximo número)

PORTINARI...

(Cont. da pág. 53)

aplaudem Picasso, Portinari, Salvador Dali por "snobismoy.

Um critico de arte, embora de segunda classe, por ocasião de um festival artistico no Museu de Arte Moderna, em beneficio dos flagelados, lamentou que a falta de chapéus elegantes prejudicasse à vernissage...

E' possivel levar a sério um cidadão desta natureza?

Os Museus de Arte Moderna precisam, antes de mais nada, éducar o povo e alguns criticos!

A EPOPÉIA DAS...

(Cont. da pág. 19)

Na Forçacava, em Fontes, o túnel, já perfurado, tem cêrca de 400 metros de comprimento, descendo pelo seio da montanha. O túnel da subterrânea de Cubatão, entretanto, tem mais 100 metros.

As duas primeiras unidades de 35.000 kw. cada uma, de Forçacava, entrarão em serviço, em setembro dêste ano. A terceira, possìvelmente, na primeira semana de novembro; a quarta, em dezembro; a quinta em abril de 1954 e, finalmente, a sexta em maio de 1954, num total de 330.000 kw.

A subterrânea de Cubatão, todavia, tem a sua etapa final prevista para fins de 1955 e início de 1956, com seis unidades geradoras de 65.000 kw., num total de 390.000 kw.

Enquanto isto, completam a usina Termo-elétrica de Piratininga, que esperam inaugurar até meados de 1954, com 200.000 kw.

Diversas outras obras de vulto estão programadas em todo o país, sendo de destacar os serviços da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco, cujas linhas de transmissão abastecerão grande parte do Nordeste, da Bahia à Paraíba.

Dentro de cinco anos o grupo Light produzirá quase 2.000.000 de kw., através das suas usinas de Fontes, Cubatão, Ilha dos Pombos, Forçacava Subterrânea de Cubatão, Termo-elétrica de Piratininga e muitas outras menores.

A EPOPÉIA DAS ÁGUAS

O nosso sistema elétrico, certamente, já teria caído em colapso, se não fôsse a admirável obra de engenharia realizada na Serra do Mar, onde a obra do Homem superou a natureza. O Criador ofereceu uma Natureza exuberante, porém, cheia de caprichos. O Homem transformou-a num brinquedo de criança, desviando os rios, elevando as águas às alturas e construindo reservatórios do tamanho da Guanabara, sôbre a montanha. E' a epopéia das águas, que reclama um escritor vigoroso.

Billings, um dos heróis da jornada, que depois de construir a usina da Ilha dos Pombos, no interior fluminense, foi para São Paulo, onde represou parte das águas do Tietê, levando-as para o planalto, unindo-as às águas de outros rios que também corriam desordenadamente. É assim surgiram dois reservatórios: o das Pedras e o Billings.

Billings e seus companheiros construíram, ainda, duas usinas elevatórias — Pedreira e Traição — canais com milhares de metros, barragens, enfim, um mundo de concreto para impedir que as águas descessem torrencialmente e inùtilmente pelas escarpas da montanha.

O desvio dos rios Paraíba e Piraí, em plena Serra do Mar, em território fluminense, é outra obra que honra a engenharia universal.

Inicialmente, fizeram uma barragem, na Paraíba, em Santa Cecília, com nove comportas, cada uma com cêrca de 20 metros de vão por seis de altura. As bombas de recalque, cada uma com capacidade para elevar 40.000 litros dágua por segundo, e com um total de mais de 140.000 HP, consumirão mais energia do que tôda a população de Belo Horizonte.

O túnel de Santa Cecília, que conduz a água recalcada ao reservatório de Santana, tem duas vêzes o tamanho da Avenida Rio Branco, e foi perfurado em rocha viva. A barragem de Santana, que represa o potencial desviado dos rios Paraíba e Piraí, foi construída no tempo record de 120 dias. Os milhões de litros dágua retirados do Paraíba, em sua marcha para o mar, atingem, por fim, a represa de Vigário, às proximidades do gigantesco reservatório de Ribeirão das Lajes.

A usina elevatória de Vigário, com cinco bombas, poderá, em situações de emergência, transformar-se em usina geradora. Depois de percorrer cêrca de 25 quilômetros, através de túneis, canais e represas, transpondo duas elevações, num total de 45 metros, a água se projeta numa queda de 320 metros para impulsionar as turbinas de Fontes.

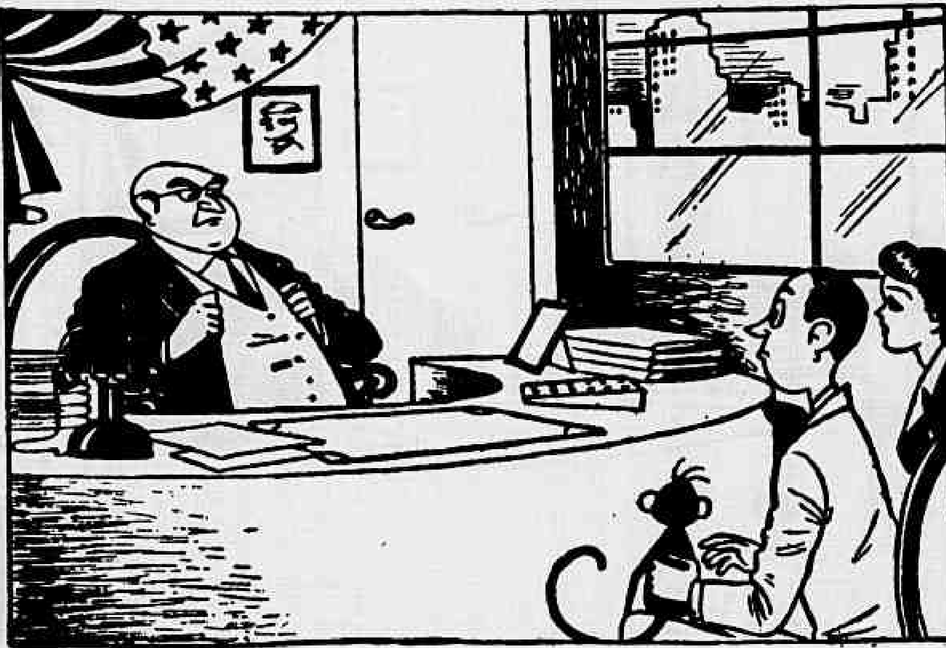
Eis como foi possível o aproveitamento progressivo da parte das águas derivadas do Paraíba e do Piraí, juntamente com as do córrego do Vigário, para reforçar o potencial hidro-elétrico de Ribeirão das Lajes, construído em maio de 1907 e que armazenava 180 milhões de metros cúbicos. Com o aumento de 26 metros na sua primitiva barragem, a capacidade aumentou para 1.052.000.000 metros cúbicos.

O volume de cimento gasto com o Estádio Maracanã é inferior ao que foi utilizado sòmente na construção da elevação da barragem. As obras que estão sendo feitas na Serra do Mar, principalmente, sob a terra, no futuro, servirão para mostrar às novas gerações o espírito realizador da engenharia a serviço do Brasil.

ARABELLE a última sereia



Arabelle e "Flor-Azul" foram ao gabinete do Delegado de Polícia, na firme suposição de que o assunto se relacionava com o assalto verificado no trem.



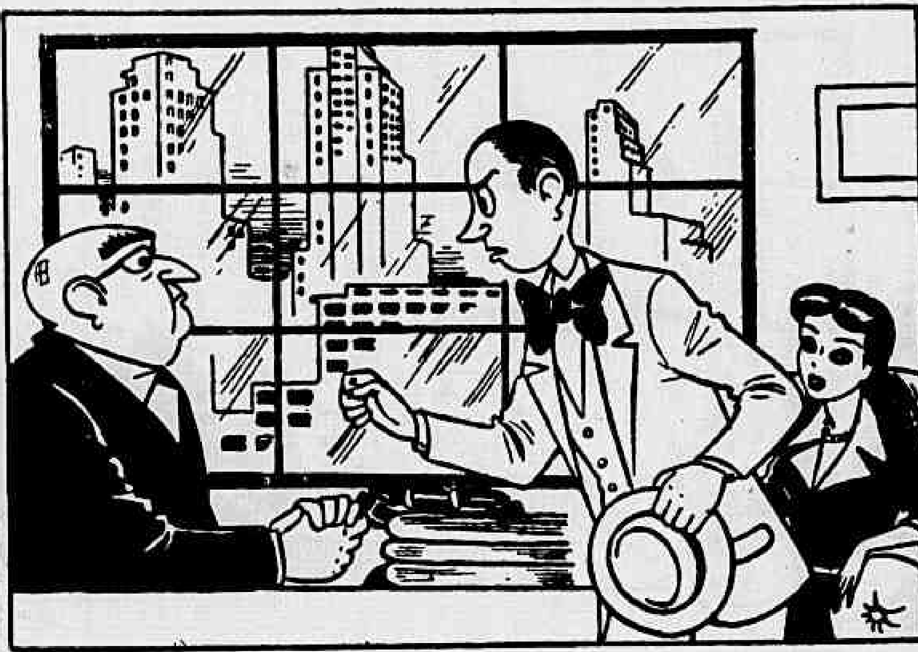
A porta se abre e os detidos entram num vasto salão. Sentado ao seu magnífico "bureau", um cidadão gordo manda-os sentar e os observa atentamente. O macaco Kouki gostaria de mexer com as condecorações; mas...



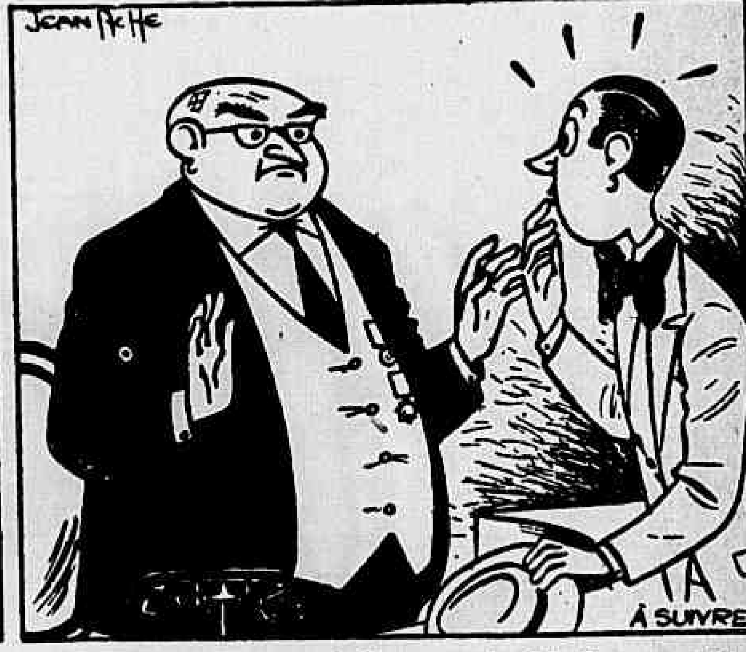
E o delegado disse: — "Fica a senhora proibida de cantar. Sua voz é perigosa, nefasta. Não poderá, dêste modo, cantar em lugar nenhum dêste país..."



— "Ainda há muito mais — prosseguiu êle. — O diretor do "Circo Atômico" exige de vocês uma indenização de cem milhões de dólares, e há uma ordem de prisão..."



Mas, enquanto Arabelle estava quase a chorar, "Flor-Azul" protesta e sustenta que o Circo está chantageando, pois têm um contrato legal. O delegado fica impressionado com a veemência do rapaz...



— "Bem — conclui a autoridade — eu sou forçado a prendê-los; no cárcere poderão ter tempo bastante para estudar a situação em que se encontram e defender-se."



Depois de explicações, o médico responde: "Ah! querem falar a meu pai!" O novo Bimbleton olhava atentamente para a jovem.



"Com certeza é Arabelle, filha adotiva de meu pai! Êle ficou desolado com a sua fuga. Mas vai ficar muito alegre, agora..."



O médico a abraça com afeto, como se o fizesse a uma irmã, enquanto Flor-Azul pisca o ôlho para jovem, achando que tudo vai bem.



O jovem Bimbleton os conduz ao jardim, onde seu velho pai cuidava das flores. Arabelle lhe salta ao pescoço, enquanto Flor-Azul lhe aperta a mão...



Encontra o número e vai à cabine. Disca e a campainha fica a tocar, mas ninguém atende. Arabelle está preocupadíssima.



Após longa ansiedade, alguém responde: "Alô! Sim, é da clínica Bimbleton; uma entrevista? Para Arabelle? Podem vir hoje às 5 horas..."



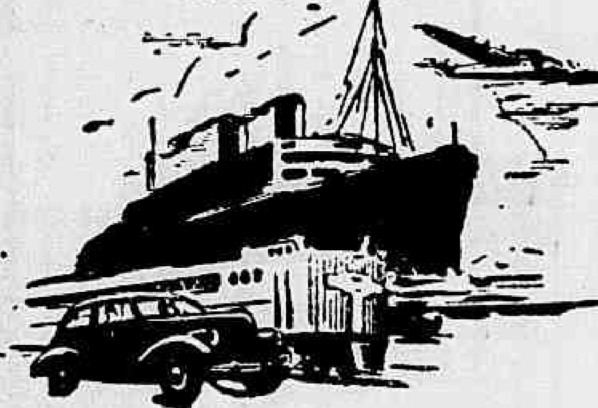
Enquanto esperavam a hora da visita, foram dar um passeio pelo célebre "Chinese Theater", a fim de olharem as marcas dos grandes artistas.



Enquanto êles admiravam as maravilhas de Hollywood, Kouki não se cansava de comparar o tamanho de seus pés com os de King-Kong.

História de VANIA LAURI

Desenhos de JEAN ACHE



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00· Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua **Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.**

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

A SAÚDE DO BEBÊ

Gorduras na alimentação do menino de peito

DR. SABÓIA RIBEIRO

AS gorduras constituem elementos indispensáveis na alimentação da criança. Apenas, como são muitas as espécies de gorduras, há sempre necessidade de proporcionar, delas, as que sejam bem toleradas pelo menino, ou proporcioná-las sob forma adequada para sua perfeita assimilação. A tolerância cresce com a idade. Nos primeiros meses, pode-se dizer que só existe uma boa gordura para a criança: a do próprio leite materno.

Todos os alimentos que substituem êsse leite, ou têm as suas gorduras reduzidas, ou modificadas por certas substâncias que se lhes ajuntam, para boa tolerância pelo menino.

No intuito de reduzir a taxa das gorduras prepara-se às vêzes o leite de vaca, juntando-se água. As diluições, não raro, são excessivas, sendo uma parte leite e duas água, por exemplo.

O resultado é que, em tais diluições, todos os outros elementos do leite, como proteínas, hidratos e sais minerais, são também reduzidos, tornando-se o alimento fraco e incapaz de permitir um desenvolvimento normal da criança, e boas condições de defesa orgânica. A correção das gorduras do leite deve ser procedida de outro modo.

As diluições do leite jamais devem ultrapassar de metade leite, metade água, e nunca uma parte leite e duas partes água. Até três meses, leite ao meio: uma parte leite, uma parte água. Daí e até seis meses, duas partes leite e uma parte água. Acima de seis meses, leite total.

● A correção das gorduras se fará, habitualmente, juntando-se a farinha no preparo das mamadeiras, isto é, juntando-se uma colher de chá bem cheia para cada 100 gramas da mistura leite e água. Cozêr a farinha 5 a 7 minutos numa parte da água ou tôda a água, e reunir ao leite, após: é o chamado *Mingau Lácteo-Farináceo*.

Muitos distúrbios do menino sob regime de leite de vaca provêm de que não lhe preparam as mamadeiras com o acréscimo de farinhas, como devem ser feitas. E muitas vêzes as más condições de sua nutrição são agravadas porque, diante de tais distúrbios, passam às diluições excessivas do leite, insuficientes para cobrir as necessidades do menino.

De modo geral trai-se a má digestão das gorduras pelo endurecimento das fazes, sendo o leite o animal. As fezes têm o aspecto e a consistência de massa de vidraceiro. Muitas vêzes tornam-se logo diarréicas. Se, nestas condições, adicionarmos um pouco de farinhas, corrige-se a dureza das fezes e tudo entra no normal.

As gorduras do leite materno não precisam dêsse corretivo por meios quaisquer. Contudo, existe um grupo de crianças que apresentam distúrbios devidos a uma evidente intolerância a elas. São crianças portadoras de uma anomalia — a diátese exsudativa. A gordura, então, não é suprimida da alimentação, senão corrigida do ponto de vista da sua boa assimilação. E' pela mistura butiro-farinácea que se consegue isso, substituindo o leite materno por êsse alimento.

● Outra alternativa é substituir o leite materno pelo leitelho, pobre em gordura e especialmente indicado nos primeiros meses.

Apenas, como é um leite pobre em gordura, seu emprêgo é naturalmente transitório, adotando-se após um período que pode variar, outro leite em que a cota de gordura normal seja assegurada. Na criança nenhum regime se mantém com supressão prolongada das gorduras. Sua função calórica, no inverno, é evidente. Mas exercem uma função plástica ainda. Elas formam parte integrante da membrana das células (tecidos moles, órgãos), conferindo-lhes impermeabilidade e aumentando a maior fixidez da água em sua intimidade. Com os sais de cálcio asseguram, por essa forma, a verdadeira embebição dos tecidos. Sua ausência prolongada na alimentação, acarreta uma forma de avitaminose A, pois são elas um bom veículo dessa vitamina. Não varia muito a percentagem das gorduras nos diferentes leites. Mas as diferenças qualitativas são notáveis e disso decorre, em grande parte, o grau de sua tolerância pela criança. O manejo das gorduras, no leite, constitui, sem dúvida, o ponto fundamental da dietética do menino de meses.



PARA AS NOITES JUNINAS

UMA fogueira, cocadas, uma sanfona tocando e a nossa festa de São João se desenrola num ambiente de alegria e confraternização.

Apesar de junho ser o «mês mais frio do ano», constitui com suas noites festivas uma nota colorida no meio do inverno, que, felizmente, para nós não é muito sombrio. Nessas ocasiões, trocam-se os costumes e as saias e blusas pelos atavios singelos requeridos por uma festa roceira, a caráter.

Um vestido de chita muito rodado, umas calças compridas ou de pescador, com algum detalhe original, gracioso ou engraçado, e estamos prontas para pular a fogueira ou dançar a noite inteira as rancheiras, quadrilhas e polcas, tão divertidas!

● Escolha para a sua festa de junho um dos modelos que apresentamos nas páginas de moda que seguem: são bonitos e sugestivos; e algumas vêzes estilizados. Vejam o «caipira» desta primeira página. E' a própria Miss Algodão de 1953, Alice Corr, que está usando o traje com muita graça. O figurinista, Korday, inspirou-se em nossos trajes típicos do interior: um pouco do sul (o chale triangular que dá uma vaga idéia de poncho), um pouco do norte (o chapéu de palha franjado) e como resultado criou êste encantador «caipira estilizado».

● Faça-o em lonita listrada, de que há tanta variedade, atualmente, nas lojas especializadas em tecidos. Para as calças, as listras foram usadas verticais. Dois bolsos grandes em diagonal, foram aplicados de um lado e do outro. Uma frente única no mesmo tecido, porém liso, na côr de uma das listras. O chale triangular tem franjas de lã e resulta muito agazalhador para as noites frias desta época do ano. — (Flama)



Festas Juninas





Conjunto de calças 3/4 e bolerinho, em algodão, estampado em quadrados de 2 côres. Sôbre o mesmo pequenas conchinhas e caramujos aplicados, estilização de Tom Drew.

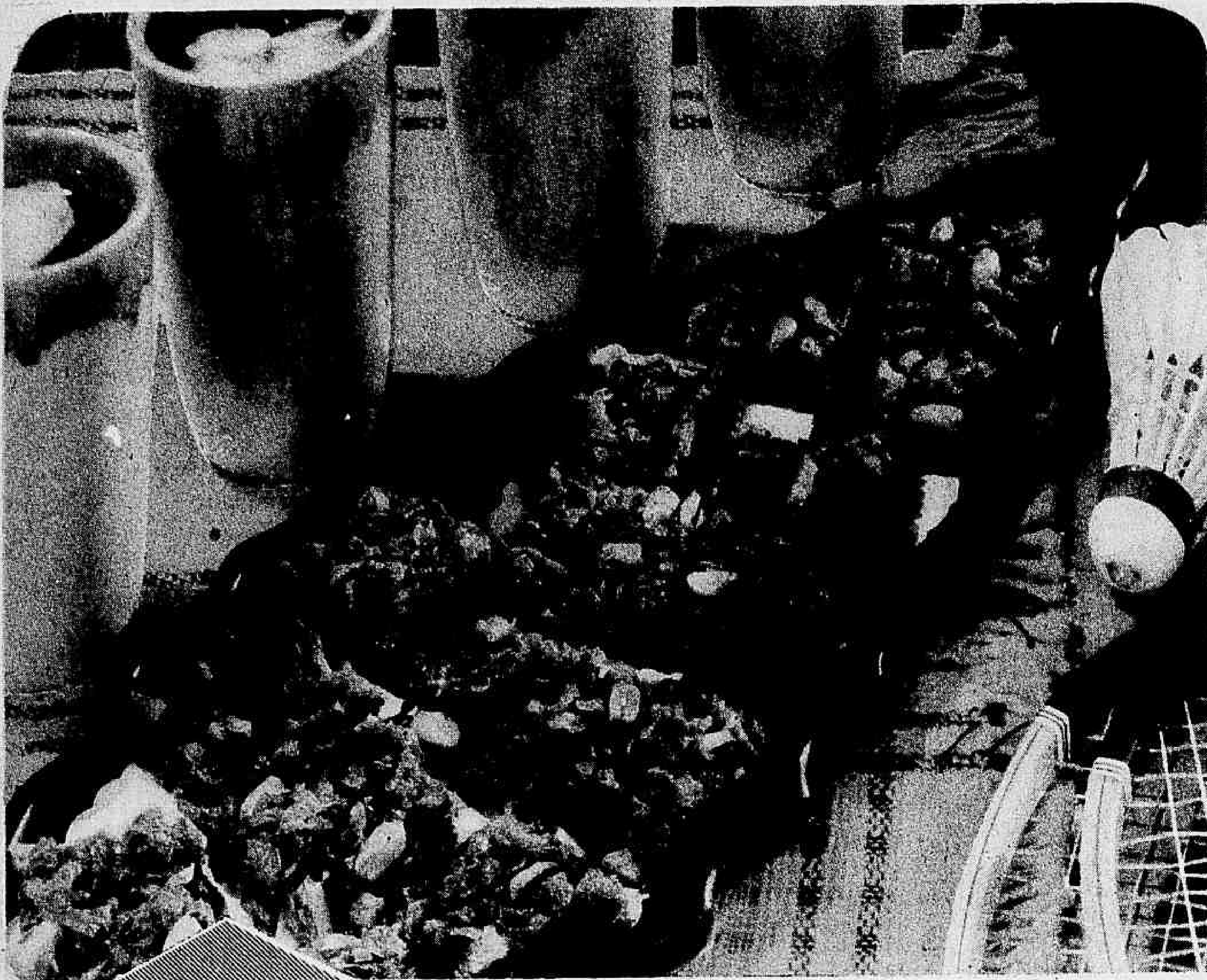
As calças não vão até o tornozelo e nem mesmo têm as duas pernas do mesmo tamanho. A blusinha em algodão xadrez combina com a virada da calça. Criação da Royal Crest. [illegible]

Um vestido encantador, em algodão com «pois», coloridos e dourados entremeados, criado por Alix de Miami, para as danças nas festas «a caráter», que se realizam no mês de junho, nas festas juninas.



WEEK-END NA COZINHA

ESCOLHEMOS algumas receitas diferentes para a sua festa de São João. Se está pensando em reunir alguns amigos para uma noitada festiva, aproveite-as que serão muito apreciadas. Não se esqueça de decorar sua mesa com motivos apropriados, como: bandeirinhas, lanternas e muitos enfeites de papel colorido. — TIA DULCE.



PÉ-DE-MOLEQUE ESPECIAL

● NGREDIENTES

4 xícaras de farinha de milho em flocos (da branca)

1/2 xícara de amendoim descascado e torrado.

1 1/2 xícaras de açúcar mascavo

1/3 de xícara de xarope de milho (glucose)

2 colheres das de sopa, de manteiga ou margarina.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. Ponha a farinha de milho e os amendoins numa tijela grande.

2. Misture o açúcar e o xarope de milho e com êles faça uma calda em fogo lento, misturando com uma colher de pau até que o açúcar tenha se dissolvido e a mistura ferva (cêrca de 5 minutos.)

3. Junte a manteiga ou margarina e misture muito bem.

4. Ponha êsse xarope quente sôbre a farinha de milho e os amendoins misturados, mexendo para que tudo se misture bem.

5. Espalhe em duas assadeiras untadas e onde peneirou farinha de milho (sem flocos.) Deixe esfriar e corte em quadrinhos.

Batatas doces recheadas

● INGREDIENTES

6 batatas doces grandes (para uma festa aumente a receita)

3 colheres das de sopa, de manteiga

1 colherinha de sal

1/3 de xícara de caldo de laranja

1 xícara de pedaços de abacaxi em calda

1/3 de xícara de nozes picadas

3 fatias de pão.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. Asse as batatas em forno moderado, durante quase uma hora. Corte-as pelo meio e retire a massa do centro de cada metade com uma colherinha, sem estragar a casca.

2. Amasse a polpa retirada com 2 colheres de sopa de manteiga, sal e o suco de laranja. Acrescente as nozes e o abacaxi em calda em pedaços.

3. Recheie cada metade de casca de batata doce com a mistura acima. Arrume por cima alguns quadrinhos de pão, nos quais passou manteiga.

4. Leve outra vez ao forno, bem quente, por 15 minutos mais ou menos.

Sirva as batatas doces recheadas sôbre quadrinhos de fôlha de bananeira.

CONSELHOS ÚTEIS

★ Para sua festa de São João, enrole as balas que fizer, em papel bem colorido. Dentro de cada papel de bala ponha uma QUADRINHA ou um dito espirituoso. Divertirão imensamente os seus convidados.

★ As páginas coloridas das revistas em quadrinhos poderão ser recortadas em forma de BANDEIRINHAS para enfeitar sua sala ou seu quintal, nas noites de festas juninas. Ficarão muito originais.

★ Um BÔLO GRANDE, todo enfeitado com bandeirinhas recortadas em papel de alumínio, em diversas côres, constituirá um enfeite bonito e fácil de se fazer para o centro de sua mesa de festa.

★ O SORVETE de creme ou de chocolate ficará delicioso se fôr servido com amendoim, torrado e moído, por cima. Pode forrar pratinhos de barro com fôlhas de bananeira e pôr o servete dentro.

O DIA DOS NAMORADOS

O dia dos namorados é a comemoração mais universal que já se inventou na face da terra. E' a data de todos, homens e mulheres, pois, quem não tem, teve ou espera ter um namorado ou uma namorada.

Para os que têm é a oportunidade de manifestar o amor que dedicam um ao outro, uma oportunidade a mais... digo, pois, todos os dias estão mostrando-se recìprocamente como se estimam, como se amam. No dia 12, porém, véspera de Santo Antônio, o Casamenteiro, isso poderá ter um significado especial, até mesmo provocar um estalo na cabeça do rapaz para que êle se resolva de uma vez a arcar com a responsabilidade mais séria de se amarrar para sempre. Alguns namorados, porém, já estão amarrados e não precisam de estalos. São os maridos «eternos apaixonados» e as espôsas «sempre carinhosas» que não se lembrarão de Santo Antônio, mas, ao ler no jornal ou ao ouvir pelo rádio que é **Dia** dos Namorados se olharão com ternura e serão muito mais amorosos um para o outro. Será preciso que **ouçam** ou **leiam** que é Dia dos Namorados, pois, a não ser que sejam casados de pouco, não tiveram essa data na época do namôro. Não, antigamente não havia Dia dos Namorados. Festejavam a data do primeiro encontro, do primeiro beijo... tudo muito românticamente, mas não o dia de **todos** os namorados de forma universal. No fundo, haverá incongruência maior do que êsse dia? O amor é algo tão íntimo, que só pode ser festejado por motivos muito particulares aos dois amorosos. A data foi criada, porém, e aí está. Uma comemoração a mais só poderá ser benéfica ao amor.

● Os que **já tiveram** um namorado e hoje estão sòzinhos vencendo as etapas da vida sem carinho e sem amor, olharão as vitrinas enfeitadas, lerão os artigos publicados nos jornais, ouvirão as palestras sentimentais pelo rádio e se lembrarão, com saudades, dos tempos em que foram amados. Talvez cheguem em casa e leiam velhas cartas, aspirem a lembrança do perfume de uma flor já sêca, folheiem livros com dedicatórias bonitas e expressivas... e, depois, tenham um belo sonho naquela noite do Dia dos Namorados.

● Resta os que **têm esperança**. São os jovens, muito jovens, que não tiveram ainda sua oportunidade ou aquêles jovens no espírito que esperam por «mais uma chance». Não lerão velhas cartas, nem abrirão caixinhas cheias de recordação. Não sentirão inveja dos que se amam, pois, pensarão, o próximo ano ou daqui a alguns anos eu também poderei festejar essa data com alguém que talvez já tenham até em vista. Na certa já criaram o «tipo ideal» para o eleito, e esperam encontrá-lo... muito breve. São adolescentes de corpo ou apenas de espírito. Para êstes o Dia dos Namorados é o dia daquele ser irreal que lhes povoa a imaginação. Daquela criatura com tôdas as qualidades e nenhum defeito: carinhosa, amorosa, compreensiva, leal... que estas são as mais bonitas qualidades de um namorado! — L.J.



ROMEU E JULIETA ainda hoje constituem o modêlo dos namorados.

Sugestões para o lar





NÃO é muito difícil transformar um quarto antiquado num aposento moderno e de bom gôsto, principalmente se a gente está disposta a comprar uma nova mobília... Um exemplo disso se vê nas duas fotografias que hoje ilustras esta crônica e que apresentam o mesmo quarto antes e depois da transformação, realizada pelos decoradores Hoffmann e Heidrich. Vamos analázá-la: em primeiro lugar, a porta negra foi pintada de branco, o que já deu outro aspecto ao aposento. Também os «apliques» antiquados, na parede em que se apoia a cabeceira da cama, foram retirados. Havendo uma lâmpada sôbre a mesinha de cabeceira resultavam inúteis.

A nova cômoda, muito ampla, com nove gavetas (que maravilha!) não tinha espelho. Colocou-se um na parede, alonga, indo de uma ponta a outra do móvel. Retratos, cacarecos, «potiches», foram eliminados. Apenas a simplicidade de um jarro com flores, dois pequeninos vidros de perfume em cristal e um par de abajurs esguios. O telefone que ficava sôbre a mesinha de cabeceira antiga passou a ser guardado dentro da nova. A lâmpada de cabeceira foi substituída por outra de pé muito fino em metal, com quebra luz em côr pastel. Em vez de travesseiros na cama, empilhados, em rôlo junto à cabeceira. Uma colcha dupla, em dois tons, recobre-a.

Completando o recanto, uma poltrona no estilo dos novos móveis. E... principalmente, nada de malas, bôlsas e chinelos espalhados pelo chão... (NIKE)



Vista aérea da parte flutuante do navio inglês «Duque de York», de cêrca de 4 mil toneladas, depois de atingido pelo americano «Haiti Victory».

PARTIDO EM DOIS!

O NEVOEIRO FOI A CAUSA DO DESASTRE ★ QUATROCENTOS E TRINTA E SETE PASSAGEIROS VIRAM A MORTE A UM PALMO ★ NOS MARES DE HARWICH A SEIS DE MAIO.



Uma pequenina passageiro do Duque de York», chora nervosamente.

O navio de passageiros, «Duque de York», levando a bordo 437 pessoas, além de setenta e dois tripulantes, largara de um pôrto da Holanda a 6 de maio, com destino à Inglaterra. Pelo grande número de crianças e escolares a bordo, o ambiente era de muita alegria. As mães que acompanhavam seus filhos estavam contentes, ao ver seus garotos tão bem dispostos, a brincar, a divertir-se como um bando de pardais em dia de sol; mas, naquele dia o tempo estava perigoso. Densos nevoeiros cobriam as águas e os céus do mar do Norte. Já era noite, quando, em dado instante sentiu-se tremendo choque. O pânico se espalhou pelo barco, enquanto a tripulação procurava restabelecer a calma e preparar os passageiros e a tripulação para o salvamento. Tudo se esclareceu: o «Duque de York», de 4.190 toneladas, fôra abalroado pelo vapor americano «Haiti Victory», de 7.607 toneladas, a 42 milhas ao largo de Harwich. A colisão fôra tão violenta, que o barco inglês foi secionado ao meio, à altura da ponte de comando. A proa submergiu imediatamente, enquanto o resto para a ré, continuava a flutuar. A noite era escuríssima, o que aumentou a aflição de quantos estavam a bordo. A tragédia foi atenuada pelo fato de ter-se partido o navio em um lugar que poupara a morte por esmagamento ou afogamento, a centenas de passageiros. Embora a tripulação se houvesse mantido em grande calma, procurando evitar o pânico, mulheres e crianças não podiam enfrentar o drama, a catástrofe com a morte a um palmo de seus olhos. Felizmente o próprio navio americano e um outro que acorreu ao local do acidente, prestaram salvamento, levando os náufragos aos portos mais próximos da tragédia, enquanto a metade do «Duque de York» era rebocado para o pôrto mais próximo.



Mrs. Turner e os 2 filhos, recebidos pelo espôso, na chegada a Londres.



Duas mães chegam a Londres sãs e salvas com seus dois garotinhos.



Após o pesadelo do naufrágio, Mrs. Millie sorri para os parentes e amigos.



Mr. Arthur Goodman, um dos feridos, desembarca no pôrto de Dover.

PORTINARI



«Quase chorei de vergonha, vendo as incríveis lágrimas do quadro 19", escreveu um crítico. Portinari, entretanto, contempla extasiado a sua célebre obra prima, «MENINO MORTO».



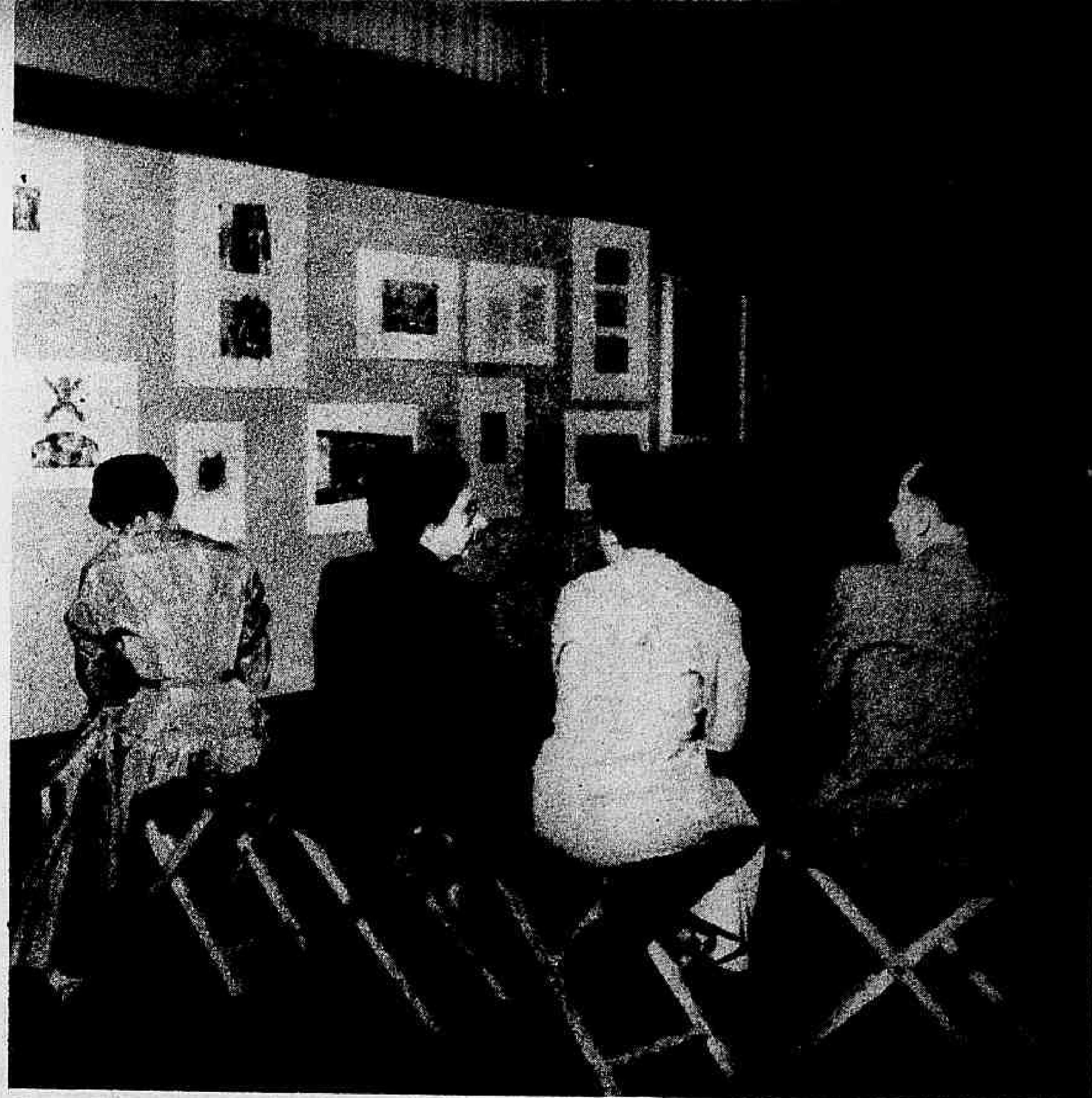
JULGADO PELO POVO!

O MELANCÓLICO DESTINO DA ARTE MODERNA NO BRASIL ★ TRÊS GRUPOS ★ IGNORANCIA E VONTADE DE APRENDER ★ DIFICULDADES AOS MOÇOS ★ A FALTA DOS CHAPÉUS ELEGANTES... ★ ARTISTAS E POVO NÃO MARCHAM JUNTOS.

Reportagem de EDMAR MORÉL **Fotos de ADIR VIEIRA**



O garotinho pede explicações aos pais, interessado pela pintura moderna.



Nem todos olham as telas de frente. Uns, ficam de lado, outros, de banda...



«Que tal? Gostou ou não dos quadros de Portinari?» Êste não quis falar.



«Papai, aquêle menino (Menino Chorando) parece que está com fome!»

SANTA Rosa andou certo quando afirmou: — O artista moderno perdeu o contato das massas. No século XIX o seu antagonista era o burguês. No século XX o seu drama é maior, porque o seu inimigo é a multidão.

Na verdade, a partir de 1900, Van Gogh, que em julho de 1890 mete uma bala no coração, na Holanda, Gauguin e Cézanne já eram nomes conhecidos na Europa, através de uma pintura que enchia o «mundo da arte de estranhos fantasmas de uma orquestração inaudita de côres, e de formas livres.»

Picasso, chegado de Barcelona, sentia a influência de Toulouse Lautrec e Paris apedrejava as primeiras telas de uma «escola de loucos», muito embora o conceito de Leonardo Da Vinci: «Arte é coisa mental», servisse de base aos discípulos de Cézanne, cuja arte foi o limiar da idade nova.

Meio século depois, no Brasil, onde a chamada pintura moderna chegou em 1912, com uma exposição do jovem arrebatado Lazar Segall, a arte moderna ainda continua divorciada do público que aflui aos «Salões» e fica boquiaberto ante as ricas molduras dos quadros bíblicos ou verde-amarelo de

«Diante da obra fabulosa de Cícero Dias, meus olhos entendem tudo.» — (Zelins).

PORTINARI JULGADO PELO POVO

— Da arte dos pintores eu só entendo o que regala os meus olhos, aquilo que posso ver sem procurar auxílio de teorias ou de sabedorias. Assim me coloco diante da obra fabulosa de Cícero Dias. (O leitor, mesmo entendido em pintura, encontrará um bom regalo na reprodução de Cícero Dias nesta reportagem).

Por sua vez, um crítico que coloca a sua intolerância religiosa e o ódio político acima da verdade, disse:

— «A arte de Portinari é vazia e só serve para fazer propaganda do comunismo.»

E a massa perdida no anonimato, o povo, aprecia Portinari?

No livro de visitas do Museu de Arte Moderna estão os desabafos.

Vera de Sant'Ana escreveu:

— «Vi os quadros de Portinari tomada de emoção. Emoção que, em algumas telas, me fêz chorar.»

David Alves afirmou:

— «Inteiramente de acôrdo.»

Mas um outro cidadão — nome ilegível — pensou ao contrário:

— «Quase chorei de vergonha, vendo as incríveis lágrimas do quadro 19.»

Trata-se da tela «Menino Morto», da série de Retirantes, coleção do Museu de Arte de São Paulo, pintada em 1944.

M. Cardoso foi sereno:

— «Não me agrada esta espécie de pintura.»

Plácido Silva foi franco:

— «Jôgo de côres de belo efeito. A objetividade escapa aos meus conhecimentos.»

Um norte-americano redigiu:

— «God, Have Mercy of these artists.»

Aí um brasileiro retrucou:

— «Bem-aventurados os pobres de espírito, amen...»

G. V., por sua vez, aconselhou:

— «Sugiro que sejam ampliadas e expostas as páginas do livro de impressões e encaixotados os quadros.»

Mas Álvaro Groff, depois de ver o quadro «Ceia», tela de 2,15x3,76, pintada em 1949 e que está em Cataguazes, redigiu:

— «Da Vinci! Que mal fizeste a Deus para Portinari pintar a Ceia?»

H. Cordeiro aproveitou um pequeno espaço e exaltou:

— «Eu sabia que Portinari era grande. Hoje, ao apreciar os seus quadros, me convenci de que é um gênio. O Brasil possui um grande artista.»

Outros não pensam assim, como E. Figueiredo:

— «Paguei cinco cruzeiros e entrei no Museu. Para entendê-lo teria que comprar um catálogo por 30 cruzeiros. Preferi ficar sem compreender.»

Na verdade, o público reduzido que aflui aos Museus de Arte Moderna devia ter entrada franca, em particular no Museu do Rio, que vem de ga-

Oswaldo Teixeira, coisa que explora o sentimento religioso e cívico do povo.

Os milhares de brasileiros que visitam o Louvre, em Paris, e o National Gallery, de Londres, levados pelos agentes de hotéis, só falam em Da Vinci; Poussin, Manet, Murilo, Mignard, Rembrandt, Rafael e Uccello, como originalidade do final do século XIV...

Os modernistas, ausentes dos museus famosos da Europa, que atraem legiões de forasteiros de todos os recantos do mundo, continuam, como disse Santa Rosa, desconhecidos pelo público.

PORTINARI

Daí a importância da mostra de 100 telas de Cândido Portinari, o nosso pintor moderno, por excelência.

Acontece que Portinari é comunista, possìvelmente excomungado, porém, os seus quadros da Via Sacra e a própria Ceia tiveram, em parte, a aprovação da Igreja... Para isto basta ler Dom Gerardo Martins, O.S.B.: «Não quero dizer que tôda a obra religiosa de Portinari possa ser posta na Igreja. Para estas há certas exigências que a Igreja determina. O que não quer dizer que para muitos sua pintura de inspiração religiosa não esteja repleta de sentimentos de grande elevação que nos ergam para Deus e nos inclinam à caridade para com o próximo.»

Na Rússia, por exemplo, as audaciosas linhas arquitetônicas de Oscar Niemayer e a pintura de Portinari não são aceitas. Em Moscou ouvi de um desenhista soviético:

— Na U.R.S.S., ao contrário do Brasil, os artistas não marcham à frente do povo. Acompanhamos a evolução das massas, num trabalho ombro a ombro. E' possível atingirmos as linhas modernas, porém, chegaremos juntos: artistas e povo.

Nos Estados Unidos, o país que mais combate o comunismo, os murais de Portinari decoram o edifício da ONU e a Biblioteca de Washington. A arte não tem côr política, nem religiosa.

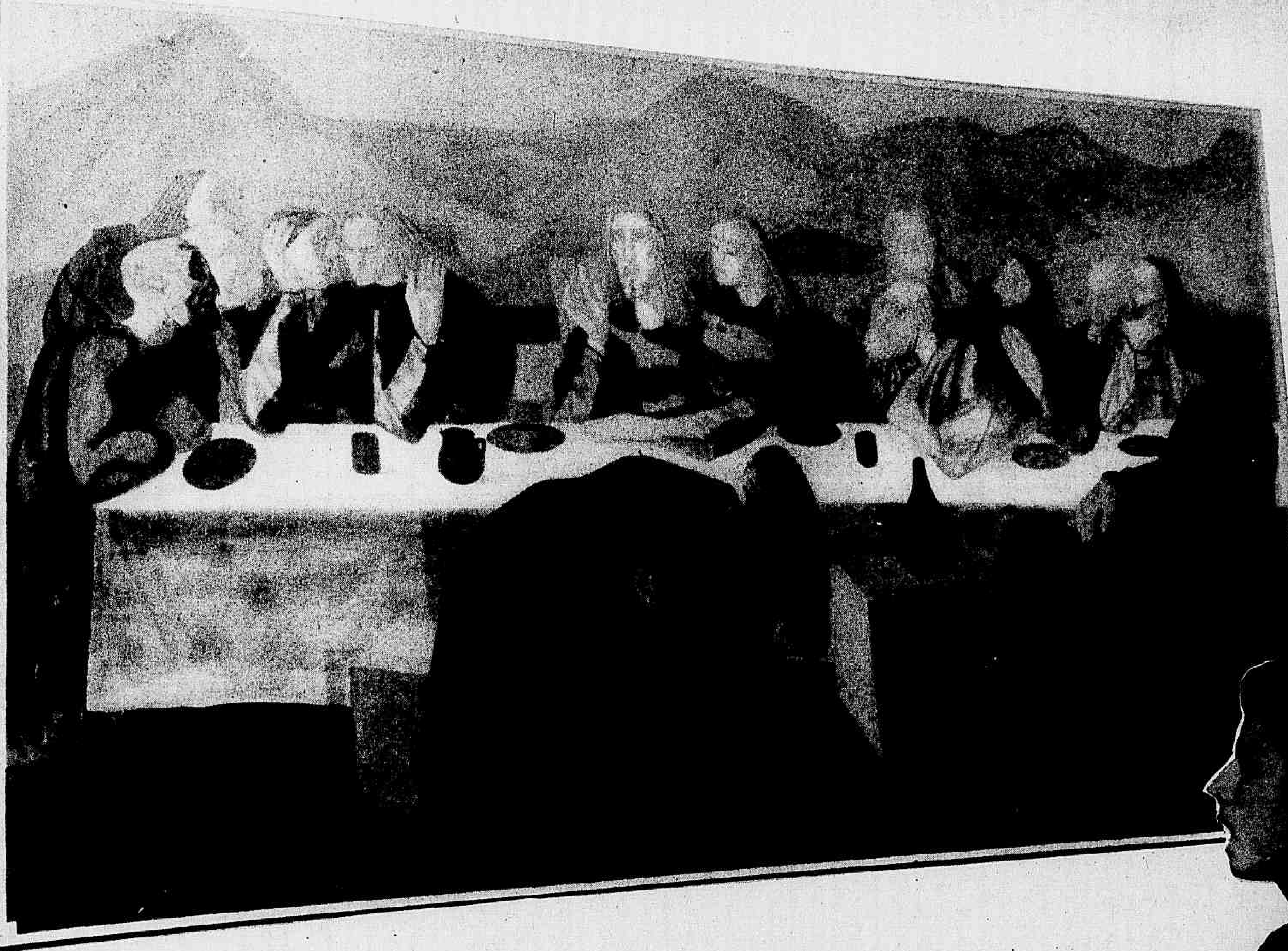
Em nosso país, por falta de museus e de educação artística, a pintura moderna está entre três grupos perfeitamente distintos: um reduzido número de pessoas entendidas e que apreciam o princípio de Cézanne; uma legião completamente ignorante do assunto, com ninguém para explicar, e, finalmente, um aglomerado de farsantes que aplaudem por grã-finismo, certos de que assim, também, são modernos, quando não passam de pobres diabos de espírito.

O POVO

Sabemos como é feita a crítica. José Lins do Rêgo, **doublé** de escritor e empresário fracassado de futebol, depois de ver um quadro de Cícero Dias, escreveu no álbum do compadre:



Êste garôto, para visitar o Museu, pagou entrada e não teve um cicerone. Não teve um cicerone e ficou vagando desorientado pelo grande salão. A Arte Moderna terá ganho com isto?





«Leonardo Da Vinci! Que mal fizeste a Deus, para que Portinari pudesse pintar a Ceia?»

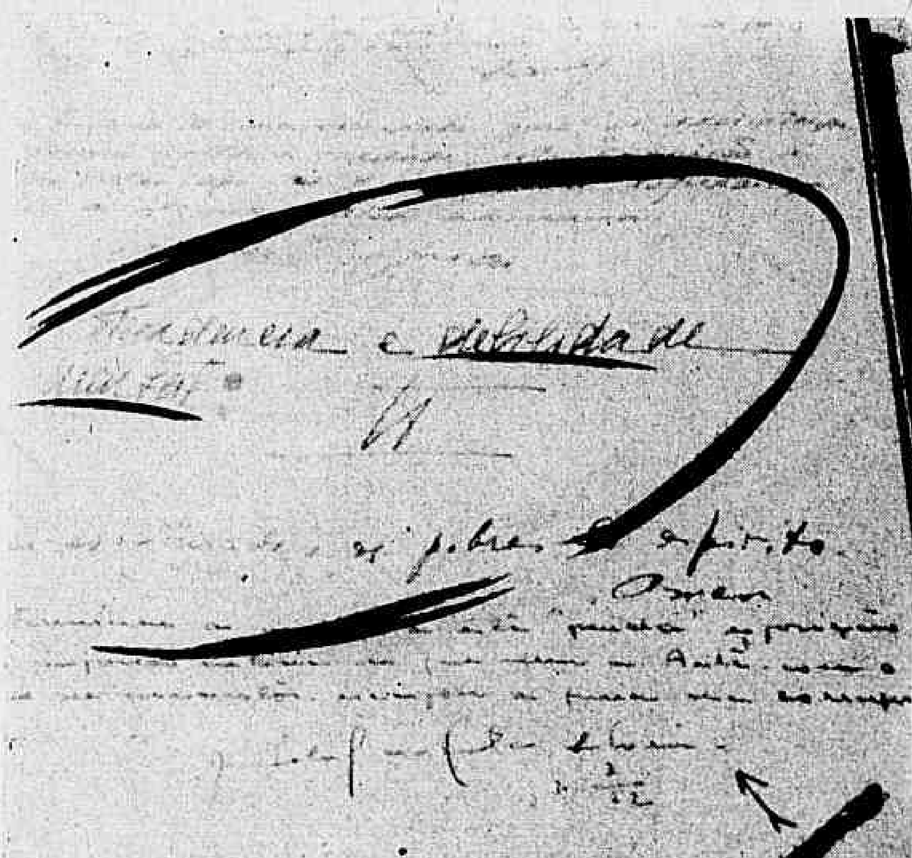
nhar, de mão beijada, dez milhões de cruzeiros do Tesouro Nacional. Não se justifica, de maneira alguma, o estudante pagar entrada e muito menos comprar um catálogo por 30 cruzeiros, quando a referida publicação foi editada sob os auspícios de emprêsas comerciais. Mais grave ainda é a venda de «Cadernos de Cultura», distribuídos gratuitamente pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, em cujo edifício funciona o Museu, sem pagar aluguel.

Afastados das maiores «Galerias» do mundo, os artistas modernos, no Brasil, continuam isolados da multidão, principalmente da mocidade. Nem todo jovem possui 35 cruzeiros para penetrar no Museu e adquirir um catálogo, sem dúvida, um magnífico roteiro, um despertar de idéias novas, enfim, um catecismo da Arte Moderna que há meio século pena neste mundo de poucos entendidos e de milhões de farsantes, 50 por cento de grã-finos, sem educação artística de espécie alguma e que

(Cont. na pág. 40)



«A Arte Moderna significa besteira da grossa.» Será isto falta de gôsto ou sinceridade?



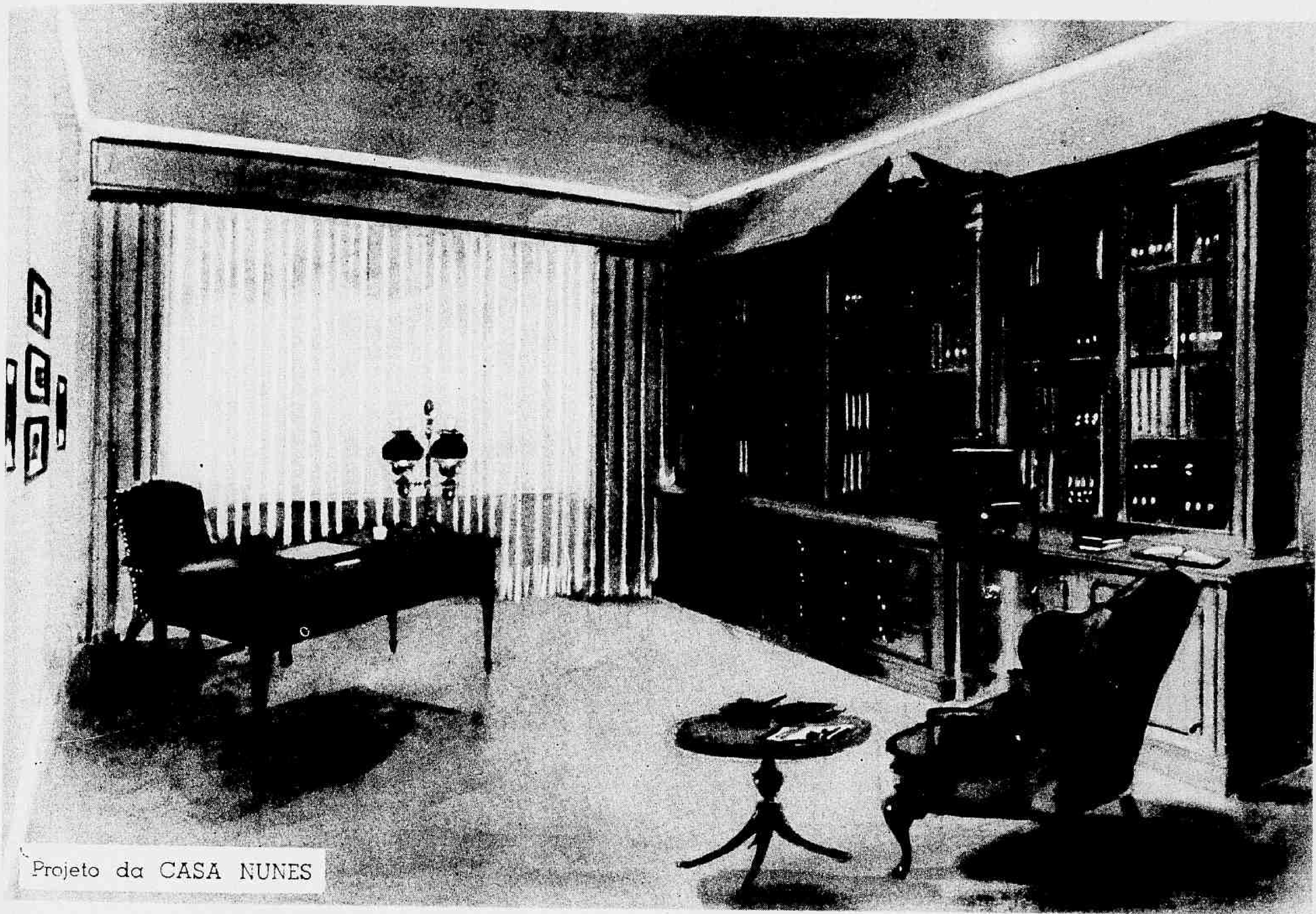
«Bem aventurados os pobres de espírito.» — resposta de um brasileiro a um «ianque»



ÚLTIMO FLASH

A semana que findou foi marcada por dois fatos policiais de grande sensação. O estrangulamento de um príncipe, cujo feudo era uma favela, e a tragédia num recanto romântico da estrada da Gávea, entre uma senhora casada, seu espôso, amigos dêste e o amante. A imprensa diária já publicou o conflito em tôdas as minúcias; mas vamos aproveitar o momento para estampá-lo como «último flash» da semana, com o resumo do lutuoso acontecimento. Desde muito o delegado Nilton Bonilha desconfiava do procedimento de sua mulher, d. Maria Lúcia. Para obter um flagrante e proceder ao desquite ficando com os filhos, o marido ultrajado, informado por um detective, que a espôsa infiel estava em local tipo «ninho de amor», para lá seguiu em companhia do comissário Raul Campos Gay e do detective Jaime Sena Carioca. Era pelo domingo, 24 de maio, à tarde. Chegados ao local, foram ao aposento indicado por um empregado do hotel, dando-se a tragédia. Há diversas versões, não se tendo apurado quem disparou o primeiro tiro. Do encontro caíram ao solo feridos, o delegado, que faleceu no Hospital Miguel Couto; o comissário, que, ao escrevermos esta nota, só resistira três dias, morrendo também, e o próprio conquistador da senhora Bonilha, o advogado mineiro João de Alencar Ataíde, mas sem gravidade. Da. Maria Lúcia, na foto que ilustra está página, está sendo amparada pelo seu parente, deputado Moura Brasil, que evitou cenas de violência de pessoas da família dos policiais feridos contra a mulher do delegado traído e assassinado.

MÓVEIS – TAPÊTES – CORTINAS





Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

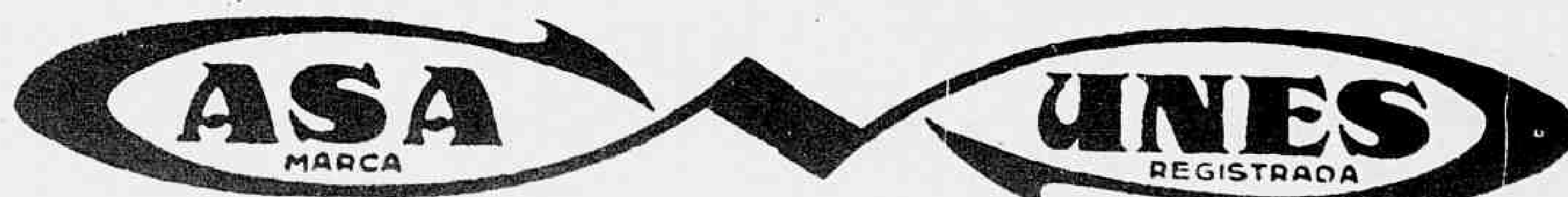
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

VENDAS À VISTA E A PRAZO



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Nada supera o prazer de fumar Hollywood

Cigarros Hollywood

C.ia DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO

Hollywood
20

CIGARROS

hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-58 209